



Rainhas do Romance

Traição

MAYA BANKS

*Autora da lista de best sellers do *The New York Times**

Edição 89

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Querida leitora,

Traição é o começo da trilogia dos irmãos Anetakis, Chrysander, Theron e Piers. Nesta história nós conhecemos Marley Jameson, que luta para lembrar do passado que teve com o belo e enigmático CEO da Anetakis International, enquanto Chrysander se vinga da suposta traição dela.

Por mais que Chrysander queira se distanciar da mulher que carrega seu filho, é impossível controlar sua atração por Marley. Como ele pode amar a pessoa que tentou destruí-lo? E o que acontecerá quando ela se lembrar de tudo?

Essas perguntas são a pedra fundamental desta emocionante história sobre traição, amor e perdão. Espero que você goste da jornada de Marley e Chrysander rumo a um final feliz!

Maya Banks

MAYA
BANKS

TRAIÇÃO

Tradução
Vera Vasconcellos



2014

Capítulo 1

GRAVIDA.

Apesar do calor do dia de verão, um incômodo calafrio percorreu a pele de Marley Jameson no momento em que ela se sentou no banco do pequeno jardim, a poucos quarteirões do apartamento que dividia com Chrysander Anetakis.

Um tremor a sacudiu mesmo quando os raios solares incidiam sobre os dedos que ela fechava com força, o calor incapaz de lhe dissipar os arrepios. Seu breve desaparecimento não agradaria a Stavros. Tampouco a Chrysander, quando o guarda-costas lhe contasse que ela não seguira as medidas de segurança. Contudo, arrastar aquele necessário brutamontes para sua consulta com o médico não lhe parecera uma opção. Chrysander teria ficado sabendo da gravidez antes de ela retornar e lhe contar.

Como ele reagiria àquela notícia? Apesar de terem tomado precauções, estava com oito semanas de gravidez. A ocasião mais provável que podia imaginar fora quando Chrysander voltara de uma longa viagem de negócios ao exterior e se mostrara insaciável. Mas ela correspondera com o mesmo entusiasmo.

Um intenso rubor dissipou o frio em seu rosto enquanto se recordava da noite em questão. Chrysander fizera amor com ela incontáveis vezes,

murmurando palavras suaves em grego, que fizeram seu coração executar acrobacias dentro do peito.

Marley verificou a hora no relógio de pulso. Ele chegaria em casa dentro de poucas horas, e, ainda assim, a covardia a imobilizava naquele lugar por temer uma discussão. Ainda não havia trocado a calça jeans desbotada e a camiseta, trajes que usava apenas na ausência de Chrysander.

Com uma relutância originada da insegurança, Marley se forçou a levantar e começou a cruzar a curta distância até o prédio luxuoso que abrigava o apartamento de Chrysander.

– Está sendo tola – resmungou ela à medida que se aproximava da entrada. Se o porteiro se surpreendeu ao vê-la chegar a pé, não demonstrou, embora tenha se apressado a admiti-la dentro do prédio.

Ao entrar no elevador, ela acariciou o abdome ainda plano. O nervosismo lhe apertando o peito durante a subida. Quando o elevador estacou com um solavanco suave e as portas se abriram para o espaçoso saguão da cobertura, ela mordeu o lábio inferior e saiu.

Em seguida, se encaminhou à sala de estar, se livrando dos sapatos durante o percurso até o sofá, onde pousou a bolsa. A fadiga lhe triturava os músculos, e tudo o que desejava era se deitar. Contudo tinha de matutar uma forma de abordar o assunto sobre seu relacionamento com Chrysander.

Alguns dias atrás, diria que estava totalmente satisfeita, mas o resultado do exame de sangue daquele dia a deixara abalada. Fizera-a refletir sobre os últimos seis meses que vivera com Chrysander.

Amava-o com toda a força de seu coração, mas tinha certeza do lugar que ocupava na vida dele. Quando estava ao seu lado, ele parecia ardente. O sexo era fantástico. Mas agora tinha de pensar em seu bebê. Precisava mais do que sexo excitante nas semanas em que a agenda atribulada do homem que amava permitia.

Marley penetrou na ampla suíte e estacou quando Chrysander saiu do toalete, com apenas uma toalha lhe envolvendo os quadris.

Um sorriso lento se formou no belo rosto másculo. Todas as vezes que pousava o olhar naquele homem tinha a mesma sensação da primeira vez.

Arrepios lhe percorriam a pele, e labaredas lhe lambiam todas as terminações nervosas.

– Che... chegou cedo. – Ela conseguiu dizer.

– Estava esperando por você, *pedhaki mou*. – Chrysander retrucou com voz rouca.

Em seguida, deixou a toalha cair, fazendo-a engolir em seco quando fixou o olhar na potente ereção. Com passos predatórios, ele fechou rapidamente o espaço que os separava. As mãos longas se curvaram sobre os ombros delicados, ao mesmo tempo em que ele inclinava o rosto para lhe saquear os lábios.

Marley deixou escapar um leve suspiro enquanto sentia os joelhos cederem. Ele era como um vício. Um do qual poderia nunca se saciar. Tudo que Chrysander tinha a fazer era tocá-la para que ela se consumisse em paixão.

Os lábios experientes escorregaram da mandíbula de Marley para lhe tocar a pele do pescoço. Os dedos longos e impacientes, tentando livrá-la da blusa. Como se tivessem vida própria, as mãos de Marley se fecharam em torno dos cabelos pretos, puxando-o para perto.

Forte, esbelto, musculoso. Um predador deslumbrante. Ele se movia com graça e maestria, dedilhando-lhe o corpo como um instrumento perfeitamente afinado.

Quando Chrysander a inclinou na direção da cama, ela se agarrou ao pescoço largo.

– Está com muitas roupas – murmurou ele enquanto lhe retirava a camiseta pela cabeça.

Marley sabia que deviam parar. Precisavam conversar, mas sentira a falta daquele homem. Ansiara por ele. E talvez uma parte de si desejasse aqueles momentos, antes que tudo mudasse de forma radical.

Chrysander lhe retirou o sutiã, e ela ofegou quando os dedos ávidos lhe tocaram os mamilos agora ultrassensíveis. Estavam escurecidos, e Marley imaginou se ele perceberia.

– Sentiu saudades?

– Sabe que sim – respondeu ela ofegante.

- Gosto de ouvir você dizer isso.
- Senti saudades. – Marley cedeu com um sorriso a lhe curvar os lábios.

Não deveria surpreendê-la a rapidez com que Chrysander a despiu, atirando o jeans, o sutiã e a calcinha pelo chão. E então, o corpo musculoso pairava acima dela, sobre ela, dentro dela.

Marley arqueou as costas enquanto ele a possuía, colando-se à estrutura sólida e quente daquele corpo musculoso, durante todo o tempo em que faziam amor. A paixão excitante e ardente. Era sempre assim. A um passo do desespero. O desejo um pelo outro os consumindo por inteiro.

Ao mesmo tempo em que a puxava para os braços, Chrysander sussurrava em grego. As palavras lhe roçando a pele como uma carícia enquanto atingia o ápice do prazer. Marley se aninhou ao corpo forte, feliz e saciada.

Devia ter dormido, porque quando abriu os olhos, Chrysander estava deitado a seu lado, o braço estirado de maneira possessiva sobre seus quadris. Ele a observava com os olhos dourados ardentes pelo prazer da saciedade.

Aquele era o momento certo. Precisava abordar o assunto. Nunca encontraria melhor ocasião. Por que o pensamento de questioná-lo sobre aquele relacionamento lhe enchia o coração de receio?

- Chrysander – começou em tom de voz suave.

- O que é? – Ele perguntou espremendo o olhar. Teria percebido a preocupação em seu tom de voz?

- Preciso conversar com você.

Esticando o corpo avantajado, ele recuou alguns centímetros para poder olhá-la melhor. O lençol escorregou até os quadris retos e se amarfanhou lá. Marley se sentiu vulnerável, exposta e trêmula quando a mão longa escorregou pela superfície de um de seus seios?

- Sobre o que quer conversar?

- Sobre nós – retrucou ela concisa.

Os olhos dourados de Chrysander se tornaram desconfiados, mas logo em seguida, ocultaram qualquer emoção. O rosto se transformando em uma

máscara de indiferença, que a assustou. Podia senti-lo recuando, mentalmente se afastando dela.

O som da campainha a faz se sobressaltar. Chrysander xingou em voz baixa e esticou a mão para apertar o botão do interfone.

– O que é? – perguntou sucinto.

– É Roslyn. Posso subir?

Marley sentiu o corpo enrijecer ao som do nome da assistente de Chrysander. Era quase noite e ainda assim a mulher estava lá, tocando na campainha do que ela sabia ser o apartamento que o patrão dividia com a amante.

– Estou muito ocupado no momento, Roslyn. Certamente isso pode esperar até eu chegar ao escritório amanhã.

– Sinto muito, senhor, mas não pode. Preciso de sua assinatura em um contrato que está sendo esperado para as 7h.

Chrysander soltou outro xingamento baixo.

– Então, entre – convidou, atirando as pernas pela lateral da cama e se levantando. Em seguida, caminhou até o guarda-roupa de mogno lustroso e de lá retirou uma calça comprida e uma camisa.

– Por que ela vem aqui com tanta frequência? – perguntou Marley em tom de voz calmo.

– Ela é minha assistente – retrucou, dirigindo-lhe um olhar surpreso. – É sua função trabalhar em conjunto comigo.

– Em sua residência?

Chrysander fez um movimento negativo com a cabeça enquanto abotoava a camisa.

– Voltarei dentro de um minuto e poderemos ter nossa conversa.

Marley o observou sair do quarto, com o peito ainda mais apertado. Sentiu-se tentada a deixar aquela discussão para outra noite, mas tinha de lhe contar sobre a gravidez e, para isso, precisava saber quais eram os sentimentos de Chrysander em relação a ela. O que ele pensava sobre o futuro de ambos. Portanto, teria de ser aquela noite.

A ansiedade de Marley aumentava à medida que os minutos escoavam. Não desejando a desvantagem da nudez, se ergueu da cama e vestiu o jeans e

a camiseta. Bastava de parecer composta e bela!, pensou, tristonha, com um gesto negativo de cabeça.

Por fim, ouviu os passos de Chrysender do lado de fora da suíte e o viu entrar com a testa franzida em uma expressão distraída. Quando pousou o olhar nela, retorceu os lábios em desaprovação.

– Prefiro-a nua, *pedhaki mou*.

Marley exibiu um sorriso trêmulo e voltou para a cama.

– Tudo bem no trabalho?

Chrysender fez um gesto negligente com a mão.

– Nada que não tenha sido resolvido. A falta de uma assinatura. – Ele caminhou com passadas firmes até a cama, com um brilho predador no olhar. Quando se encontrava a 30cm de onde ela estava, estacou e esticou a mão para os botões da blusa da camisa.

– Chrysender... precisamos conversar.

Uma expressão aborrecida se estampou no belo rosto másculo, mas logo em seguida ele deixou escapar um suspiro resignado, sentando-se na cama ao lado dela.

– Então, fale. O que a está preocupando?

A frieza de Chrysender quase a fez desistir. Ela se recostou para trás na cama em uma tentativa de colocar alguma distância entre os dois.

– Quero saber o que sente por mim, como vê nosso relacionamento – começou nervosa. – E se temos um futuro.

Marley ergueu o olhar para lhe captar a reação. Os lábios sensuais se apertaram em uma linha fina.

– Então, é isso – disse ele em um tom de voz severo.

Em seguida, se levantou e virou-se de costas para ela, antes de tornar a girar para encará-la.

– Is... isso o quê? Apenas preciso saber o que sente por mim. Se temos um futuro. Nunca fala sobre nós em nenhum tempo a não ser o presente – concluiu tímida.

Chrysender se inclinou para a frente e lhe segurou o queixo.

– Não temos um relacionamento. Não sou afeito a relacionamentos, e você sabe disso. Considero-a minha amante.

Por que sentia como se ele tivesse acabado de esbofeteá-la? O queixo de Marley pendeu sobre a mão longa enquanto ela o encarava como os olhos arregalados pelo choque.

– Amante? – Marley grasniou. Uma companheira com quem vivia. Uma namorada. A mulher com quem ele estava saindo. Aqueles eram termos que ele poderia ter usado. Mas amante? Uma mulher que comprara? Uma mulher a quem pagava para ter sexo? A náusea lhe chegou à garganta. Marley afastou a mão com força e cambaleou, recuando para trás. Uma expressão confusa se estampou no rosto de Chrysander. – Isso é realmente o que significa para você? – perguntou ainda perplexa, incapaz de compreender a declaração que ele fizera. – Uma am... amante?

Um suspiro exasperado escapou dos lábios de Chrysander.

– Você está nervosa. Sente-se que vou lhe trazer algo para beber. Tive uma semana difícil e é óbvio que você não está bem. Não será bom para nenhum de nós prosseguir com essa discussão.

Chrysander a levou de volta à cama e, em seguida, saiu da suíte, em direção à cozinha. Após uma longa semana armando ciladas para a pessoa que estava tentando trair sua empresa debaixo de seu nariz, a última coisa de que precisava era uma discussão histérica com a amante.

Encheu um copo com o suco favorito de Marley e, em seguida, preparou uma boa dose de conhaque para si mesmo. O início de uma dor de cabeça começava a incomodá-lo.

Um sorriso lhe curvou os lábios quando se deparou com os sapatos de Marley no meio do chão, onde ela os havia largado tão logo saísse do elevador. Chrysander seguiu a trilha das coisas deixadas por ela até o sofá, onde a bolsa se encontrava jogada.

Marley era uma criatura tranquila. Nunca se mostrava exigente. Portanto, aquela explosão emocional o pegara de surpresa. Aquilo não combinava em nada com ela. Marley não era pegajosa, motivo pelo qual aquele relacionamento perdurara. Relacionamento? Acabara de negar que tivessem um. Ela era sua amante.

Deveria ter suavizado a resposta que lhe dera. Provavelmente Marley não estava se sentindo bem e precisava de um pouco de ternura de sua parte. O

pensamento fez suas feições contraírem, mas ela sempre estava pronta para confortá-lo após semanas de viagens de negócios e reuniões entediadas. Era justo que ele lhe oferecesse mais do que sexo. Embora o sexo com Marley figurasse no topo de sua lista de prioridades.

Chrysander girou para voltar ao quarto e tentar contornar aquela situação, quando um pedaço de papel que saltava para fora da bolsa de Marley lhe chamou atenção. Estancando, franziu a testa e pousou as bebidas na mesa de centro.

O medo lhe fez contrair o peito. Não podia ser.

Esticou a mão e arrancou o papel da bolsa, abrindo-o com um movimento brusco, enquanto a raiva, quente e volátil, se derramava em suas veias. Marley, *sua* Marley, era a traidora dentro de sua empresa?

Chrysander queria negar o fato. Amassar a prova e atirá-la no lixo. Mas a tinha diante de si, encarando-o. A informação falsa que plantara naquela mesma manhã na esperança de encontrar a pessoa que vendera os projetos sigilosos da empresa para seu concorrente havia sido levada por Marley. Ela não perdera tempo.

De repente, tudo se tornou claro. Seus planos de construção começaram a desaparecer na mesma época em que Marley se mudara para a cobertura. Ela continuara a trabalhar para sua empresa e, mesmo depois de ele tentar convencê-la a se demitir para lhe dedicar tempo integral, Marley ainda tinha acesso irrestrito ao seu escritório. Que tolo fora!

O telefonema de Stavros horas antes se alojou na mente de Chrysander como uma adaga. Na ocasião, sentira-se apenas levemente aborrecido, uma questão que planejava discutir com Marley quando a encontrasse. Pretendia lhe passar um sermão sobre atitudes negligentes, sobre segurança, quando, na verdade, era ele que não estava seguro na companhia de Marley. Ela fora ao escritório dele e, em seguida, desaparecera por várias horas. E agora, os documentos de sua empresa apareciam na bolsa que ela estava usando.

Com os papéis apertados em uma das mãos, saiu pisando duro na direção do quarto para encontrá-la ainda sentada na cama. Ela girou o rosto úmido pelas lágrimas para encará-lo, e tudo que Chrysander conseguiu enxergar foi o quanto aquela mulher fora hábil em manipulá-lo.

– Quero-a fora de meu apartamento dentro de 30 minutos – disse sem rodeios.

Marley o encarou, chocada. Teria ouvido corretamente?

– Não entendo – retrucou com a voz estrangulada.

– Tem 30 minutos para juntar suas coisas, antes que eu acione a segurança para colocá-la para fora.

Marley se ergueu em um pulo. Como tudo pudera sair tão errado? Ainda nem havia lhe contado sobre a gravidez.

– O que há de errado? Por que está tão zangado comigo? Foi por causa de minha reação ao ouvi-lo me rotular como sua amante? Foi um grande choque para mim. Achei que significava mais do que isso para você.

– Agora só lhe restam 28 minutos – insistiu ele, com frieza, erguendo a mão com várias folhas de papel amarrotadas – Como foi capaz de pensar que poderia levar isso a cabo? Acha mesmo que eu toleraria sua traição? Não tenho a menor compaixão com traidores e mentirosos, e você, minha querida, consegue ser as duas coisas.

Todo o sangue desertou o rosto de Marley. Ela oscilou, quase se desequilibrando, mas Chrysander não fez um só movimento para ajudá-la.

– Não sei a que está se referindo. Que papéis são esses?

Os lábios sensuais se curvaram em um sorriso desdenhoso.

– Os que roubou de mim. Tem sorte de eu não telefonar para as autoridades. Mas se eu pousar alguma vez pousar os olhos em você outra vez, será exatamente isso que farei. Seus esforços poderiam ter enfraquecido minha empresa. Mas quem fez papel de tola foi você. Estes são documentos falsos que plantei para tentar descobrir o culpado.

– Roubei? – A voz de Marley se ergueu com o nervosismo. Esticando o braço, arrancou os papéis da mão de Chrysander. As palavras enevoadas diante de seus olhos. Tratava-se de um e-mail interno impresso, obviamente de um endereço do ISP da empresa. Informações sigilosas. Detalhamento de projetos de construção para uma proposta futura em uma grande cidade estrangeira. Fotocópias e desenhos. Nada daquilo fazia sentido.

Marley ergueu a cabeça e sustentou seu olhar, como se o mundo estivesse desmoronando e se despedaçando ao seu redor.

– Acha que roubei estes papéis?

– Estavam dentro da sua bolsa. Não insulte a ambos negando o que fez. Quero-a fora daqui. – Com um gesto teatral, Chrysander conferiu a hora no relógio. – Agora só lhe restam 25 minutos.

O nó na garganta de Marley cresceu e lá se alojou, quase a impedindo de respirar. Não conseguia pensar nem reagir.

Entorpecida, se encaminhou à porta, sem pensar em juntar suas coisas. Tudo o que queria era sair dali. Estacou segurando a maçaneta para se equilibrar antes de girar para tornar a encará-lo. O semblante de Chrysander permanecia impassível. Linhas vincavam sua a pele em torno dos lábios e os olhos pareciam intolerantes e implacáveis.

– Como pôde pensar que eu faria uma coisa dessas? – sussurrou antes de girar e sair.

Marley cambaleou às cegas para o elevador. Soluços silenciosos lhe escapavam da garganta enquanto descia até o saguão. O porteiro lhe lançou um olhar preocupado e se ofereceu para lhe arranjar um táxi. Ela o dispensou com um gesto de mão e penetrou na noite, caminhando, sem firmeza, pela calçada.

O ar morno soprava seu rosto. As lágrimas esfriavam sua pele, mas ela não se importava. Chrysander teria de ouvi-la. Faria com que a escutasse. Permitiria que ele se acalmasse durante aquela noite, mas seria ouvida. Tudo não passava de um terrível engano. Tinha de haver alguma forma de fazê-lo cair em si.

Transtornada, Marley não prestou atenção no homem que a seguia e, quando virou a esquina, sentiu a mão forte lhe segurar o braço. O grito de alerta foi abafado por um saco de pano que lhe foi enfiado pela cabeça. Ela lutou, frenética, mas com a mesma rapidez se descobriu empurrada para o assento traseiro de um veículo. Ouviu a porta bater com força e o murmurinho de vozes baixas. Em seguida, o veículo se pôs em movimento.

Capítulo 2

Três meses depois

CHRYSANDER SE encontrava em seu apartamento, refletindo em silêncio. Deveria estar sentido alguma paz de espírito agora que nada ameaçava sua empresa. Porém, o fato de saber por que não lhe trazia nenhum consolo. Observou a pilha de documentos à sua frente enquanto o noticiário na televisão zumbia ao fundo.

Aquela parada em Nova York seria curta. No dia seguinte, viajaria para Londres para se encontrar com o irmão, Theron, para a cerimônia de inauguração do luxuoso hotel que construíram. O que não teria sido possível se Marley tivesse levado a cabo seu plano. Um resfôlego sarcástico lhe escapou da garganta. Ele, o CEO da Anetakis International, fora manipulado e roubado por uma mulher.

Por causa dela, ele e os irmãos haviam perdido dois de seus projetistas para o concorrente mais próximo, antes de ele descobrir a traição. Poderia tê-la entregado à polícia, mas ficara demasiado perplexo, muito *vulnerável* para fazer tal coisa.

Nem ao menos retirara os pertences de Marley do apartamento. Presumira que ela viria recolhê-los e talvez uma pequena parte dele desejasse aquilo para ter a chance de confrontá-la mais uma vez e questioná-

la sobre o motivo. Em sua próxima viagem de volta, faria isso. Estava na hora de varrê-la por completo de sua mente.

Quando ouviu o nome familiar em meio ao turbilhão de pensamentos, pensou que o havia conjurado de suas reflexões sombrias, mas, quando escutou o nome Marley Jameson outra vez, focou a atenção na televisão.

Um repórter se encontrava em frente a um hospital local, e levou alguns instantes para que o zumbido nos ouvidos de Chrysander lhe permitisse compreender o que estava sendo dito. As imagens mudavam enquanto exibiam fotos tiradas mais cedo de uma mulher sendo retirada de um prédio de apartamentos em uma maca. Ele se inclinou para a frente, com expressão incrédula. Era Marley.

Chrysander se ergueu como uma flecha da mesa e tateou pelo controle remoto para aumentar o volume. Encontrava-se tão perturbado que só conseguiu compreender algumas palavras, mas foram suficientes.

Marley havia sido raptada e agora fora resgatada. Os detalhes de quem cometera o crime e o motivo ainda estavam incompletos, mas ela suportara um longo período em cativeiro. Chrysander sentiu a tensão crescer na expectativa de que seu nome fosse ligado ao dela, mas por que seria? O relacionamento entre os dois fora um segredo bem guardado, algo necessário em seu mundo. Seu anseio por privacidade nascera tanto da vontade própria quanto da necessidade. Após a traição de Marley, sentiu-se ainda mais aliviado pela circunspeção que mantinha em todos os seus relacionamentos. Ela o fizera de bobo, e o pensamento de que o resto do mundo ignorava aquilo o confortava.

À medida que a câmera se aproximava do rosto pálido e assustado da mulher sequestrada, algo se agitou dolorosamente dentro dele. Marley tinha a mesma expressão da noite em que a confrontara sobre a farsa. Lívida, chocada e vulnerável.

No entanto o que o repórter disse a seguir o fez congelar, mesmo enquanto uma sensação incômoda lhe percorria e espinha. O homem dizia que a mãe e o bebê estavam em condições estáveis e que o aparente cativeiro de Marley não lhe afetara a gravidez. A única pista que o repórter deixou escapar foi que a mulher parecia estar com quatro ou cinco meses de

gestação. Os demais detalhes estavam incompletos. Nenhuma prisão fora feita, já que os sequestradores haviam escapado.

– *Theos mou* – murmurou ele enquanto lutava para se agarrar às implicações daquela revelação.

Chrysander se ergueu e pegou o celular enquanto saía do apartamento. Quando transpôs a entrada do prédio alto, de segurança reforçada, o motorista havia acabado de estacionar em frente à calçada.

Uma vez dentro do carro, abriu o celular outra vez e ligou para o hospital para onde Marley havia sido levada.

– AS CONDIÇÕES físicas dela são satisfatórias – o médico informou a Chrysander. – No entanto, é seu estado emocional que me preocupa. – Ele se sentia quase explodir enquanto esperava para que o médico concluísse seu relatório. Havia irrompido pelo hospital, exigindo respostas tão logo chegou ao andar em que Marley fora acolhida. Apenas a declaração de que era o noivo da paciente o fizera lograr algum êxito. Em seguida, providenciara para que ela fosse transferida imediatamente para um quarto particular e insistira que chamassem um especialista para examiná-la. Agora, tinha de suportar todo o relato médico da condição em que ela se encontrava.

– Mas ela não foi ferida – argumentou Chrysander.

– Eu não disse isso – resmungou o médico. – Falei apenas que as condições físicas dela não são graves.

– Então, pare de fazer rodeios e diga-me logo o preciso saber.

O médico o estudou por um instante, antes de pousar a prancheta sobre a mesa.

– A srta. Jameson passou por um grande trauma. Não sei exatamente a extensão, porque ela não consegue se lembrar de nada sobre seu cativeiro.

– O quê? – Chrysander encarou o médico com uma incredulidade perplexa.

– Pior, ela não se lembra de nada antes disso também. Sabe o próprio nome e pouco mais. Até mesmo a gravidez a chocou.

Chrysander passou uma das mãos pelos cabelos e xingou em três idiomas diferentes.

– Ela não se lembra de nada? Nada mesmo?

O médico respondeu com um movimento negativo de cabeça.

– Temo que não. Ela está extremamente vulnerável. Frágil. Por isso é muito importante que não a aborreça. A srta. Jameson tem mais quatro meses de gestação pela frente e um calvário do qual se recuperar.

Chrysander deixou escapar um som impaciente.

– Claro que não faria nada para aborrecê-la. Apenas acho difícil acreditar que ela não se lembre de nada.

O médico fez um movimento negativo com a cabeça.

– Obviamente a experiência foi muito traumática para ela. Suspeito de que seja uma forma que a mente encontrou de poupá-la. É apenas um apagão até que ela possa lidar melhor com tudo que aconteceu.

– Eles... – Chrysander se via incapaz de completar a pergunta, mas ainda assim tinha de saber. – Eles a machucaram?

A expressão do médico se suavizou.

– Não encontrei nenhuma evidência de maus-tratos de nenhuma forma. Fisicamente falando. Não há como saber tudo que ela suportou até que esteja apta a nos contar. Devemos ser pacientes e não pressioná-la, antes que ela esteja preparada. Como disse, a srta. Jameson está extremamente fragilizada e, se sofrer qualquer tipo de pressão, os resultados podem ser devastadores.

Chrysander deixou escapar um xingamento baixo.

– Entendo. Eu me incumbirei de que ela tenha o melhor tratamento possível. Agora, posso vê-la?

O médico hesitou.

– Pode, mas devo aconselhá-lo a não ser muito explícito quanto aos detalhes do sequestro.

Linhas profundas marcavam a testa de Chrysander, que encarava o médico com olhar sombrio.

– Quer que eu minta para ela?

– Quero apenas que não a deixe nervosa. Pode inteirá-la dos detalhes da vida que ela levava. Das atividades do dia a dia. Como se conheceram. As coisas cotidianas. No entanto, sugiro, e confirmei isso com o psiquiatra do hospital, que não se apresse em lhe dar detalhes sobre o sequestro ou de como ela acabou perdendo a memória. Na verdade, nós a conhecemos muito pouco, portanto seria imprudente especular ou lhe fornecer informações que podem não ser verdadeiras. Ela deve permanecer calma. Não quero nem pensar o que outro aborrecimento poderia causar à srta. Jameson no estado em quem se encontra.

Chrysender assentiu, relutante. O que o médico dizia fazia sentido, mas a necessidade de saber o que acontecera a Marley era premente. Porém, não a pressionaria se aquilo causasse algum mal a ela ou ao bebê. Verificou a hora no relógio de pulso. Ainda precisava falar com as autoridades, mas primeiro queria vê-la, e disse isso ao médico.

MARLEY LUTAVA sob as camadas de névoa que a rodeavam e murmurou um fraco protesto quando abriu os olhos. Não procurava a consciência. O cobertor escuro que o esquecimento lhe oferecia era tudo de que necessitava.

Não havia nada para ela no despertar. Sua vida era como um buraco negro. Apenas o próprio nome atravessara as camadas desordenadas de mente. Marley.

Procurou por mais alguma coisa. Precisava de respostas para as perguntas que a oprimiam a cada vez que acordava. O passado se estendia como uma paisagem árida diante dela. As respostas pendiam além de sua consciência, tentando-a, mas escapando antes que pudesse alcançá-las.

Marley virou a cabeça sobre o travesseiro fino, determinada a escorregar de volta para o vácuo do sono, quando sentiu uma mão firme segurar a dela. Um arrepio de medo lhe percorreu a espinha até se lembrar de que estava segura em um hospital. Ainda assim, soltou a mão e não pôde evitar a respiração acelerada.

– Não pode voltar a dormir, *pedhaki mou*. Ainda não.

A voz daquele homem se alastrou por sua pele, deixando um rastro de calor em seu encaço. Cautelosa, ela girou o rosto na direção do estranho. Quem era ele? Será que o conhecia? Quem a conhecia? Seria ele o pai da criança que se encontrava aninhada em seu ventre?

Em um gesto automático, Marley levou a mão ao ventre abaulado enquanto o olhar focava o homem que falara com ela.

Era uma presença dominante. Alto, ágil, perigosamente atento enquanto os olhos âmbar a observavam. Não era americano. Quase deixou escapar uma gargalhada diante dos pensamentos absurdos. Deveria estar exigindo saber quem ele era e por que estava ali e tudo que conseguia concluir era que o homem não era americano?

– Nosso bebê está bem – disse ele quando baixou o olhar à mão protetora que ela pousara sobre o abdome.

Marley não pôde evitar a tensão ao perceber que aquele homem de fato alegava ser o pai. Não deveria reconhecê-lo? Tentou encontrar algo, algum lampejo de reconhecimento, mas medo e inquietação foi tudo que encontrou.

– Quem é você? – conseguiu perguntar por fim em um sussurro.

Algo faiscou naqueles olhos âmbar, mas ele manteve a expressão neutra. Estaria magoado por ela revelar que não o conhecia? Tentou se colocar na posição daquele estranho. Imaginar como se sentiria se o pai de seu bebê de repente não lembrasse mais dela.

Chrysander puxou uma cadeira para o lado da cama e se sentou. Em seguida, esticou o braço e segurou sua mão. Dessa vez, apesar do instinto a estimular a fazê-lo, ela não se retraiu.

– Sou Chrysander Anetakis. Seu noivo.

Marley lhe procurou o rosto tentando reconhecer a veracidade daquelas palavras, mas ele a encarava com semblante calmo, sem nenhum sinal de emoção.

– Sinto muito – disse ela, engolindo em seco quando a voz falhou. – Não me lembro...

– Eu sei. Conversei com o médico. O que você lembra não é importante no momento. É primordial que descanse e se recupere para que eu possa

levá-la para casa.

Marley umedeceu os lábios, o pânico ameaçando dominá-la.

– Casa?

Chrysander anuiu.

– Sim, casa.

– Onde fica? – Detestava perguntar. Odiava o fato de estar deitada ali, conversando com um completo estranho. Mas, ao que parecia, ele não o era. Aquele homem era alguém de quem fora íntima. Por quem era obviamente apaixonada. Estavam noivos e ela carregava um filho dele. Aquilo não devia mexer com algo dentro dela?

– Está se esforçando muito, *pedhaki mou* – disse ele com voz suave. – Posso ver pelo seu semblante. Não deve apressar as coisas. O médico disse que tudo voltará no tempo certo.

Marley lhe apertou a mão e, em seguida, baixou o olhar aos dedos unidos aos dele.

– Será? E se isso não acontecer? – Uma onda de medo a invadiu, apertando-lhe o peito, estreitando sua garganta e a fazendo lutar para respirar.

Chrysander esticou a outra mão e lhe tocou o rosto.

– Acalme-se, Marley. Seu nervosismo não faz bem nem a você nem à criança.

Ouvir seu nome naqueles lábios a fez experimentar sensações estranhas. Era como se ele falasse de uma estranha, embora Marley se recordasse do próprio nome. Mas temera que, na confusão da perda de memória, tivesse entendido mal e que com tudo mais o nome também fosse um pedaço esquecido de sua vida.

– Pode me contar alguma coisa sobre mim? Qualquer coisa?

Estava quase a ponto de suplicar. Lágrimas lhe faziam a garganta se estreitar e os olhos arderem.

– Haverá muito tempo para conversarmos mais tarde. – Chrysander retrucou com ternura. – Estou tomando as providências para levá-la para casa.

Era a segunda vez que ele mencionava a casa, embora ainda não tivesse mencionado onde ficava localizada.

– Onde fica nossa casa? – Marley insistiu.

Os lábios de Chrysander se estreitaram por um momento, e, em seguida, a expressão daquele belo rosto relaxou.

– Nossa casa fica aqui na cidade. Os negócios me obrigam a me ausentar com frequência, mas moramos juntos em um apartamento. Planejo levá-la para minha ilha tão logo possa viajar.

Marley franziu a testa enquanto tentava compreender a estranheza daquela declaração. Parecia tão... impessoal. Não havia emoção, nenhum sinal de felicidade, apenas a estéril citação de um fato.

Como se sentisse que ela estava a ponto de lhe fazer mais perguntas, ele se inclinou para pressionar os lábios à testa de Marley.

– Descanse, *pedhaki mou*. Tenho providências a tomar. O médico disse que você poderá ter alta dentro de alguns dias se tudo correr bem.

Exausta, Marley fechou os olhos e concordou. Ele permaneceu lá por mais uns instantes e, em seguida, ouviu os passos dele se afastando. Quando a porta do quarto se fechou, ela voltou a abrir os olhos, apenas para sentir a trilha úmida das lágrimas que lhe escorriam pelo rosto.

Era um alívio saber que não estava só. No entanto, de alguma forma, a presença de Chrysander Anetakis não a tranquilizara. Sentia-se mais apreensiva do que nunca e não sabia dizer por quê. Puxou o lençol fino para cobrir ainda mais o corpo e fechou os olhos, desejando que o entorpecimento pacífico do sono a possuísse mais uma vez.

Quando acordou outra vez, uma enfermeira se encontrava parada ao lado da cama, aferindo-lhe a pressão arterial.

– Oh, Deus, você está acordada – disse ela em tom alegre enquanto removia a braçadeira. – Trouxe uma bandeja com seu jantar. Está com fome?

Marley negou com a cabeça. Só de pensar em comer se sentia levemente nauseada.

– Deixe a bandeja aqui. Eu farei com que ela se alimente.

Marley ergueu o olhar surpreso para se deparar com Chrysander assomando atrás da enfermeira, com uma expressão determinada

estampada no rosto. A mulher girou e lhe sorriu. Em seguida deu algumas palmadas leves no braço de Marley.

– É muito sortuda por ter um noivo tão dedicado – disse ela antes de partir.

– Sim, sortuda – murmurou Marley, imaginando por que sentia uma ânsia repentina de chorar.

Quando a porta se fechou, Chrysander puxou uma cadeira para perto da cama outra vez. Em seguida, pousou a bandeja diante dela.

– Deveria comer.

Marley o fitou nervosa.

– Não estou com muita fome.

– Sente-se incomodada com minha presença? – perguntou ele enquanto lhe percorria a forma abaulada do corpo com o olhar.

– Eu... – Marley abriu a boca para negar, mas descobriu-se incapaz. Como dizer àquele homem que o achava intimidador? Ali estava alguém a quem supostamente deveria amar. Fizera amor com aquele homem. O simples pensamento fez um rubor lhe corar as maçãs do rosto.

– Em que está pensando? – Os dedos longos lhe encontraram a mão e a acariciaram distraidamente.

Marley desviou o rosto, esperando encontrar alívio longe do escrutínio daquele homem.

– Na... nada.

– Você está assustada. Isso é compreensível.

Marley voltou a girar o rosto para encará-lo.

– Não fica aborrecido por eu sentir medo de você? Na verdade, estou aterrorizada. Não me recordo de você e de nada mais de minha vida. Estou esperando um filho seu e não consigo me lembrar de como fiquei neste estado! – disse ela, apertando o lençol e o mantendo contra o corpo como a se proteger.

Os lábios de Chrysander se estreitaram em uma linha fina. *Estaria zangado? Estaria apenas disfarçando para não aborrecê-la ainda mais?*

– É como você disse. Não consegue se lembrar, portanto sou um estranho. Caberá a mim conquistar sua... confiança. – Ele pronunciou a última

palavra como se a achasse repugnante, mas ainda assim manteve a expressão controlada.

– Chrysander... – Ela deu voz ao nome, hesitante, deixando que as sílabas deslizavam em sua língua. Não lhe parecia estranho, mas também não lhe suscitava nenhuma lembrança. A frustração a dominou quando a mente permaneceu assustadoramente vazia.

– Sim, *pedhaki mou*.

Marley piscou várias vezes quando percebeu que ele estava esperando que continuasse.

– O que aconteceu comigo? – perguntou. – Como vim parar aqui? Como perdi minha memória?

Mais uma vez ele lhe segurou a mão e Marley encontrou consolo naquele gesto. Em seguida, Chrysander se inclinou para a frente e lhe tocou o rosto com a outra mão.

– Não deve apressar as coisas. O médico foi categórico nesse ponto. No momento, o mais importante para você e nosso bebê é ter calma. Tudo voltará no momento devido. – Marley deixou escapar um suspiro, percebendo que ele não cederia. – Descanse um pouco. – Chrysander se ergueu, inclinou o corpo mais uma vez e lhe tocou a testa com os lábios. – Em breve, sairemos deste lugar.

Marley desejava que aquelas palavras lhe trouxessem mais tranquilidade, mas, em vez de conforto, a insegurança e o transtorno cresceram dentro de seu peito, até que temesse sufocar de ansiedade.

Gotas de suor lhe brotaram na testa e o pouco da comida que conseguira engolir, instantes atrás, ameaçava voltar. Chrysander lhe lançou um olhar penetrante e, sem dizer uma palavra, tocou a campainha para chamar a enfermeira.

Instantes depois, a profissional adentrou o quarto. Ao pousar o olhar em Marley, a expressão da mulher se encheu de compaixão. Pousou-lhe a mão fria sobre a testa enquanto lhe administrava uma injeção com a outra.

– Está segura agora.

Mas as palavras não conseguiram abrandar o aperto no peito de Marley. Como poderiam, quando em breve ela seria atirada em um mundo

desconhecido, com um homem que lhe era completamente estranho?

Chrysender permaneceu ao lado da cama, observando-a, cobrindo-lhe uma das mãos com a dele. A medicação havia lhe embotado os sentidos e Marley se sentia flutuar, o medo desaparecendo como uma névoa. As palavras que ele pronunciava foram a última coisa que conseguiu ouvir.

– Durma, *pedhaki mou*. Eu tomarei conta de você.

Estranho, mas de fato ela conseguiu encontrar conforto naquela promessa suave.

CHRYSANDER FICOU parado no quarto escuro a observando dormir. A tensão causada pelo franzir da testa lhe provocando uma dor entediante nas têmporas.

O peito de Marley se erguia e baixava com a respiração cadenciada e, mesmo durante o sono, a tensão lhe fazia franzir a testa. Ele se aproximou e a tocou com os dedos, roçando-os de leve na pele pálida. Marley estava adorável como sempre, mesmo no estado de fraqueza em que se encontrava. Os cachos ruivos formavam uma massa desordenada sobre o travesseiro. Ele segurou um entre os dedos e o afastou da testa delicada. Estavam mais compridos agora. Não mais o quepe de cachos curtos que se agitavam em torno da cabeça toda vez que ela ria.

Um xingamento lhe escapou dos lábios enquanto se afastava da cama. Tudo não passara de um ardil. Marley nunca fora feliz. Verdadeiramente feliz. Ao que parecia, não fora capaz de fazê-la feliz. Durante todo o tempo em que estiveram juntos, ela tramara para roubá-lo e a seus irmãos. Embora a tivesse considerado uma amante, nunca a colocara na mesma categoria das outras. O que compartilhara com Marley não fora algo mercenário ou ao menos assim pensara. No final, tudo se resumira a dinheiro e traição. Coisas a que estava acostumado nas relações com mulheres.

Ainda assim a desejava. Aquela mulher ainda lhe fazia queimar as veias. Um vício contra o qual não tinha o poder de lutar. Angustiado, fez um movimento negativo com a cabeça.

Marley estava esperando um filho seu, e isso tinha prioridade sobre tudo mais. Seriam forçados a conviver um com o outro por causa da criança. O

futuro de ambos irremediavelmente interligado. Mas não era obrigado a achar aquilo agradável e não tinha de oferecer nada mais do que sua proteção e seu corpo.

Se mais uma vez Marley seria posta sob sua proteção, então faria tudo que estivesse ao seu alcance para garantir os melhores cuidados, tanto para ela quanto para o bebê, mas nunca mais lhe devotaria sua confiança. Aquela mulher esquentaria sua cama e não seria mentiroso a ponto de dizer que tal perspectiva não o agradava. Mas Marley não teria mais nada dele.

Capítulo 3

DOIS DIAS depois, Marley se encontrava sentada em uma cadeira de rodas. O nervosismo a fazendo fechar os dedos com força em torno do cobertor com que a enfermeira lhe cobrira o colo. Chrysander estava parado a seu lado, escutando com atenção as instruções que a enfermeira lhe dava sobre os cuidados adicionais. Marley alisou as rugas da blusa de gestante que uma das enfermeiras lhe dera com tanta gentileza. Todas haviam sido extremamente carinhosas, e Marley temia deixar para trás todo aquele afeto para mergulhar no desconhecido.

Quando a enfermeira concluiu, Chrysander segurou as alças de impulso da cadeira de rodas e começou a guiá-la pelo corredor na direção da saída. Ela piscou várias vezes quando a luz radiante do sol lhe ofuscou a visão. Uma limusine brilhante se encontrava estacionada a alguns metros de distância, e Chrysander se encaminhou com passos decididos na direção do veículo. O motorista o contornou para abrir a porta no momento em que Chrysander, sem fazer o menor esforço, a ergueu da cadeira de rodas e se apressou em acomodá-la no interior aquecido do carro. Em questão de segundos, estavam se afastando do hospital.

Marley olhou para fora enquanto seguiam o fluxo intenso das ruas de Nova York. A cidade em si lhe era familiar. Conseguia se lembrar de determinadas lojas e marcos. Tinha conhecimento da cidade, mas o que

estava faltando era a sensação de que ali era sua casa, de que pertencia àquele lugar. Chrysander não havia dito que viviam ali? Sentia-se como uma artista diante de uma tela em branco, sem habilidade para pintar.

Quando a limusine estacionou diante de um prédio moderno e luxuoso, Chrysander saiu apressado enquanto o porteiro abria a porta do lado onde Marley estava sentada. Chrysander se inclinou para dentro do carro e a retirou com cuidado do veículo. Ela pisou na calçada com os pés trêmulos e logo se viu recostada ao corpo forte, com um braço firme em torno de sua cintura, enquanto os dois transpunham a entrada.

Uma onda de *déjà vu* a engolfou quando as portas do elevador se abriram e ele a ajudou a entrar. Por alguns breves momentos, experimentou um lampejo de memória, e Marley lutou para apartar os véus da escuridão.

– O que foi? – perguntou Chrysander.

– Já fiz isso antes – murmurou ela.

– Você se lembra?

Marley respondeu com um gesto negativo de cabeça.

– Não. Apenas me parece... familiar. Sei que já estive aqui.

Os dedos longos se fecharam com força em torno do braço delicado.

– É aqui que vivemos... durante vários meses. É natural que seja capaz de registrar alguma coisa. – As portas do elevador voltaram a se abrir, e Marley inclinou a cabeça para o lado enquanto ele seguia em frente. O fraseado de Chrysander era estranho. Não viviam ali antes do que quer que tivesse acontecido com ela? Ele lhe estendeu a mão. – Venha. Estamos em casa.

Marley aceitou a mão estendida, e ele a puxou para o saguão suntuoso. Para sua surpresa, uma mulher veio ao encontro deles quando os dois adentraram à sala de visitas. Ela hesitou quando a jovem alta e loira pousou uma das mãos no braço de Chrysander e sorriu.

– Seja bem-vindo, sr. Anetakis. Deixei todos os contratos que necessitam de sua assinatura sobre a mesa do escritório e organizei suas ligações por ordem de prioridade. Também tomei a liberdade de pedir o jantar. – A mulher varreu Marley com um olhar que a fez se sentir obscura e insignificante. – Imaginei que não estaria disposto a sair depois desses dias

difíceis. – Marley franziu a testa ao perceber que a mulher insinuava que fora Chrysander a enfrentar um calvário e não ela.

– Obrigado, Roslyn – agradeceu ele. – Não deveria ter se dado ao trabalho. – Em seguida, girou na direção de Marley e a puxou para perto. – Esta é Roslyn Chambers, minha assistente.

Marley esboçou um sorriso trêmulo.

– É um prazer revê-la, srta. Jameson – disse Roslyn com suavidade. – Há eras não a vejo. Meses, creio eu.

– Roslyn – interveio Chrysander em um tom de advertência. O sorriso nunca abandonou os lábios da loira enquanto dirigia um olhar inocente ao patrão.

Marley alternou o olhar entre os dois, cautelosa. A confusão em sua mente se agravando cada vez mais. A intimidade com que a mulher se movia pelo apartamento que Chrysander afirmava ser o lar de ambos era evidente. E ainda assim, Roslyn não a encontrava havia meses? O olhar possessivo com que a assistente o fitava foi a única coisa que ficou clara para Marley.

– Vou deixá-los a sós – disse Roslyn com um sorriso gracioso. – Tenho certeza de que têm muito a conversar. – Ela virou-se para Chrysander e mais uma vez pousou uma das mãos delicadas sobre seu braço. – Telefone-me se precisar de qualquer coisa. Virei no mesmo instante.

– Obrigado – murmurou ele.

A loira alta se afastou com os saltos dos sapatos elegantes ecoando contra o lustroso chão de mármore italiano e entrou no elevador, sorrindo para o patrão enquanto as portas se fechavam.

Marley umedeceu os lábios repentinamente ressecados e desviou o olhar. Chrysander parecia tenso a seu lado como se esperasse alguma reação de sua parte. Mas ela não era tola o suficiente para fazê-lo. Não quando ele se encontrava com a guarda tão erguida. Mais tarde, lhe faria o milhão de perguntas que pairavam em sua mente cansada.

– Venha, deveria estar deitada na cama – disse Chrysander enquanto lhe envolvia as costas com um dos braços.

– Fiquei deitada tempo suficiente – retrucou ela em tom de voz firme.

– Então, deveria ao menos se acomodar confortavelmente no sofá. Eu lhe trarei uma refeição para que se alimente.

Comer. Descansar. Comer um pouco mais. Aquelas ordens pareciam compor o único objetivo de Chrysander no que se referia a ela. Marley suspirou e permitiu que ele a guiasse até a sala de estar. Após acomodá-la no sofá, Chrysander trouxe uma manta para cobri-la.

Havia uma tensão nele que a deixava confusa, mas, se os papéis fossem invertidos e tivesse sido ele a esquecê-la, Marley também não se sentira muito segura. Chrysander deixou a sala e, alguns minutos depois, retornou com uma bandeja que pousou na mesa de centro em frente a ela. Um vapor aromático se desprendia da tigela de sopa, mas Marley não se sentiu tentada com a oferta. Encontrava-se muito agitada para comer.

Chrysander se sentou em uma cadeira diagonal ao sofá, mas, após alguns instantes, se ergueu e caminhou pela sala como um predador impaciente. Os dedos puxando o nó da gravata para afrouxá-lo e, em seguida, desabotoando os punhos da camisa de seda.

– Sua assistente... Roslyn... disse que deixou trabalho para você?

Chrysander virou-se para encará-la. As sobrancelhas se enrugando quando franziu a testa.

– O trabalho pode esperar.

Marley suspirou.

– Pretende me observar tirar um cochilo, então? Ficarei bem. Não pode tomar conta de mim o tempo todo. Se há assuntos que requerem sua atenção, então vá resolvê-los.

Um lampejo de indecisão cruzou o belo rosto másculo.

– De fato tenho coisas a fazer antes de deixarmos Nova York.

Uma onda de pânico a pegou desprevenida, fazendo-a engolir em seco e se esforçar para se manter inexpressiva.

– Então, partiremos em breve?

Chrysander anuiu.

– Pensei em lhe proporcionar alguns dias de descanso para que se recupere melhor antes de partirmos. Providenciei para que meu jato particular nos leve até a Grécia e depois pegaremos um helicóptero para a

ilha. Enquanto conversamos, meus empregados estão preparando tudo para nossa chegada.

Marley o encarou receosa.

– Qual é a extensão de sua fortuna?

Chrysander pareceu surpreso.

– Minha família é proprietária de uma cadeia de hotéis.

O nome Anetakis flutuou nas escassas lembranças de Marley. Imagens de um hotel suntuoso, no coração da cidade, lhe vieram à mente. Celebidades, realezas, algumas das pessoas mais ricas do mundo se hospedavam no Imperial Park. Mas ele não poderia ser *aquela* Anetakis, certo?

Empalidecendo, ela fechou os dedos para controlar o tremor. Eles eram apenas a mais rica família hoteleira do mundo.

– Como... como foi possível que nós dois... – Marley se viu incapaz de completar o pensamento. Em seguida, franziu a testa. Pertenceria a uma família como aquela?

A fadiga a venceu, fazendo-a enterrar os dedos nas laterais das têmporas enquanto lutava contra o cansaço. No instante seguinte, Chrysander estava ao seu lado. Ele a ergueu no colo como se carregasse uma pena e a levou para o quarto. Com todo o cuidado, deitou-a na cama, os olhos âmbar deixando transparecer o brilho da preocupação.

– Descanse agora, *pedhaki mou*.

Marley anuiu e se aninhou sobre a cama confortável, com os olhos já semicerrados pela exaustão. Pensar doía. Tentar lembrar lhe sequestrava todas as forças.

CHRYSANDER SE deixou afundar em sua cadeira e passou uma das mãos pelo cabelo. Em seguida, ergueu a lista de mensagens telefônicas. Os olhos faiscaram quando se deparou com a de um de seus irmãos, Theron. Também havia outra de seu outro irmão, Piers.

Remexeu-se, desconfortável, na cadeira. Sabia que não conseguiria evitar os irmãos por muito tempo. Eles deviam ter recebido suas mensagens e certamente estariam curiosos. Não sabia como poderia explicar aquela

confusão para os dois e justificar o fato de estar levando a mulher que tentara arruinar os negócios da família para sua casa na Grécia.

Com expressão desgostosa, ergueu o fone e discou o número de Theron.

Chrysander falou rápido em grego quando o irmão atendeu.

– Como foi a cerimônia de inauguração?

– Chrysander, finalmente – retrucou Theron em tom de voz seco. – Estava imaginando se teria de voar até aí para obter respostas suas.

Chrysander suspirou e respondeu com um grunhido.

– Aguarde enquanto coloco Piers na chamada. Isso lhe poupará outro telefonema. Sei que ele está tão interessado quanto eu em sua explicação.

– E desde quando devo explicações a meus irmãos mais *novos*? – Chrysander rosnou.

Theron soltou uma risada abafada e no instante seguinte Piers soou do outro lado da linha, sem medir palavras.

– Chrysander, que diabo está acontecendo? Recebi sua mensagem e, a julgar pelo fato de que não apareceu em Londres, só posso presumir que tenha tido algum problema sério em Nova York.

Chrysander beliscou o nariz e fechou os olhos.

– Ao que parece, vocês serão tios.

Um profundo silêncio se seguiu ao comentário.

– Tem certeza de que é seu? – perguntou Theron por fim.

As feições de Chrysander se contraíram.

– Ela está com cinco meses de gravidez, e cinco meses atrás eu era o único homem na cama de Marley. Disso tenho certeza.

– Da mesma forma que sabia que ela estava tentando nos roubar? – Piers retrucou.

– Cale a boca – interveio Theron. – A pergunta mais importante é: o que fará? Obviamente ela não merece confiança. O que essa mulher tem a dizer em defesa própria?

A dor na cabeça de Chrysander latejou com mais intensidade.

– Há uma complicação – resmungou. – Ela não se lembra de nada.

Os dois irmãos resfolegaram incrédulos.

– Que conveniente, não acha? – perguntou Piers.

– Essa mulher o está manipulando por meio do sexo – disse Theron contrariado.

– Também achei difícil de acreditar – admitiu Chrysander. – Mas eu a vi. Ela está aqui... em nosso... em meu apartamento. A amnésia dela é real. – Não havia a menor possibilidade de Marley estar fingindo tal vulnerabilidade, confusão e dor que lhe embotavam os olhos antes vivazes. A certeza da dor que ela sentia o incomodava, embora não devesse. Marley merecia sofrer da mesma forma que fizera com ele.

Piers deixou escapar um som grosseiro.

– O que pretende fazer? – Theron perguntou.

Chrysander se preparou para as objeções dos irmãos.

– Voaremos para a ilha tão logo ela se sinta melhor. É um lugar mais adequado à recuperação de Marley, e fica longe dos olhos do público.

– Não pode instalá-la em algum lugar até que o bebê nasça e depois se livrar dela? – Piers questionou. – Perdemos dois negócios de milhões de dólares por causa dessa mulher, e agora nossos projetistas estão assinando em nome da empresa de nosso concorrente.

O que o irmão não disse, mas Chrysander ouviu em alto e bom som como se Piers tivesse falado, era que perderam aqueles negócios porque ele ficara cego pela mulher com quem dormia. A culpa fora tanto dele quanto de Marley. Falhara com os irmãos da pior forma possível, arriscando o que eles levaram anos de trabalho para conseguir.

– Não posso abandoná-la neste momento. – Chrysander retrucou cauteloso. – Ela não tem família. Ninguém que possa cuidar dela. Está grávida de um filho meu e por isso farei o que for necessário para garantir a saúde e a segurança do bebê. O médico acha que essa amnésia é apenas temporária, um mecanismo psíquico para lidar com o trauma pelo qual ela passou.

– O que as autoridades têm a dizer sobre o sequestro dela? – Piers perguntou. – Já sabe o motivo ou quem foi o responsável?

– Tive uma conversa breve com eles no hospital e tenho uma reunião com o detetive encarregado da investigação amanhã. – Chrysander respondeu em tom de voz tenso. – Espero saber mais alguma coisa então. Também

contarei a eles meus planos de levá-la para fora do país. Tenho de pensar na segurança dela e do bebê.

– Vejo que já está decidido quanto a isso – disse Theron calmamente.

– Sim.

Piers deixou escapar um som como se fosse protestar, mas se calou quando a voz de Theron se fez ouvir mais uma vez.

– Faça o que tiver de fazer, Chrysander. Piers e eu podemos cuidar das coisas. E, apesar de tudo, parabéns por se tornar pai.

– Obrigado – murmurou Chrysander enquanto pressionava o botão para interromper a ligação e pousou o fone.

Em vez de fazê-lo se sentir melhor sobre a situação em que se encontrava, a discussão com os irmãos apenas reforçara o quanto tudo aquilo era absurdo. Não duvidava de que Marley não se lembrasse dele ou do fato de que o roubara. Aquela amnésia não poderia ser forçada. O que o deixava com uma única escolha, a mesma que fizera no instante em que soubera que Marley estava esperando um filho seu. Ele a manteria a seu lado, cuidaria dela, garantira que Marley tivesse os melhores cuidados possíveis. Contrataria alguém para ficar com ela quando tivesse de se ausentar e lhe fornecer os mínimos detalhes sobre os cuidados de Marley. Dessa forma, poderia mantê-la a um braço de distância e, ao mesmo tempo, observar seu progresso. E, por ora, deixaria de lado toda a raiva pela traição que ela lhe fizera.

Capítulo 4

NA MANHÃ seguinte, Marley se encontrava sentada em frente a Chrysander, que a observava tomar o desjejum. Ele anuiu em aprovação quando a viu terminar de comer a omelete que lhe preparara e a estimulou a tomar o copo de suco que pousara diante dela.

A despeito da ansiedade e da insegurança, Marley se sentia bem sendo cuidada por aquele homem, mesmo não tendo certeza de seu lugar no mundo de Chrysander. Embora solícito, lhe parecia distante. Marley não sabia dizer se aquilo era uma deferência à sua amnésia, por não querer assustá-la, ou se o relacionamento dos dois era assim mesmo.

Marley prendeu o lábio inferior entre os dentes e o mordeu distraidamente. A ideia de que aquilo poderia ser comum entre os dois a incomodava. Certamente não desejara se casar com alguém que a tratava de maneira tão educada, como se estivesse lidando com uma estranha.

E ainda assim, para todos os propósitos, os dois não passavam de estranhos. Ao menos Chrysander era um estranho para ela. Uma onda de compaixão a atingiu. Como deveria ter sido terrível para ele saber que a noiva, a mulher que amava e com quem planejava se casar, simplesmente o esquecera como se ele nunca existisse. Não podia se imaginar no lugar dele.

Chrysander a observara atentamente durante todo o desjejum e ela sabia que devia estar deixando transparecer todo seu constrangimento, mas ele

não disse nada até retirar a mesa e levá-la para a sala de estar. Em seguida, acomodou-a no sofá e se sentou ao lado dela, observando-a com olhar especulativo.

– O que a está preocupando esta manhã? – perguntou. Os olhos âmbar a estudando, e a expressão do belo rosto a deixando levemente ofegante.

– Estava apenas pensando no quanto toda essa situação deve ser terrível para você.

Uma das sobrancelhas espessas se ergueu enquanto ele inclinava a cabeça para o lado com expressão questionadora. Chrysander parecia surpreso, como se aquela fosse a última coisa que esperasse ouvir dela.

– O que quer dizer com isso? – Marley baixou o olhar, sentindo-se de repente tímida e ainda mais insegura. Ele esticou a mão e lhe tocou o queixo, erguendo-o e a forçando a encará-lo. – Diga-me por que as coisas são tão terríveis para mim.

Quando dito daquela forma, soava ridículo. Chrysander era um homem que podia ter, e provavelmente tinha, qualquer coisa que desejasse. Poder, riqueza, respeito. E ainda assim, ela presumira que era uma catástrofe o fato de a insípida noiva não se lembrar dele. Aquilo teria sido o suficiente para fazê-la gargalhar se não estivesse se sentindo tão angustiada.

– Estava tentando me colocar em seu lugar – disse ela melancólica. – Como seria a sensação de ser esquecida por alguém a quem se ama. – O polegar longo lhe roçou os lábios, fazendo um arrepio peculiar percorrer a espinha de Marley. – Acho que me sentiria... rejeitada.

– Está preocupada que eu esteja me sentindo rejeitado? – Um discreto brilho divertido bailou nos olhos âmbar, e a insinuação de um sorriso fez curvar os cantos dos lábios de Chrysander.

– Não está? – perguntou ela. E aquilo tinha alguma importância? Marley detestava aquela falta de confiança. Não só as lembranças daquele homem lhe haviam sido sequestradas como também qualquer segurança do papel que representava para ele. Odiava a ideia de não conseguir discutir o relacionamento dos dois por medo de tirar conclusões erradas e fazer papel de boba.

A vergonha estampou um rubor nas maçãs do rosto de Marley enquanto ele continuava a observá-la.

– Não teve culpa do que lhe aconteceu, Marley. Não a culpo e também não nutro nenhum ressentimento. Seria mesquinho de minha parte.

Não. Não conseguia vê-lo como uma pessoa mesquinha. Perigoso. Um tanto assustador. Mas não mesquinho. Tinha medo daquele homem? Marley estremeceu de leve. Não. Não era a ele que temia, mas a ideia de que pudesse ter sido tão íntima de um homem como aquele e não conseguir se lembrar. Não conseguia se imaginar esquecendo tal experiência.

– O que aconteceu comigo? – Uma nota de súplica transpareceu em sua voz. As mãos de Marley tremiam, e ela as entrelaçou com força para disfarçar a inquietação.

Chrysander suspirou.

– Você teve... um acidente, *pedhaki mou*. O médico me assegurou de que sua amnésia é apenas temporária e que é indispensável que você não sobrecarregue a mente.

– Sofri um acidente de carro? – Mesmo enquanto perguntava, Marley baixou o olhar ao próprio corpo, procurando por ferimentos ou hematomas. Mas não sentia nenhuma dor muscular ou rigidez. Apenas uma imensa fadiga e a sensação de desconfiança que não sabia explicar.

Por um breve instante, os olhos âmbar se desviaram.

– Sim.

– Oh! Foi algo sério? – Marley levou uma das mãos à cabeça, tateando por algum ferimento.

Chrysander lhe segurou a mão gentilmente e a pousou no colo de Marley, mas não a soltou.

– Não. Não foi nada sério.

– Então por que... como perdi minha memória? Sofri uma concussão? Minha cabeça não dói.

– Fico feliz por sua cabeça não doer, mas não foi uma batida na cabeça que causou a amnésia.

Marley inclinou a cabeça para o lado e o observou, perplexa.

– Então, como?

– O médico explicou que essa é uma forma que você encontrou de lidar com o trauma de seu acidente. Um instinto protetor para poupá-la de lembranças dolorosas.

As sobrancelhas de Marley se aproximaram quando franziu a testa. Lutou, tentando romper a névoa preta e espessa que lhe embotava a mente. Certamente devia haver algo, algum lampejo de lembrança.

– Mas ainda assim não sofri nenhum ferimento – disse ela incrédula.

– Algo pelo qual sou muito grato – disse Chrysander. – Ainda assim, deve ter sido muito assustador.

Um pensamento repentino lhe invadiu a mente, fazendo-a puxar a mão, alarmada.

– Alguém mais se feriu?

Mais uma vez os olhos de Chrysander se desviaram apenas por um segundo. Ele esticou o braço e lhe recapturou a mão, levando-a aos lábios. Um ofego suave escapou dos lábios de Marley quando ele pressionou um beijo na palma da mão macia.

– Não.

Marley deixou escapar um suspiro de alívio.

– Gostaria de poder me lembrar. Fico pensando que se me esforçar um pouco mais, tudo voltará, mas, quando tento me focar no passado, minha cabeça começa a latejar.

Chrysander franziu a testa.

– Exatamente por isso não gosto de discutir o acidente com você. O médico me preveniu para não lhe causar nenhum aborrecimento ou estresse. Deve esquecer esse acidente e se focar em recuperar as forças. – Ele pousou a outra mão sobre o abdome abaulado de maneira protetora. – Esse tipo de estresse não faz bem para nosso bebê. Você já passou por uma situação ruim o suficiente para o meu gosto.

Marley soltou a mão que ele segurava e pousou as duas sobre a que Chrysander mantinha em seu abdome. Sob os dedos longos, o bebê se mexeu. Ele retirou a mão rapidamente, com uma expressão perplexa a lhe iluminar o rosto.

Marley franziu a testa enquanto o observava curiosa. Ele voltou a espalmar a mão sobre seu abdome, e, mais uma vez, o bebê se mexeu.

– Isso é incrível! – Chrysander exclamou.

Ao vê-lo tão atônito, Marley não pôde conter um sorriso. Mas, no rastro daquele sorriso, seguiu-se a incerteza. Ele agia como se nunca tivesse experimentado aquilo.

Umedecendo os lábios, ela praguejou contra o fato de não conseguir se lembrar de nada.

– Certamente já o sentiu antes.

Chrysander não interrompeu a exploração suave do abdome abaulado. Passou-se um longo instante até que ele respondesse.

– Estou sempre viajando a negócios – justificou, com uma nota de desânimo na voz. – Havia acabado de retornar quando soube de seu acidente. Fazia algum tempo que... não nos víamos.

Marley soltou o ar que estava prendendo, o alívio lhe suavizando a preocupação. O fato de estarem separados por algum tempo explicava muita coisa.

– Acho que não foi a volta ao lar que esperava – disse ela tristonha. – Deixou uma mulher que o conhecia, que estava grávida de um filho seu e com quem planejava se casar e quando voltou, se deparou com uma que o trata como um estranho. – Em um gesto automático, baixou o olhar aos próprios dedos enquanto falava. Não havia nenhum anel ou aliança. Franziu de leve a testa, antes de voltar a erguer o olhar, tentando fazer a inquietação desaparecer uma vez mais.

– Fiquei feliz com o fato de você e o bebê terem se salvado – retrucou ele, mudando de posição de modo a colocar mais distância entre os dois. O olhar ainda se fixando no abdome proeminente, como se estivesse fascinado com o pequeno ser se fazendo presente ali.

Um telefone tocou, e Chrysander se encaminhou ao interfone fixado na parede. Marley se esforçou para ouvir quem estava falando, mas captou apenas a ordem de Chrysander para que a pessoa subisse.

Em seguida, ele retornou e se sentou, tomando-lhe as mãos nas dele.

– É a enfermeira que contratei para cuidar de você. Tenho uma reunião à qual não posso deixar de comparecer dentro de uma hora.

Os olhos de Marley se arregalaram.

– Mas, Chrysander, não preciso de uma enfermeira. Sou perfeitamente capaz de permanecer aqui enquanto você cuida de seus negócios.

As mãos longas apertaram as dela com mais força.

– Faça isso por mim, *pedhaki mou*. Sinto-me melhor sabendo que estou deixando você em mãos capazes. Não gosto de pensar que você possa ter alguma necessidade insatisfeita em minha ausência.

Um sorriso curvou os lábios de Marley diante daquela insistência.

– Por quanto tempo ficará ausente? – perguntou ela, detestando o tom esperançoso, quase pesaroso da própria voz. Soava patética.

Chrysander se ergueu ao ouvir as portas do elevador se abrirem.

– Fique aqui. Voltarei com a enfermeira.

Marley relaxou contra o encosto do sofá e aguardou pelo retorno dele. Toda aquela atenção de Chrysander era adorável, mesmo que desnecessária.

Instantes depois, ele retornou com uma mulher sorridente que trajava calça comprida e um suéter. Dirigiu um sorriso luminoso a Marley quando estacou a alguns centímetros do sofá.

– Você deve ser Marley. É um grande prazer conhecê-la. Sou a srta. Cahill, mas, por favor, me chame de Patrice. – Marley não pôde evitar retribuir o sorriso da mulher. – O sr. Anetakis já me orientou sobre o que quer que eu faça e me esforçarei ao máximo para garantir seus cuidados.

Marley focou um olhar expressivo em Chrysander.

– Ah, ele fez isso, certo? Posso perguntar quais foram as instruções que lhe deu?

Chrysander conferiu a hora no relógio de pulso com um gesto teatral.

– As instruções foram para garantir que você descanse. Agora, desculpe-me, mas terei de me ausentar por um tempo. Voltarei a tempo de almoçarmos juntos.

– Gostaria disso – retrucou Marley com voz suave.

Chrysander se inclinou e lhe depositou um beijo suave na testa, antes de virar e se afastar. Os olhos de Marley o acompanharam enquanto imaginava

como devia parecer pegajosa.

Com muito esforço, conseguiu arrastar o olhar de Chrysander para Patrice.

– Estou me sentindo bem – explicou ela. – Chrysander faz parecer que estou uma completa inválida.

Patrice sorriu e lhe deu uma piscadela.

– Ele é homem. Eles são famosos por se comportarem dessa maneira. Ainda assim, um pouco de descanso não faz mal algum, certo? Vou acompanhá-la até a cama e depois prepararei uma bela xícara de chá para tomarmos quando você acordar.

Antes que Marley se desse conta do que estava acontecendo, a enfermeira a estava guiando em direção ao quarto. Ela piscou várias vezes, quando Patrice a acomodou na cama e arrumou as cobertas em torno de seu corpo.

– Você é muito hábil nisso – disse Marley.

Patrice deixou escapar uma risada baixa.

– Conseguir que meus pacientes façam o que não querem faz parte do meu trabalho. Agora descanse um pouco para que seu noivo fique feliz comigo e com você quando retornar.

Marley ouviu os sons suaves dos sapatos de Patrice se afastarem do quarto. Quando o ruído se dissipou, relanceou o olhar à lareira na parede oposta da cama. Chrysander acendera o fogo na noite anterior, mais para tornar o ambiente aconchegante do que de fato aquecê-lo, porque o apartamento não era frio. Até mesmo o assoalho era aquecido, o que Marley amava, porque detestava usar calçados dentro de casa.

O pensamento a atingiu ao mesmo tempo em que uma onda de excitação a engolfou. O que mais podia se lembrar de si mesma? Concentrou-se com afinco, mas o esforço lhe fez a cabeça voltar a doer.

O bebê se remexeu e ela baixou a mão para tocar o abdome. O movimento abrandou o desconforto em sua cabeça e a fez sorrir. Apesar da perda temporária de memória, tinha um futuro no horizonte. O casamento e um filho. Desejava apenas lembrar como chegara àquele ponto. Com um suspiro, resignou-se a viver o momento presente. Esperava que suas lembranças retornassem e preenchessem todas aquelas lacunas.

Marley cochilou e, quando despertou, conferiu a hora no relógio sobre o criado mudo, constatando que havia se passado uma hora. Sentindo-se revigorada, atirou as cobertas para o lado, desejando de levantar e andar pela casa. O repouso constante a estava deixando impaciente.

Embora estivesse vestindo um pijama macio, esticou a mão para o robe de seda pousado na extremidade da cama. Envolvendo o corpo com o traje, saiu do quarto e entrou na sala de estar, onde encontrou Patrice.

Sorriu para a enfermeira e lhe assegurou que estava se sentindo bem quando foi questionada. Patrice anuiu em aprovação e, como se pressentisse que Marley precisava ficar sozinha, se desculpou e se retirou.

Marley aproveitou a oportunidade para explorar a espaçosa cobertura. Caminhou de um cômodo para outro, familiarizando-se com a própria casa. Mas não a *sentia* como seu lar. Podia ver Chrysander refletido naquele estilo e nas estruturas da decoração e da mobília, mas não conseguia reconhecer nada que tivesse sua marca naquele apartamento. Por alguma razão, aquilo a frustrou. Sentia-se como uma convidada intrometida onde não pertencia.

Quando entrou na suíte principal, as linhas que lhe vincavam a testa se aprofundaram. Chrysander a acomodara no que aparentava ser o quarto de hóspedes. Não pensara sobre aquilo quando ele a pousara na cama e a cercara de confortos no quarto extra. Na ocasião, se encontrava muito abalada e focada em tentar processar tudo que estava acontecendo.

Marley se retirou, incapaz de rechaçar o pensamento de que estava sendo inconveniente. Ao lado da suíte principal, ficava o amplo escritório. Obviamente o lugar onde Chrysander trabalhava. Os móveis eram escuros e masculinos. Estantes de livros adornavam a parede dos fundos e uma enorme mesa de mogno se encontrava postada alguns centímetros à frente delas. Os pés de Marley eram acariciados pelo carpete felpudo, à medida que penetrava no interior do cômodo.

Um laptop descansava sobre a mesa, e Marley se sentou na cadeira de couro, na intenção de navegar na internet. Esperava apenas que Chrysander possuísse uma conexão sem fio, já que não conseguia ver nenhum cabo conectado ao computador.

Tocou o teclado, e o monitor se iluminou. Ao menos ela não era um vegetal inútil e retivera as noções básicas de informática. Por mais frustrante que fosse sua amnésia, sentia-se aliviada em saber que a falta de memória se limitava à sua vida pessoal e não ao mundo contemporâneo.

Marley fez um movimento negativo com a cabeça, aborrecida com o disparate daquela situação. Durante a primeira meia hora, realizou incontáveis pesquisas sobre a perda de memória, mas vagar pelo turbilhão de opiniões conflitantes apenas lhe auferiu uma forte dor de cabeça. Portanto, se concentrou em procurar por informações sobre Chrysander.

Era um pouco assustador constatar o quanto aquele homem era rico e poderoso. Ele e os dois irmãos eram figuras determinantes no ramo da hotelaria. Não havia muitas informações pessoais, pelas quais Marley ansiava.

Recostou-se para trás na cadeira, irritada com a própria covardia. Tudo que precisava era questionar Chrysander sobre a informação que quisesse. Pelo amor de Deus! Aquele homem era seu noivo, seu *amante*. Geraram um bebê juntos, e ele a pedira em casamento. Se ao menos pudesse se lembrar daqueles momentos, ficaria mais segura de si mesma.

– O que está fazendo?

A voz de Chrysander a atingiu como um chicote, fazendo-a se sobressaltar de medo e surpresa. Ela ergueu o olhar para encontrá-lo parado à soleira da porta. A raiva e a desconfiança fazendo faiscar os olhos cor âmbar. Os lábios sensuais apertados em uma linha fina. Ele se aproximou pisando duro, antes que Marley pudesse formular uma resposta.

– Você me assustou. – Ela levou a mão ao peito na tentativa de acalmar as batidas descompassadas do próprio coração.

– Perguntei o que estava fazendo – repetiu Chrysander com um tom de voz frio enquanto contornava a mesa para se posicionar ao lado dela.

A mágoa e a incompreensão a inundaram.

– Estava apenas navegando na internet. Achei que não se incomodaria se eu usasse seu laptop.

– Prefiro que não mexa nas coisas que estão em meu escritório – retrucou ele de forma concisa enquanto esticava o braço para fechar o computador.

Lágrimas queimavam os cantos dos olhos de Marley. Ele a encarava com tanta... aversão. Um arrepio lhe percorreu todo o corpo, fazendo-a desejar apenas se afastar daquele homem o máximo possível.

– Desculpe. – Marley conseguiu dizer por fim. – Estava apenas tentando descobrir alguma coisa sobre mim... você... e essa terrível amnésia – explicou, virando-se em seguida e desaparecendo do escritório antes que envergonhasse a si mesma cedendo ao pranto.

Chrysander a observou se afastar, com um xingamento baixo. Em seguida, passou uma das mãos pelos cabelos, antes de se sentar e reabrir o laptop. Uma rápida pesquisa no histórico do navegador da internet mostrou que ela não fizera nada além de pesquisar sobre amnésia e alguns artigos sobre sua empresa. Outra verificação nos próprios arquivos indicou que nenhum dos documentos da empresa fora acessado.

Chrysander praguejou mais uma vez. Tivera uma péssima reação, mas vê-la utilizando o computador o deixara imediatamente em alerta. Naquele momento, imaginara se a amnésia de Marley não seria uma farsa e se ela não estaria tramando traí-lo outra vez .

Apoiou os cotovelos no tampo da mesa e segurou a cabeça com as mãos. A reunião com o detetive encarregado da investigação sobre o sequestro de Marley fora um exercício de frustração.

A polícia tinha pouca informação para seguir adiante, e a única pessoa que poderia fornecê-la não se lembrava de nada.

Marley não fora resgatada como as notícias levaram os telespectadores a pensar. Em vez disso, fora abandonada por seus sequestradores, e um telefonema anônimo alertou a polícia para a presença dela em um prédio de apartamentos em estado precário. Quando lá chegaram, os policiais encontraram uma mulher grávida em evidente estado de choque. Ao despertar, no hospital, ela não se lembrava de nada. Na essência, a vida de Marley começara naquele dia.

Tantas perguntas, tantos fatos desconhecidos!

Entretanto, o que ficara claro para Chrysander era que não podia arriscar a segurança de Marley. Qualquer que fosse a ameaça contra ela ainda persistia e seria execrado se deixasse alguém se aproximar o suficiente para

causar algum mal a ela ou à criança. Esperara que as autoridades discordassem quando lhes disse que a estava levando para fora do país. Não que aquilo fosse impedi-lo, porque o bem-estar de Marley figurava no topo de suas prioridades e faria o que fosse preciso para garanti-la.

Em vez disso, eles concordaram que era a melhor opção e o aconselharam a reforçar sua segurança. Queriam ser notificados no instante em que ela recuperasse a memória para que pudessem interrogá-la. Chrysander lhes forneceu seus contatos e avisou que estaria partindo com ela no dia seguinte.

Havia muitas providências a tomar para preparar aquela viagem. Alertara sua equipe de segurança, tanto de Nova York quanto da ilha. Os preparativos estavam em andamento, mas Chrysander ainda tinha vários telefonemas a dar. Ainda assim, a visão das lágrimas de Marley e a mágoa em seu tom de voz o fez parar para refletir. Devia deixar aquilo de lado e dar prosseguimento a seus planos. A segurança de Marley era o mais importante. Quer ela estivesse aborrecida ou não. Embora pensasse daquela forma, Chrysander se descobriu levantando da cadeira e indo ao encontro dela.

MARLEY SE encontrava parada em frente ao closet do quarto que ele lhe designara, observando com olhar vazio a fileira de roupas penduradas à sua frente. Limpou as lágrimas com o dorso de uma das mãos e se concentrou no que vestir.

Vasculhou entre os vários modelos, mas nenhum se parecia com ela. Com a testa franzida em uma expressão tristonha, virou-se na direção da fileira de prateleiras que preenchem a parte direita do closet e viu uma pilha de jeans desbotados próxima de algumas camisetas dobradas com perfeição.

Esticou a mão para uma das calças jeans, certa de que era naquele traje que se sentia confortável. Porém, quando a desdobrou, constatou que não se tratava de roupas de gestante. Uma rápida procura na pilha restante produziu o mesmo resultado.

Marley procurou entre as outras roupas penduradas no armário e verificou que aquelas também não eram roupas adequadas a uma mulher em um estágio mais avançado de gravidez. Por que não tinha nada para

vestir? Baixou o olhar à protuberância do próprio abdome. Embora não estivesse gorda, as cinturas das roupas que lotavam o closet eram muito estreitas para uma mulher com cinco meses de gravidez.

Marley lhe sentiu a presença antes que ele fizesse qualquer ruído. Lentamente, ela girou para se deparar com Chrysander parado à soleira da porta do closet. A expressão se suavizando quando ela limpou as lágrimas do rosto e tornou a virar-se rapidamente.

Aproximando-se alguns passos, ele lhe segurou a cintura com as mãos.

– Desculpe.

Marley enrijeceu o corpo e ergueu o queixo até lhe encontrar o olhar.

– Não deveria ter tomado a liberdade de mexer em seus pertences. – Ela ergueu uma das mãos e gesticulou para o closet repleto de roupas. – É óbvio que mantemos um estilo de vida bastante segregado. Terá de me perdoar enquanto reaprendo as regras.

Vincos profundos se formaram na testa de Chrysander enquanto ele a encarava com expressão confusa.

– Do que está falando? Não há segregação em nossa convivência.

Marley deu de ombros, indiferente.

– A evidência está aqui. Não precisa ser muito inteligente para perceber. Você me acomodou em meu quarto. Minhas roupas estão separadas das suas. Nossas coisas são separadas. Nossas camas são separadas. É de se admirar que eu tenha engravidado – acrescentou ela, engolindo em seco, e prosseguiu fazendo a pergunta que lhe queimava a mente. – Por que está se casando comigo? Minha gravidez foi um acidente de percurso? Por acaso sou alguma vadia que lhe preparou uma armadilha para obrigá-lo a se casar?

Marley soube que soava histérica no instante em que as palavras lhe escaparam dos lábios, mas a dor a estava roendo por dentro. Precisava se certificar, ter algum sinal de que a vida que Chrysander alegava ser dela era feliz e não algo sombrio, repleto de lacunas como os buracos em sua memória.

– *Theos!* Venha comigo.

Antes que ela pudesse protestar, Chrysander a estava arrastando do closet e a guiando na direção da cama, onde a sentou e se acomodou ao lado dela.

Marley olhou ao redor incomodada.

– Onde está Patrice? – Não queria ter uma discussão na frente de terceiros.

– Eu a dispensei quando cheguei – respondeu ele impaciente. – Ela só ficará aqui quando eu não puder estar, até a nossa partida para a Grécia. Patrice permanecerá na ilha conosco pelo tempo que você precisar dela.

Marley não pôde disfarçar o desapontamento.

– Mas eu não preciso dela e pensei que ficaríamos sozinhos quando chegássemos à ilha.

O semblante de Chrysander deixava claro que aquela era a última coisa que desejava. Mais uma vez a mágoa a atingiu em cheio diante da aparente rejeição do noivo.

– Pode pensar que os serviços de Patrice não são necessários, mas não arriscarei sua recuperação. Sua saúde é importante para mim. – A voz grave se suavizou, e os olhos âmbar perderam um pouco da severidade. – Você está grávida e passou por uma situação muito estressante. É natural que eu queira que tenha os melhores cuidados possíveis. – Marley engoliu em seco e anuiu lentamente com a cabeça. Chrysander a observou com olhar penetrante. – Agora, quanto à minha rudeza de agora há pouco... peço-lhe desculpas. Não tinha direito de falar com você daquela maneira.

Marley resfolegou, fazendo-o arquear as sobrancelhas.

– Acho que rudeza não define o que fez. Agiu como um verdadeiro idiota.

Um rubor se espalhou pelo rosto de Chrysander enquanto ele engolia em seco.

– Sim, tem razão, e lhe peço desculpas por isso. Não tenho nenhuma justificativa. Estive ocupado tomando providências para nossa viagem e descarreguei minhas frustrações em você. Isso é imperdoável, mas peço que me perdoe mesmo assim.

– Aceito suas desculpas – retrucou ela em tom de voz seco.

– E quanto às suas outras afirmações. – Chrysander afastou uma das mãos que seguravam as dela e a passou pelos cabelos negros. – Não vivemos vidas separadas. Nem viveremos. Você não me preparou nenhuma armadilha para que a pedisse em casamento e não quero que repita isso. – Ele fez uma pausa

e suspirou. – Coloquei-a neste quarto em respeito à sua condição. Não achei justo obrigá-la a dividir um quarto e uma cama com um homem que não passa de um estranho para você. Não quis pressioná-la a esse ponto.

À luz daquela explicação, a preocupação de Marley pareceu tola. O que ela havia interpretado como desprezo, na verdade fora um ato zeloso da parte de Chrysander. Os ombros de Marley se curvaram quando um profundo suspiro lhe escapou dos lábios.

– Pensei...

– O que pensou, *pedhaki mou*?

– Pensei que me rejeitasse – respondeu Marley tímida.

Chrysander praguejou em tom de voz baixo e lhe segurou a rosto entre as mãos. Por um longo instante, se limitou a olhá-la nos olhos. Labaredas se refletiam nos olhos dourados. E então, ele inclinou a cabeça na direção dela. A respiração de Marley ficou presa na garganta quando os lábios sensuais pairaram sobre os dela.

Um desejo feroz se acendeu dentro dela e de repente tudo que Marley desejava era aquela boca explorando a dela. Quando os lábios dos dois se encontraram, um raio carregado de eletricidade lhe perpassou a espinha e ricocheteou, se espalhando por seu corpo como uma conflagração.

Em um gesto instintivo, Marley arqueou as costas na direção dele, amoldando-se ao casulo quente do corpo musculoso, enquanto os dedos longos lhe acariciavam o rosto e ele aprofundava o beijo. Os seios sensíveis intumesceram à medida que o desejo crescia. O peito largo lhe roçou os mamilos enrijecidos, fazendo-a se contrair em reação.

Marley envolveu o pescoço largo com os braços e enterrou os dedos nos cabelos da nuca de Chrysander. Uma paz avassaladora a envolveu. Uma sensação de perfeição, que não experimentara desde que acordara naquela cama de hospital, se alojou em sua mente.

Um gemido baixo escapou da garganta de Chrysander enquanto ele recuava. A respiração alterada e os olhos faiscando com a evidente excitação.

– Seu corpo se lembra de mim, *pedhaki mou*, mesmo que a sua mente não se recorde. – Um tom de pura satisfação masculina permeava aquelas palavras. Ele soava arrogante e seguro de si, mas ainda assim aquilo

proporcionou a Marley uma injeção de confiança e um muito necessário estímulo. Chrysander pareceu muito feliz com a ideia de ela o reconhecer, mesmo que apenas no nível físico.

– Não tenho nenhuma roupa que me sirva – disparou ela, corando em seguida diante do absurdo daquela frase. O cérebro se fundira no instante em que ele a beijara e agora ela lutava para disfarçar o embaraço. Uma das sobrancelhas de Chrysander se ergueu. – Por que não tenho roupas de gestante? – perguntou. – Não comprei nenhuma? – Marley procurava por qualquer explicação plausível que justificasse o fato de ela não possuir nenhuma roupa apropriada dentre um closet abarrotado.

Chrysander franziu a testa.

– Desculpe-me, *pedhaki mou*. Não pensei nisso. Claro que não pode sair por aí vestindo seu jeans. – Os lábios sensuais se curvaram em um sorriso lento. – Mesmo que eu adore vê-la vestida com um deles. – Marley inclinou a cabeça para o lado. Chrysander soltou uma risada abafada, e o som baixo e sexy reverberou em seu corpo hipersensível. – Você não gosta de usar esse tipo de roupa na minha presença. Acho que gosta de estar bem vestida quando estamos juntos, mas posso lhe garantir que a acharia linda em um saco de estopa se optasse por vestir um. – Um calor intenso subiu ao rosto de Marley, mas ela sorriu diante do elogio. Chrysander fez um gesto negativo com a cabeça, com expressão tristonha. – Não estou fazendo um bom trabalho em tomar conta de você desde que saiu do hospital. Eu a aborreci e não providenciei as coisas de que necessitava. Isso é algo que posso corrigir imediatamente. Porém, admito que sua segurança e seu bem-estar foram minha prioridade.

– Não diga isso – protestou ela. – Tem sido maravilhoso. Bem, exceto naqueles breves instantes em que se comportou como um idiota. – Marley exibiu um sorriso provocador enquanto falava. – Isso não deve ter sido fácil para você e, ainda assim, tem se mostrado incrivelmente paciente. Desculpe por ser tão rabugenta.

Chrysander tocou seu rosto e, por um instante, Marley pensou que ele fosse beijá-la outra vez.

– Não permitirei que peça desculpas. Fica se preocupando com o quanto isso é difícil para mim enquanto foi você quem sofreu. – Chrysander afastou a mão e se levantou. – Agora tenho de dar alguns telefonemas para lhe providenciar roupas mais adequadas.

Marley piscou várias vezes surpresa.

– Não podemos simplesmente sair para comprá-las?

Chrysander franziu a testa.

– Não está em condições de se lançar em uma maratona de compras. Quero que descanse. Estaremos partindo para a ilha amanhã, pela manhã, assim que você tiver uma consulta com o médico e ele a liberar para viajar.

– Amanhã? – repetiu ela. – Tão cedo?

Chrysander assentiu.

– Agora sabe por que tenho de me apressar se quiser que suas roupas sejam entregues a tempo.

Marley ergueu as mãos em um gesto de rendição. O modo como Chrysander falava deixava claro que tinha muita experiência em fazer com que tudo saísse de acordo com sua vontade. Se ele era capaz de lhe providenciar roupas com tanta rapidez, quem era ela para discutir?

– Agora...

Marley ergueu uma das mãos para silenciá-lo. Conhecia bem aquele semblante e o tom de voz para saber que uma ordem para que descansasse estava a caminho.

– Se me mandar descansar, sou capaz de gritar. – Os olhos âmbar se estreitaram, como se ele estivesse prestes a protestar. – Por favor, Chrysander. Estou me sentindo bem. Cochilei enquanto você estava fora. Você prometeu que iríamos almoçar quando retornasse de sua reunião e de repente me descobri faminta. Podemos comer?

Chrysander praguejou mais uma vez cerrando os punhos.

– Claro que sim. Ao que parece, consigo ser negligente em todos os sentidos. Venha, sente-se. Providenciarei algo para comermos.

Capítulo 5

NA MANHÃ seguinte, Marley se vestiu com um dos trajes elegantes que haviam sido entregues por uma boutique especializada em roupas de gestante diretamente na cobertura. Chrysander insistira para que ela consultasse um obstetra antes da viagem para a ilha e, assim, acompanhada do noivo e rodeada de vários membros da equipe de segurança, entrou no centro médico, onde ficava localizado o consultório.

Embora se sentisse muito exposta e levemente envergonhada, também vibrava com a constante atenção e a aparente preocupação de Chrysander com seu bem-estar.

Para sua surpresa, não tiveram de esperar quando Chrysander anunciou sua chegada à recepcionista. A equipe de segurança permaneceu na sala de espera e Marley sorriu diante da imagem dos homens enormes e corpulentos misturados a uma dúzia de mulheres grávidas.

Chrysander e ela foram encaminhados rapidamente à sala de exames por uma jovem enfermeira que os assegurou de que o médico os atenderia imediatamente.

Quando a mulher se retirou, Chrysander ergueu Marley no colo e a acomodou sobre a mesa de exames. Em vez de se sentar na cadeira ao lado, posicionou-se diante dela e escorregou a mão pelo comprimento dos braços delicados, como a confortá-la.

Marley se recostou aos braços fortes, incapaz de resistir à atração entre os dois. Descansou a lateral do rosto no peito largo e fechou os olhos enquanto as mãos longas a envolveram para lhe acariciar as costas.

A porta se abriu, e Marley recuou rapidamente. Mas Chrysander não parecia ter pressa em soltá-la. Envolvendo-lhe os ombros com um braço puxou-a contra o corpo enquanto o médico se apresentava aos dois.

Após algumas perguntas preliminares e uma discussão sobre o estado de Marley, o médico os encarou por sobre a prancheta.

– Gostaria de fazer um ultrassom apenas para me certificar de que tudo está como deveria.

Chrysander franziu a testa.

– Tem algum motivo para se preocupar?

O médico negou com um movimento de cabeça.

– Trata-se de pura precaução. Devido ao fato de que farão uma viagem internacional e a srta. Jameson sofreu um trauma recente, gostaria de ver a criança e me certificar de que tudo está bem.

Chrysander anuiu e segurou a mão de Marley. Quando o médico deixou a sala ele disse:

– Ficarei ao seu lado, *pedhaki mou*. Não há nada a temer.

Marley sorriu e lhe apertou a mão.

– Não estou preocupada. Nem mesmo me feri no acidente e não há razão para algo estar errado com o bebê.

A expressão de Chrysander se tornou indecifrável, mas a mão longa continuou segurando firme a dela.

Após alguns instantes, o médico retornou e instruiu Marley para se reclinar na mesa. Quando pediu que ela afastasse a calcinha até abaixo da cintura e erguesse a blusa, linhas profundas vincaram a testa de Chrysander.

– A barriga tem de estar completamente exposta para que eu possa realizara o exame – explicou o médico com um brilho divertido no olhar.

Foi Chrysander a realizar a tarefa, expondo o mínimo do corpo possível e se deteve ao lado dela com uma das mãos pousadas acima do abdome abaulado.

Quando o transdutor deslizou sobre a barriga e a imagem indistinta apareceu no monitor, ela esticou a mão trêmula para Chrysander, que se inclinou sobre ela, com o rosto próximo à orelha de Marley para ver a tela.

– Gostariam de saber o sexo da criança? – O médico perguntou com um sorriso largo.

Chrysander dirigiu o olhar a ela. Marley prendeu a respiração por um momento, o excitamento lhe fazendo a pulsação acelerar.

– Eu quero – sussurrou ela. – E você?

Chrysander sorriu e levou a mão delicada aos lábios.

– Se essa é sua vontade, *pedhaki mou*, eu também gostaria de saber se vamos ter um filho ou uma filha.

Marley girou a cabeça e olhou para o médico.

– Sim, por favor. Diga-nos – disse ela, observando a imagem do monitor mudar, indistinta, enquanto o transdutor se movia sobre seu abdome. Segundos depois, se tornou clara.

– Parabéns, vocês terão um menino.

A respiração de Marley ficou presa na garganta.

– É um menino? – sussurrou ela enquanto via o que parecia ser duas pernas e uma nádega gorducha.

– Sim. Bonito como ele só, não acha?

– Ele é lindo – disse Chrysander com voz rouca, inclinando-se e roçando os lábios na lateral do rosto de Marley. – Obrigado, *pedhaki mou*.

Marley girou para encará-lo.

– Por que está me agradecendo?

– Pelo meu filho. – O belo rosto de traços marcantes estava voltado para o monitor e os olhos âmbar brilhavam de felicidade. Chrysander estava obviamente encantado com o minúsculo bebê e a emoção a fez sentir um aperto no peito.

– Acabou – anunciou o médico.

Chrysander arrumou as roupas de Marley e, amparando-a com um braço em suas costas, ergueu-a para a posição sentada outra vez.

– Está tudo bem? – perguntou ao médico.

– Tudo ótimo. Apenas se certifique de que ela consulte um obstetra na Grécia. Não observei nenhum problema. Ela e o bebê parecem perfeitamente saudáveis, mas é bom que a srta. Jameson tenha cuidados regulares durante a gravidez.

– Providenciarei para que um médico particular, bem como uma enfermeira, permaneçam na ilha pelo tempo que ficarmos lá – afirmou Chrysander. – Ela será bem cuidada.

O médico anuiu em aprovação e, em seguida, sorriu para Marley.

– Cuide-se, minha jovem, e tenha uma excelente gravidez.

Marley retribuiu o sorriso e segurou a mão de Chrysander, que a ajudava a descer da mesa. Momentos depois, ele a guiava para fora do consultório e para o interior da limusine.

– Está se sentindo bem? – perguntou ele quando o carro se pôs em movimento. – O jato está nos esperando no aeroporto, mas, se estiver se sentindo cansada devido à consulta, poderemos partir depois que descanse.

– Nossas malas já estão lá? – Marley perguntou surpresa.

Chrysander anuiu.

– Mandei levá-las para o aeroporto enquanto você estava na consulta.

– Podemos partir agora. Descansarei no avião.

Inclinando-se para a frente, ele instruiu o motorista para levá-los direto ao aeroporto e, em seguida, fechou o vidro que os separava do chofer.

Marley olhou para ele, sentindo-se, de repente, tímida.

– Está feliz porque vai ter um filho?

Chrysander pareceu perplexo com a pergunta. Em seguida, puxou-a para perto até quase sentá-la em seu colo, espalmou a mão sobre o ventre abaulado e o acariciou com ternura.

– Por acaso lhe dei alguma razão para pensar que não estou feliz com nosso filho?

Marley negou com a cabeça.

– Não, só estava imaginando. Quero dizer, agora que sei o sexo da criança, de repente parece tão *real*.

– Não poderia estar mais feliz com nosso filho. Adoraria se fosse menina também. Desde que nosso bebê esteja saudável e seguro, fico feliz.

– Sim, eu também – Marley suspirou. – Se eu ao menos pudesse me lembrar, tudo seria perfeito. Este foi um dia tão bom!

Chrysander lhe pousou um dedo sobre os lábios.

– Não o estrague se lamentando sobre coisas que escapam ao seu controle. Sua memória voltará. Não a apresse.

As feições de Marley se contraíram.

– Tem razão. Queria apenas...

– O que quer, *pedhaki mou*?

– Queria me lembrar de amar você – disse ela em tom de voz baixo.

Os olhos âmbar escureceram e, por um instante, o que Marley viu refletido neles fez um arrepio lhe percorrer a espinha. Havia tantas emoções conflitantes naquelas íris douradas!

– Talvez consiga reaprender a me amar – disse ele por fim.

Marley sorriu.

– Está tornando isso muito fácil. – Ela se recostou, feliz, ao corpo forte. Mas, em seguida, um pensamento incômodo a tomou de assalto. Mencionara amá-lo, algo que não conseguia se lembrar, mas que sentia que fora real. Porém, nada foi dito sobre o amor de Chrysander por ela. Nem por um instante ele lhe dissera palavras de amor. Não era natural que ele as expressasse espontaneamente?

Quando estava no hospital, não teria sido esperado que ele reafirmasse seu amor depois de um susto como aquele? Chrysander não deveria ter procurado tranquilizá-la, assegurando que a amava, quando ela não conseguia se lembrar da vida que tiveram juntos?

Marley ergueu a cabeça para lhe perguntar, procurar confirmação para aquele fato, mas a pergunta morreu em seus lábios quando percebeu que a atenção de Chrysander estava focada na pequena tela da televisão em um canto do largo compartimento da limusine.

Marley deixou que a pergunta morresse e se contentou com o aconchego remanescente daquele corpo forte e musculoso. Quando se deu conta, estavam chegando ao aeroporto.

– Chegamos – disse Chrysander.

Marley anuiu e ele saltou da limusine para ajudá-la a sair. A luz brilhante do sol a fez piscar várias vezes. Ela estremeceu de leve quando uma lufada de vento frio a fustigou.

Chrysender lhe envolveu o corpo com um dos braços e se apressou em guiá-la na direção do jato particular. O interior da aeronave estava aquecido e parecia extremamente confortável.

– Há uma cama nos fundos – disse ele enquanto a guiava na direção de um dos assentos. – Tão logo levantemos voo, você poderá se deitar.

– Isso me parece ótimo – respondeu Marley com um sorriso ao mesmo tempo em que ele se sentava a seu lado. Ela girou para olhar pela janela e, em seguida, relanceou o olhar à parte frontal do avião, onde viu vários membros da equipe de segurança de Chrysender dentro da cabine.

– Por que tem tantos seguranças?

Marley sentiu o corpo forte enrijecer ao seu lado.

– Sou um homem muito rico. Há pessoas que têm interesse em me causar algum mal... ou àqueles que são importantes para mim.

– Oh! O risco é muito grande? – perguntou ela ao mesmo tempo em que se virava para encará-lo.

– O trabalho de minha equipe de segurança é assegurar que não haja nenhum risco. Não se preocupe. Cuidarei de sua segurança bem como a de nosso filho.

Marley franziu a testa.

– Não tive intenção de pôr isso em dúvida. Estou apenas tentando compreender seu mundo.

– Nosso mundo. – Chrysender a encarou com olhar penetrante. – Este é o nosso mundo. Um do qual você é parte integrante.

Um rubor lhe coloriu as maçãs do rosto.

– Estou tentando. Muito. Mas é difícil quando estou em um lugar do qual não me lembro de fazer parte. Por favor, seja paciente comigo.

– Se fui muito rude, peço-lhe desculpas – retrucou em tom tranquilizador. Em seguida, esticou o braço sobre o colo de Marley para lhe ajustar o cinto de segurança. Com um clique o prendeu no lugar, tentando não se concentrar nas incertezas que se estendiam adiante.

Várias e longas horas mais tarde, aterrissaram em uma pequena pista de pouso em Corinto, e Chrysander a ajudou a descer os poucos degraus para a pista de concreto. No instante seguinte, levava-a em direção ao helicóptero que os aguardava a alguns metros. Quando Marley lhe lançou um olhar inquiridor, ele se inclinou mais para perto e disse:

– A ilha fica a quinze minutos de helicóptero.

Marley dirigiu um olhar apreciativo além da janela do helicóptero, que começava a se erguer sobre Corinto, rumando para o mar. A distância, avistou as ruínas antigas e virou-se para questionar Chrysander sobre aquelas construções.

Quando não conseguiu fazê-lo ouvir acima do barulho dos rotores, ele lhe ajustou um par de fones de ouvido às orelhas, ligado a um microfone e Marley foi capaz de ouvi-lo claramente.

– O templo de Apolo – explicou. – Se quiser, poderemos voar de volta e explorar as ruínas quando se recuperar do cansaço da viagem.

– Sim, gostaria.

Marley voltou a atenção à extensão de água azul brilhante, mas a distância já era possível avistar o pequeno ponto de terra.

– É aquela? – perguntou, apontando. Chrysander anuiu. – A ilha tem um nome?

– Anetakis.

Marley soltou uma risada.

– Deveria ter deduzido. – Ela fez um movimento negativo com a cabeça. Parecia irreal o fato de ele ter uma ilha. Mas ter batizado o lugar com o nome da família não a surpreendeu. Aquele homem usava a arrogância como a maioria das pessoas usava roupas.

À medida que a ilha se tornava maior no horizonte, Marley fechou os dedos com força. A ansiedade devia ter transparecido porque ele esticou o braço e lhe segurou uma das mãos.

– Não há com que se preocupar, *pedhaki mou*. Gostará da ilha, e será bom para você ter tempo para relaxar e se concentrar em recuperar as forças.

Marley não argumentou quanto à sua condição física, pois sabia que seria um dispêndio inútil de energia. Porém, não tinha intenção de passar aquele

tempo na ilha “descansando”.

Pousaram em um pequeno heliponto situado nos fundos da casa suntuosa. Chrysander escorregou um braço protetor sobre seus ombros enquanto se afastavam do helicóptero, com as cabeças inclinadas para evitar o vento.

Tocando-lhe o ombro, ele indicou que Marley aguardasse enquanto ele falava com o piloto. Durante aquele tempo, ela ergueu o olhar à extensa casa, esperando por algum lampejo de reconhecimento. Uma brisa fria soprava, vinda da água, e um arrepio lhe percorreu os braços. Ainda assim, Marley se deteve, observando esperançosa. Por fim, se convenceu de que nunca estivera naquele lugar.

– Venha – disse Chrysander segurando-lhe a mão. – Você está pegando friagem.

Enquanto o helicóptero se erguia outra vez, ela seguiu Chrysander, mas logo depois voltou a estacar. Ele girou com um olhar inquiridor.

– O que há de errado?

Marley engoliu em seco enquanto continuava a olhar ao redor. Experimentava uma sensação de admiração como se estivesse penetrando em algum paraíso não desbravado, mas não havia nenhum sentimento de familiaridade, de que tivesse algum conhecimento daquele lugar. E aquilo a aterrorizava.

Chrysander fechou a distância entre os dois e lhe tocou o rosto preocupado. Quando a percebeu estremecer, soltou um xingamento.

– Nunca estive aqui – afirmou ela com um fio de voz, erguendo o olhar para obter a confirmação dele.

Chrysander anuiu.

– É verdade. Esta é sua primeira visita à ilha.

– Não entendo – disse Marley ainda com voz fraca. – Estamos noivos e nunca vim ao lugar que você chama de lar?

Os lábios de Chrysander se apertaram em uma linha tensa.

– Fizemos da cobertura de Nova York nosso lar. Eu lhe contei isso.

A nuvem de incompreensão se avolumou ao redor dela. Não teriam nem ao menos visitado a ilha juntos? Nem uma vez? Marley permitiu que ele lhe

segurasse a mão enquanto cruzavam o caminho longo e sinuoso que levava à casa. Quando se aproximaram do portão, ela distinguiu as águas reluzentes de uma piscina, que ficava encravada no meio do extenso pátio nos fundos. Para sua surpresa, a piscina penetrava na casa por meio de uma elaborada arcada.

– É aquecida – explicou Chrysander enquanto a guiava para dentro da casa. – Essa época do ano é muito fria para nadar do lado de fora, mas pode aproveitá-la na parte interna da casa se o médico a liberar.

Marley revirou os olhos e permitiu que ele a levasse para dentro de uma sala enorme que parecia ser, na realidade, um conjunto de três áreas separadas. Estacaram na sala de estar, que se abria para a sala de jantar e a cozinha, parecendo evoluir de uma para outra sem separações.

O olhar de Marley vagou pelas portas de vidro que levavam a um pátio onde ficava situada outra piscina com vista para o oceano a distância. Para lhe aumentar a perplexidade, uma mulher trajada em um biquíni minúsculo apareceu à entrada e penetrou na casa.

Marley a reconheceu como a assistente de Chrysander, mas por que aquela mulher estaria ali? E certamente estava muito frio para permanecer do lado de fora com um traje de banho.

Roslyn ergueu o olhar e pareceu a Marley que ela estava fingindo surpresa em vê-los. Embora tivesse um roupão pendurado em um dos braços, não fez nenhum movimento para vesti-lo enquanto se precipitava na direção de Chrysander.

– Sr. Anetakis, não o esperava antes de amanhã! – Os longos cabelos loiros cascadeavam sedutoramente sobre as costas, e Marley ofegou quando constatou que a parte de baixo do biquíni da assistente era uma diminuta tanga. – Espero que não se importe de eu ter aproveitado suas instalações – Roslyn se apressou em dizer enquanto tocava o braço do patrão com dedos que ostentavam unhas pintadas e bem cuidadas.

– Claro que não – respondeu Chrysander tranquilizando-a. – Disse-lhe para ficar à vontade. Organizou meu escritório da maneira que lhe pedi?

– Claro. Espero que não seja um incômodo minha permanência aqui por mais uma noite? O helicóptero só virá me buscar amanhã pela manhã.

Os olhos arregalados e inocentes da assistente não enganaram Marley, cujas têmporas começaram a latejar. Ela soltou a mão que Chrysander segurava e simplesmente se afastou, sem disposição para ouvir o ronronar da assistente por mais tempo.

– Não se preocupe, Roslyn. Espero podermos contar com sua companhia no jantar – respondeu ele em um tom formal enquanto Marley subia a escada.

Não tinha a menor ideia para onde estava indo, mas o andar superior lhe parecia o lugar que a colocaria a uma boa distância da fonte de sua irritação. Havia quase atingido o topo quando Chrysander a alcançou.

– Deveria ter esperado por mim – repreendeu ele. – Não gosto da ideia de você subir a escada sozinha. E se sofresse uma queda? Daqui em diante, alguém a acompanhará na subida e na descida.

O queixo de Marley quase caiu.

– Não está falando sério!

Chrysander franziu a testa, claramente contrariado com o tom de incredulidade em sua voz.

– Levo tudo muito a sério quando se trata do bem-estar de nosso filho.

Marley deixou escapar um suspiro de frustração enquanto ele a acompanhava pelo corredor até um espaçoso quarto.

Obviamente aquela era a suíte principal. Ela deixou de lado os protestos que tinha na ponta da língua e dirigiu um olhar questionador a Chrysander.

– Este é o meu quarto?

– O nosso quarto.

Um calor intenso subiu às maçãs do rosto de Marley. A garganta de repente seca quando imaginou dividir aquela enorme cama com Chrysander.

A satisfação faiscava nos olhos âmbar ao lhe observar a reação.

– Tem alguma objeção? – perguntou ele em tom de voz suave.

Marley fez um movimento negativo com a cabeça.

– Ne... nenhuma.

Um sorriso lento curvou os lábios sensuais de Chrysander. Um brilho predatório lhe iluminando o olhar.

– Isso é ótimo. Estamos de acordo, então.

– Eu... be... bem, não exatamente – gaguejou ela.

Uma das sobrancelhas espessas se ergueu com arrogância.

– Não estamos?

Marley sacudiu a cabeça para dispersar o feitiço que aquele homem parecia lançar sobre ela. O mesmo que a havia reduzido a uma massa trêmula e idiota. Marley empinou o queixo em uma atitude desafiadora.

– Não preciso de escolta para subir ou descer escadas. Não sou uma inválida, portanto não quero ser tratada como tal.

– E eu prefiro que tenha uma pessoa a seu lado. – A voz de Chrysander soou implacável como o aço e a determinação o fez franzir a testa.

– Não passarei o tempo que ficarmos aqui como uma prisioneira, só tendo permissão de me locomover quando alguém estiver disponível para me levar para lá e para cá. – Marley cruzou os braços sobre o peito e o encarou com olhar furioso. Para sua surpresa, os ombros largos relaxaram e uma risada escapou dos lábios de Chrysander. – O que há de tão engraçado?

– Você, *pedhaki mou*. Está agindo como sempre agiu. Sempre discutindo comigo. Sempre me acusando de ser obstinado em fazer as coisas a meu modo – explicou com um dar de ombros que deixava claro o conformismo com o próprio jeito de ser.

– Muito bem, já que estamos discutindo, o que aquela mulher está fazendo aqui, andando pela casa quase nua?

Marley não pretendia utilizar aquele tom. Queria ter parecido mais casual e não uma bruxa ciumenta, mas falhara miseravelmente.

A expressão de Chrysander endureceu.

– Você nunca gostou de Roslyn, mas gostaria que não fosse rude com ela.

Marley ergueu uma das sobrancelhas.

– Nunca? E não imagina por quê? – Dando-lhe as costas, ela se encaminhou à janela que dava vista para a piscina e o jardim na ala esquerda que separava as duas áreas das piscinas. – Por que ela parece tão à vontade nesta casa e, no entanto, esta é a primeira vez que venho aqui?

Marley enrijeceu o corpo quando as mãos de Chrysander pousaram em seus ombros.

– Roslyn sempre viaja comigo. Desta vez, tomei providências para que ela fique em Corinto e esteja disponível se eu precisar de seus serviços. Mas a presença dela não será um problema para você. – Os lábios sensuais roçaram a têmpora de Marley. – Quanto ao motivo de você nunca ter estado aqui, só posso lhe dizer que não houve oportunidade. Quando eu retornava de Nova York, após semanas fora, estava mais interessado em passar o tempo a seu lado e não desperdiçá-lo viajando.

Marley virou-se e, sem pensar, fechou os braços em torno do torso forte e enterrou o rosto no peito musculoso.

– É que me sinto tão frustrada! No entanto, não me desculparei por não gostar que a assistente do meu noivo desfile pela casa dele com uma linha a lhe cobrir os atributos. Ou que ela se sinta perfeitamente à vontade em um lugar em que eu deveria me sentir, mas não me sinto.

– Se isso a faz se sentir melhor, nem notei os atributos de Roslyn. – O tom de divertimento na voz de Chrysander serviu apenas para lhe aumentar a irritação.

Quando ela tentou se afastar dos braços fortes, ele a segurou pelos ombros e a prendeu junto ao corpo. Os olhos faiscavam com um desejo que fez o coração de Marley dar saltos ornamentais dentro do peito. Em um gesto de nervosismo, ela umedeceu os lábios, fazendo-o gemer antes de lhe capturar a boca. Marley sentiu como se lhe tivessem atirado um fósforo na pele coberta de querosene. Ah, sim, seu corpo se recordava e ansiava pelo toque daquele homem. A língua experiente exigindo que seus lábios se abrissem. Com um suspiro, ela cedeu e logo se deleitou com a invasão quente e eletrizante. Sentindo as pernas enfraquecerem, se recostou ao corpo forte e Chrysander a comprimiu contra o peito. Um gemido baixo escapou da garganta de Marley e foi abafado pela boca ávida que explorava a dela. As mãos delicadas apertando os ombros largos, necessitando da força daquele homem.

Os mamilos se enrijeceram e formigaram quando uma das mãos longas escorregou por baixo da bainha da blusa de gestante para acariciar com a suavidade de uma pena a pele de seu abdome até se espalmar sobre o bojo do sutiã. Antes que ela pudesse processar a intenção de Chrysander, sentiu o sutiã afrouxar e o polegar longo lhe roçar o mamilo intumescido.

Tremores incontroláveis lhe abalavam a estrutura delicada enquanto os lábios quentes imprimiam uma trilha de fogo em seu pescoço e mais abaixo até a curva de um dos seios. Quando Chrysander lhe capturou um dos mamilos na boca, ela quase se despedaçou no círculo seguro daqueles braços.

– Por favor – ofegou ela.

A súplica o fez erguer a cabeça. O choque refletido nos olhos âmbar.

– *Theos mou!* Estava a ponto de violá-la neste chão – disse em tom desgostoso, apressando-se em lhe ajeitar o sutiã e recompor a blusa.

A mão de Marley tremia quando ela a ergueu para tocar os lábios intumescidos. Cada terminação nervosa de seu corpo berrando de desejo. Sua reação a Chrysander a assustava. Era tão intensa! Volátil. Com que facilidade se incendiava no instante em que ele a tocava.

– Não me olhe dessa maneira – disse ele. A voz quase um rosnado.

– Como? – Marley perguntou.

– Como se tudo que desejasse fosse que eu a levasse para nossa cama e fizesse amor com você a noite toda. Não tenho tanto controle assim.

Uma risada rouca e repleta de desejo escapou da garganta de Marley. Em uma tentativa de acalmar a reação do próprio corpo àquelas palavras, escorregou as mãos de modo suave pelas laterais do corpo.

– E se eu tivesse desejando exatamente isso?

Chrysander ergueu uma das mãos e lhe segurou o queixo.

– O médico chegará dentro de alguns instantes. Quero que ele a examine para nos certificarmos de que a viagem não a prejudicou. Sua saúde é minha prioridade.

– Acho que acabo de ser repelida – murmurou ela tristonha.

Chrysander se moveu com a rapidez de um piscar de olhos. Em um momento, ele se encontrava a trinta centímetros de distância, e no outro, Marley se descobriu comprimida contra o peito largo. Os olhos dourados queimando os dela.

– Não confunda minha hesitação com desinteresse – disse ele em um tom letal. – Pode ter certeza de que, tão logo o médico nos tranquilize sobre seu estado de saúde, você *estará* em minha cama. – Lentamente, ele a soltou, e

Marley deu um passo vacilante atrás. – Acho que estou ouvindo o barulho do helicóptero. Deve ser o médico e a srta. Cahill. Por que não lava o rosto e se coloca à vontade? Enviarei o médico para examiná-la.

Marley anuiu como uma pateta e o observou se retirar. Tão logo Chrysander desapareceu pela porta, ela se deixou afundar sobre a cama e fechou os dedos com força sobre o colo. Como era capaz de reagir de forma tão inflamada a um homem que, para todos os efeitos, lhe era um estranho?

Chrysander tinha razão. Seu corpo o reconhecia mesmo quando a mente era incapaz. Deveria encontrar algum consolo nisso, mas a intensidade da atração que sentia por ele a assustava. Mais alguns instantes e teria se perdido naquele toque ígneo.

Lembrando-se de que o médico subiria a qualquer momento e não desejando lhe dar motivos para deixá-la em repouso, jogou um pouco de água no rosto, em uma tentativa de se livrar do rubor que ainda lhe queimava a pele.

Passou uma das mãos pelos cabelos cacheados e franziu a testa diante da própria aparência. Seus cabelos não pareciam penteados da maneira adequada. Uma imagem pipocou em sua mente. Era ela, rindo, mas com os cabelos mais curtos. Os cachos lhe emoldurando o rosto como uma boina rebelde. Mesmo diante daquele breve lampejo na memória, sabia que preferia seus cabelos curtos. Então por que os deixara crescer? Com um gesto negativo de cabeça, Marley jurou que os cortaria assim que tivesse oportunidade.

Uma batida na porta a fez sair apressada do toalete. Chrysander entrou, acompanhado de perto por um homem mais velho. Patrice os seguia e sorriu para Marley da outra extremidade do quarto.

– Este é o dr. Karounis. É chefe de um setor de obstetrícia em Atenas e teve a gentileza de concordar cuidar de você enquanto estiver na ilha – Chrysander disse enquanto lhe cingia a cintura.

– Srta. Jameson, é um prazer lhe dar a assistência que for necessária – disse o médico em tom formal.

Um sorriso nervoso curvou os lábios de Marley.

– Obrigada. Chrysander se preocupa demais. Estou certa de que não havia necessidade de fazê-lo viajar até aqui.

– Ele deseja o melhor para a senhorita e para a criança. – O dr. Karounis retrucou com um sorriso genuíno. – E não posso culpá-lo por isso.

Marley exibiu um sorriso tristonho.

– Suponho que não. Faça o que for necessário para persuadi-lo de que estou bem. – Ela dirigiu um olhar penetrante a Chrysander. – E que sou perfeitamente capaz de subir e descer escadas sozinha.

A expressão de Chrysander não se alterou.

– Fará isso por mim, *pedhaki mou*. Não estou lhe pedindo muito. Ter alguém a seu lado para subir e descer a escada não a atrasará e me tranquilizará.

Ah, aquele homem sabia como fazê-la se sentir alguns centímetros mais alta. Marley deixou escapar um suspiro.

– Está bem. – Fixou o olhar no médico e gesticulou para que Chrysander e Patrice os deixassem.

Antes de sair, Chrysander levou as mãos pequenas aos lábios e lhe beijou as palmas.

– Depois que o médico terminar, por que não toma um banho relaxante e descansa antes do jantar? Eu virei buscá-la quando estiver na hora de descer.

Marley anuiu, e os olhos âmbar faiscaram em triunfo. Em seguida, ele se retirou, fechando a porta.

Capítulo 6

DE ALGUMA forma, entre a visita do médico, o longo dia e o banho relaxante, ela conseguiu se esquecer completamente da presença de Roslyn naquela casa. Quando Chrysander entrou na suíte para acompanhá-la pela escada, um sorriso acolhedor curvou os lábios de Marley.

Estacando diante dela, ele a observou por um instante. Em seguida, roçou os lábios aos dela e lhe segurou uma das mãos.

– Está linda, com uma coloração bem mais saudável e com o semblante descansado.

– O médico disse que estou em muito boa forma. Portanto, não há com que se preocupar.

– Isso é ótimo, *pedhaki mou*. Sua saúde é importante para mim.

De braços dados, os dois saíram do quarto e desceram a escada. Quando alcançaram o último degrau, Marley ergueu o olhar e se deparou com Roslyn parada à entrada da sala de jantar.

No mesmo instante, sentiu o corpo enrijecer. A mulher estava completamente transformada trajada com um vestido de grife, que lhe moldava cada curva do corpo. Constrangida, baixou o olhar à calça comprida e à blusa de gestante que usava, sentindo ímpetos de correr de volta pela escada e trocar de roupa.

Não se sentindo disposta a permitir que Roslyn percebesse o quanto a afetara, apertou o braço de Chrysander e estampou um sorriso no rosto.

– Se soubesse que não estariam vestidos de maneira formal, teria escolhido outro traje – disse Roslyn, gesticulando para o vestido elegante que chamava atenção pela forma como o corpete se colava ao corpo. – Costuma gostar de jantares formais. – O último comentário fora dirigido a Chrysander, mas a mulher desviou o olhar a Marley para lhe avaliar a reação ao fato de ela saber mais sobre o gosto do patrão do que a própria noiva.

Chrysander guiou Marley à frente, envolvendo-lhe a cintura com um dos braços.

– O mais importante é o conforto de Marley, e como pretendemos desfrutar de muita privacidade, não há razão para formalidade. – Marley relaxou e teve vontade de se atirar nos braços daquele homem. No entanto, Roslyn não pareceu afetada com o comentário. – Venha, *pedhaki mou*. Cahill e o dr. Karounis estão nos aguardando na sala de jantar.

Os dois passaram por Roslyn, deixando-a para que os seguisse. Marley podia sentir o olhar malévolo da assistente às suas costas.

A comida, Marley imaginou, devia estar deliciosa, mas não conseguia sentir o sabor por não prestar a mínima atenção ao que estava ingerindo. Sorria até sentir a mandíbula dolorida e concordava com gestos de cabeça quando Patrice e o dr. Karounis falavam, mas o foco de sua atenção estava na conversa em tom de voz baixo entre Chrysander e a assistente.

A cabeça dele estava inclinada na direção de Roslyn, e a expressão concentrada, enquanto conversavam em tom reservado. Quando a sobremesa foi servida, e Chrysander não dava sinais de desviar a atenção da mulher que se sentava muito perto dele, Marley afastou a cadeira, atirou o guardanapo sobre a mesa e se ergueu.

No mesmo instante, o olhar de Chrysander se fixou nela.

– Está tudo bem?

– Ótimo – respondeu ela, com voz tensa. – Não se incomode. Vou subir. – Antes que ele pudesse lhe responder, Marley virou-se e se afastou com o máximo de calma que podia.

Quando alcançou o sopé da escada, Patrice se materializou ao seu lado.

– O sr. Anetakis não quer que suba a escada sozinha – disse ela, segurando-lhe o cotovelo com um toque gentil.

Marley virou-se, mas não viu nenhum sinal de Chrysander. Não estava tão preocupado a ponto de se dignar a acompanhá-la. Obviamente a companhia de Roslyn era mais importante do que o empenho em sua segurança.

A fadiga a envolveu quando ela entrou na suíte principal e Pratices retornou ao andar térreo. O banho quente e longo que tomara antes do jantar a relaxara e devia ter se deitado logo depois. Aquele jantar trouxera de volta o nervosismo do qual conseguira se livrar e não a deixaria dormir.

Marley se encaminhou à ampla janela e baixou o olhar à piscina e aos jardins. Toda a área brilhava sob os reflexos prateados do luar. Cintilava com uma qualidade mágica que a atraía. Talvez um passeio pelo jardim lhe abrandasse a irritação.

Retirou um suéter do closet e o pendurou sobre os ombros enquanto deixava o quarto e seguia em direção à escada. Não sentia sequer uma pontada de culpa pelo fato de desagradar seu “zeloso” noivo com a desobediência.

Desceu a escada devagar, segurando firme no corrimão e praguejando contra o fato de ter sido contaminada pela paranoia de Chrysander.

Podia ouvir o murmúrio de vozes vindas da sala de jantar quando alcançou a sala de estar. Girou para a esquerda e se apressou na direção das portas francesas que davam para o pátio.

Quando as abriu e se esgueirou para fora, foi recepcionada pelo sopro de uma brisa fria que lhe fez arrepiar a pele da nuca. Ainda assim, estava uma noite agradável. A lua brilhando majestosa no céu.

Marley seguiu pela passagem de pedra que margeava a piscina e virou para a direita para tomar o caminho sinuoso do jardim. A distância, o som abafado do oceano era como um bálsamo calmante para seus ouvidos. À medida que penetrava no jardim, o som da água corrente sobrepujou o das ondas. Para seu encantamento, girou em uma cerca viva espessa e curva para se deparar com uma fonte iluminada por holofotes que se erguiam do chão.

Marley se aproximou e inspirou o ar frio da noite. A brisa salgada tinha um sabor pungente em seus lábios. As mãos se ergueram para ajustar o suéter ao corpo. Estremeceu com o frio, mas se viu relutante em se retirar daquele cenário deslumbrante tão cedo.

– Não deveria estar aqui fora.

A voz de Chrysander a assustou, mesmo quando sentiu as mãos longas e familiares lhe tocarem os ombros. Os olhos dourados não conseguiam ocultar a raiva e o desagrado o fazia contrair a mandíbula.

– Como conseguiu me achar tão rápido? – perguntou ela, recusando-se a se desculpar pela escapada.

– Soube onde estava tão logo deixou a casa – retrucou com voz calma. – Tenho seguranças espalhados por toda a ilha – esclareceu diante da expressão confusa de Marley. – Fui notificado no instante em que saiu para o pátio. Desde então, está sendo observada de perto. – Ela franziu a testa enquanto olhava ao redor tentando avistar os seguranças que Chrysander mencionara. – Não devia ter descido a escada sozinha e saído no escuro, a menos que estivesse acompanhada por mim.

– Isso seria impossível, já que estava grudado em sua assistente – retrucou ela em tom de voz seco. Desejara passar a impressão de que não poderia se importar menos com aquilo, mas a mágoa refletida em suas palavras a fez cerrar os punhos.

– Não lhe dei a atenção devida durante o jantar e lhe peço desculpas por isso. Tinha vários assuntos a tratar com Roslyn, antes da partida dela pela manhã. Ficarei ausente de meus escritórios durante nossa estadia na ilha e, embora possa trabalhar daqui, prefiro dedicar meu tempo a você.

Chrysander a puxava para perto enquanto falava, e ela se sentiu fraquejar. Odiava sentir ciúme e queria acreditar que não era uma pessoa possessiva, mas como saber? Sempre se sentira tão insegura no que se relacionava a Chrysander? Esperava que não. Aquela teria sido uma existência infeliz.

Marley recostou a cabeça ao peito largo e fechou os olhos. A fragrância almiscarada que dele emanava bloqueou o sal que impregnava a atmosfera e os aromas do jardim. Um calor intenso lhe envolveu todo o corpo.

– Desculpe-me – sussurrou ela.

Chrysander a afastou alguns centímetros e lhe ergueu o queixo com um dedo.

– Prometa-me que não sairá dessa forma outra vez. Não posso proteger você ou nosso filho se não seguir minhas precauções.

Marley ergueu o olhar para encará-lo, percebendo o desejo ardente se apossar dos olhos âmbar. O ar lhe ficou preso na garganta e tudo que conseguiu foi concordar, gesticulando a cabeça. Queria que ele a beijasse e tocasse.

– Conversei com o dr. Karounis – disse ele com voz rouca. O dedo escorregando pela mandíbula delicada para lhe tocar a lateral do rosto e o contorno dos lábios.

– O que ele disse? – Marley perguntou, arfante.

Chrysander se inclinou e a ergueu nos braços. Ela deixou escapar um arfar de surpresa e, em seguida, recostou a cabeça contra o peito largo.

– Que não vê nenhuma razão para eu não fazer amor com você.

– Perguntou isso a ele? – Marley guinchou, a mortificação a fazendo ruborizar e enterrar o rosto no pescoço forte.

A risada baixa que Chrysander deixou escapar lhe reverberou contra os lábios.

– Jamais colocaria você ou nosso filho em risco, portanto tinha de me certificar de que não a machucaria se a levasse para a cama.

Chrysander refez o caminho de volta na direção do pátio, suportando-lhe o peso sem fazer o menor esforço.

– Se há tantos seguranças observando tudo que fazemos, então não deveria estar me carregando desse jeito. Saberão o que estamos fazendo!

A risada de Chrysander se propagou.

– Fica adorável quando está envergonhada, *pedhaki mou*. São todos homens. Entendem muito bem o que estou fazendo.

Marley gemeu, mantendo a cabeça firmemente colada ao pescoço de Chrysander, incapaz de suportar a ideia de erguer o olhar e se deparar com algum segurança.

Abrindo as portas francesas com o pé, ele penetrou na casa e subiu a escada. O nervosismo de Marley aumentou. Desejava e ao mesmo tempo

temia o que estava para acontecer. Como poderia manter o controle quando bastava um toque de Chrysander para estilhaçá-lo? Sua reação física a ele a deixava vulnerável, como se não fosse capaz de proteger nenhuma parte de si daquele homem. Não tinha certeza se era isso que desejava, mas até descobrir a profundidade daquele relacionamento, queria ser capaz de proteger as próprias emoções.

Chrysander a pousou na cama e a encarou com olhar faiscante. Em seguida, lhe tocou o rosto e deixou que a mão escorregasse por seu corpo até se espalmar no abdome abaulado. Inclinando-se, lhe ergueu a camiseta e roçou os lábios no local onde se encontrava aninhado o filho de ambos. Em seguida, segurou-lhe o rosto com as duas mãos, deixou que o corpo pairasse sobre o dela.

– É isso que você deseja?

– Sim, oh, sim – ofegou ela, contorcendo-se, inquieta, ansiando para que ele cumprisse a promessa estampada em seu olhar.

– Em muitos aspectos, essa é nossa primeira vez – começou ele com voz rouca. – Não quero assustá-la.

Marley esticou os braços, puxando-lhe o rosto até que os lábios dos dois se encontrassem. As incertezas se evaporando em face do calor que emanava da boca que violava a dela. Chrysander tomou o controle do beijo, fazendo-a se agarrar, desesperada, aos ombros largos.

– Eu o desejo – sussurrou Marley quando ele se afastou, com a respiração ofegante.

Chrysander se ergueu, e ela o observou da posição onde estava na cama. Os lábios intumescidos e trêmulos. A pulsação acelerada e a excitação lhe percorrendo as veias como lava incandescente, à medida que ele desabotoava a camisa.

Quando concluiu a tarefa, Chrysander atirou a peça ao chão e se concentrou no zíper da calça. Marley prendeu a respiração diante da familiaridade daquelas ações. Ela o vira fazer aquilo antes. Provocá-la. Tentá-la até que estivesse louca para que ele a possuísse.

– Você fez isso antes – murmurou Marley.

Um sorriso predador curvou os lábios sensuais enquanto a calça comprida escorregava pelas pernas musculosas.

– Isso é algo que a agrada, segundo me disse. Gosto de satisfazer minha mulher.

Por fim, a cueca de seda baixou até as coxas avantajadas, e Marley engoliu em seco quando a evidente ereção se projetou para fora. Ele era simplesmente lindo. Exalava uma força masculina que se refletia nos músculos definidos do corpo perfeito enquanto se inclinava para a frente mais uma vez.

– E agora vamos livrá-la dessas roupas, *pedhaki mou*.

Em um momento de pânico, Marley curvou os braços sobre o peito. Iria ele achá-la bonita? Reagiria com a mesma intensidade que ela reagia a ele? Esforçou-se para recordar mais detalhes da forma como faziam amor, procurando mais familiaridades do que apenas o fato de Chrysander se despir diante dela.

Com um movimento suave, ele lhe afastou as mãos do peito e as esticou até acima da cabeça de Marley, pressionando-as contra o colchão.

– Não esconda nada de mim. Você é linda. Quero vê-la por inteiro.

Marley umedeceu os lábios enquanto leves formigamentos lhe percorriam o corpo. Os mamilos enrijecendo no confinamento do sutiã e, de repente, desejou estar pele a pele com ele, sem as barreiras das roupas ou das dúvidas.

Chrysander baixou uma das mãos e começou a lhe retirar a camiseta. Os lábios encontrando a pele macia do pescoço delicado que ele explorou com mordidas leves até o lóbulo da orelha. O quarto se tornou um tanto indistinto ao redor, e Marley teve de lutar para colocar algum oxigênio para os pulmões. Simplesmente não conseguia respirar.

Era incrível a habilidade com que ele a despia. Os lábios se arredondaram em choque, fazendo com que um sorriso arrogante se estampasse no rosto de Chrysander, ao mesmo tempo em que ele atirava por sobre o ombro a última peça íntima que lhe retirara.

Em seguida, ele a ergueu, a posicionou sobre os travesseiros, no meio da cama e se deitou pressionando o corpo forte ao dela. Espalmou uma das

mãos com cuidado sobre o abdome abaulado e a deixou escorregar até lhe encontrar o ponto sensível da feminilidade.

– Chrysander! – Ela ofegou contra os lábios sensuais.

Quente, tenso e excitado, o corpo de Marley enrijeceu quando ele lhe capturou um dos mamilos na boca. Um soluço lhe escapou da garganta quando os dedos experientes a estimularam.

– Eu a desejo tanto! – sussurrou ele. – Senti falta disso. Somos tão bons juntos. Entregue-se a mim. Dê-me seu prazer.

Chrysander a cobriu com o corpo, a pele pressionada à dela. Em seguida, introduziu uma das coxas entre as de Marley e se posicionou. Ela lhe envolveu o torso com os braços enquanto Chrysander a penetrava.

Mesmo enquanto a possuía, ele a encaixava suavemente contra o corpo, tomando cuidado para não largar o peso sobre o abdome avantajado de Marley.

E dessa forma, Chrysander a levou ao paraíso. Naquele momento, pela primeira vez, ela se sentiu verdadeiramente em casa. Uma sensação de que pertencia a ela e não estava vivendo a vida de outra pessoa. Lágrimas lhe escorreram pela face e só quando ela atingiu a satisfação plena envolta naqueles braços fortes, foi que Chrysander se entregou aos espasmos de prazer, deixando o corpo lentamente descansar sobre o dela.

Quando ele tentou se mover, Marley deixou escapar um protesto fraco.

– Sou muito pesado – murmurou ele enquanto se acomodava ao lado dela. Em seguida, a puxou para seus braços e lhe aninhou a cabeça sob o queixo. Escorregou a mão pela lateral do corpo de Marley, deixando-a descansar na curva de seu quadril.

Por um longo instante, os dois ofegaram em silêncio. Uma letargia envolvente a invadiu e um contentamento sonolento lhe fez pesar as pálpebras.

– Chrysander?

– Sim?

– Sempre foi assim? – perguntou com voz suave.

O corpo forte paralisou contra o dela.

– Não, *pedhaki mou*. Isto... isto foi muito melhor.

Um sorriso curvou os lábios de Marley enquanto o sono a vencia. A fragrância e a sensação de Chrysander a envolvendo.

Capítulo 7

OS RAIOS de sol que incidiam no quarto envolviam a cama em um calor aconchegante, onde Marley se encontrava deitada. Ela abriu os olhos, mas no mesmo instante escondeu o rosto sob as cobertas. Tateou à procura de Chrysander, mas encontrou apenas o lugar que ele ocupara vazio.

Com a testa franzida, sentou-se na cama e olhou ao redor, mas ele não se encontrava em lugar algum. O ruído inconfundível do helicóptero lhe chamou atenção, fazendo-a se levantar e caminhar até a janela.

Chrysander se encontrava parado com Roslyn a uma curta distância do helicóptero, tocando-lhe o braço com uma das mãos. A mulher anuiu e, logo depois, se encaminhou ao helicóptero com o corpo inclinado para a frente. Marley não pôde evitar o suspiro de alívio.

Observou por mais um instante, antes de virar-se e se apressar na direção do toalete. Tomou uma ducha rápida, envolveu o corpo com o robe e voltou ao quarto para se vestir. Chrysander a aguardava.

Marley o encarou com expressão nervosa, ajustando o robe ao corpo.

– Eu a deixarei à vontade para que se vista – disse ele, conciso. – Enviarei a srta. Cahill para acompanhá-la pela escada dentro de meia hora.

Sem dizer mais nada, Chrysander se retirou do quarto, deixando-a boquiaberta. Uma pontada de dor lhe percorreu a espinha. Ele agira como

se mal pudesse esperar para se afastar dela. Depois da noite anterior, certamente aquele não era o tipo de comportamento que Marley esperava.

E enviar Patrice para acompanhá-la? Se estava tão determinado a não permitir que ela descesse a escada sozinha, então devia ao menos realizar a função pessoalmente, em vez de atirá-la aos cuidados da enfermeira como se ela fosse uma tarefa indesejada.

Curvando os ombros, Marley entrou no closet para escolher uma roupa. Tinha preocupações suficientes sem ter de acrescentar um homem mal-humorado e rabugento a elas. Qualquer que fosse o motivo para aquele estado de espírito, ele podia muito bem superá-lo.

Todas as sensações cálidas e flutuantes da noite de amor evaporaram enquanto Marley deixava o quarto. Não ficaria parada como um cachorro obediente, esperando as ordens do dono. Era ridícula a insistência de Chrysander em que a ajudassem a transitar por escadas como se ela fosse uma criança.

Marley havia descido metade dos degraus quando viu Chrysander parado ao sopé da escada com a mandíbula contraída e a raiva faiscando no olhar. Ela hesitou por um instante, mas apertou o corrimão e continuou a descer.

Desafiá-lo em algo tão insignificante a fazia parecer infantil e um pouco mesquinha, mas no momento não se importava nem um pouco em irritá-lo.

Sustentou-lhe o olhar, desafiadora enquanto descia os últimos degraus. Os lábios de Chrysander se apertaram em uma linha fina, mas ele nada disse. Segurando-lhe o cotovelo com uma das mãos, a guiou à mesa do café da manhã, mas Marley se soltou e caminhou à frente dele.

Fizeram a refeição em silêncio, embora ela não pudesse afirmar que comera alguma coisa. Mexia as frutas no prato com o garfo e tomava goles mecânicos do chá, mas o silêncio pétreo em que Chrysander se encontrava a fazia ter vontade de sair correndo.

Em vários momentos, Marley abriu a boca para lhe perguntar qual era o problema, mas a cada vez algo na expressão daquele homem a mantinha em silêncio. Por fim, ela desistiu de fingir que estava comendo e afastou o prato para o lado.

Chrysander ergueu o olhar com a testa franzida em desaprovação quando percebeu a comida ainda no prato de Marley.

– Precisa se alimentar.

– É difícil ter apetite com uma nuvem negra pairando sobre a mesa do café da manhã – retrucou ela com voz tensa.

Os lábios de Chrysander se comprimiram e os olhos faiscaram. Dava a impressão de que iria responder, mas naquele momento ela ouviu o ruído do helicóptero se aproximando.

– Esta ilha está parecendo um aeroporto esta manhã – resmungou ela.

Chrysander se ergueu e atirou o guardanapo sobre a mesa.

– Deve ser o joalheiro. Retornarei dentro de um instante.

Joalheiro? Marley o observou se afastar, com a mente repleta de questionamentos. Para que diabos ele precisava de um joalheiro? Inclinou-se para trás na cadeira com um suspiro, imaginando onde estaria Patrice e o dr. Karounis. Ao menos na presença deles, não teria de enfrentar o silêncio tempestuoso de Chrysander.

Marley se ergueu e olhou ao redor por um instante, antes de finalmente decidir se aventurar para fora da casa. O sol parecia quente e convidativo e ainda não vira nenhuma parte da ilha à luz do dia. Saiu para o terraço e no mesmo instante fechou os olhos, apreciando a brisa suave do mar que lhe soprou o rosto. Era fria, mas não de forma desconfortável, e a luz do sol deixava um rastro aquecido em sua pele enquanto procurava pelo caminho de pedra que levava à praia.

Quanto mais se afastava da casa, mais o caminho se tornava arenoso. Marley retirou as sandálias, imaginando como seria a sensação da areia aquecida sob os pés.

Ao final do caminho, havia um declive curto na direção da praia. Quando desceu, os pés se enterraram nos grãos macios, fazendo com que seus lábios se curvassem em um sorriso prazeroso.

As ondas recuaram e ela se aventurou em direção à espuma espalhada sobre a areia úmida à margem da água. O mar tinha um tom de azul que lhe tirou o fôlego. Paraíso. Aquilo era simplesmente o paraíso. E pertencia a Chrysander.

O vento lhe ergueu os cachos da nuca, atirando-os contra seu rosto. Após várias tentativas de colocar as mechas desobedientes para trás das orelhas, Marley soltou uma risada e desistiu, deixando-as ao sabor do vento. Arriscou um olhar na direção da casa, mas não viu ninguém se aproximando e continuou a caminhar pela praia, na margem da água. O som das ondas que estouravam a acalmava e logo a tensão em seus ombros começou a abrandar. Sentia-se em paz naquele lugar, porém mais do que isso, tinha a sensação de estar segura.

Aquela palavra a assustou, fazendo-a paralizar onde estava, com a testa franzida pela consternação. Por que não se sentiria segura? Chrysander tinha um verdadeiro batalhão de seguranças que insistia em levar para todos os lugares com eles. Se havia alguém seguro no mundo, esse alguém era ela.

Contudo, ainda assim, até aterrissarem naquela ilha, sentia-se inquieta, o pânico sempre a circundando.

– Está enlouquecendo – resmungou ela. – Bem, você já perdeu a memória. Talvez a sanidade seja uma questão de tempo.

Marley avistou um grande pedaço de madeira entalado em um monte de areia e caminhou naquela direção. Havia um espaço na extremidade onde a superfície era relativamente lisa e ela espanou a areia com a mão para se sentar.

Um suspiro de contentamento lhe escapou dos lábios. Poderia ficar sentada ali durante horas observando o movimento das ondas e escutando os sons confortantes do oceano.

Se estivesse quente o suficiente para nadar, teria ficado tentada a se despir e entrar na água. Mas não tinha ideia onde estariam posicionados todos aqueles seguranças que mantinham guarda e não estava disposta a lhes proporcionar um show.

Um movimento em um dos cantos de seus olhos lhe captou a atenção e Marley virou a cabeça para ver Chrysander caminhando pela praia e murmurou um xingamento enquanto ele se aproximava.

Estacando diante dela, Chrysander a encarou com a testa franzida. Em seguida, comprimiu os lábios e fez um movimento negativo de cabeça, antes de se acomodar ao lado dela.

– Vejo que manterá meus seguranças muito ocupados, *pedhaki mou*. – Marley deu de ombros, mas não respondeu. – O que está fazendo aqui? – perguntou em tom suave.

– Aproveitando a praia. É muito linda.

– Se eu prometer trazê-la de volta, concordará em me acompanhar até a casa? O joalheiro está nos aguardando, e ele tem pressa de voltar para o continente.

Marley lhe relanceou o olhar.

– Por que chamou um joalheiro e por que temos de nos encontrar com ele aqui? O normal não seria ir até a loja dele? – Chrysander se ergueu, dirigindo-lhe um olhar arrogante que sugeria que todos costumavam vir até ele e não o contrário. Em seguida, esticou a mão e Marley a aceitou, resignada. – Você é muito sério – resmungou ela quando Chrysander a ajudou a se levantar.

– Vejo que terei de mudar sua opinião sobre mim.

Marley tentou soltar a mão, quando os dois começaram a se encaminhar de volta para a casa, mas ele a segurou com força. Quente e, em seguida, frio. Naquele ritmo, nunca conseguiria entendê-lo. Amnésia ou não, não pôde deixar de se imaginar querendo arrancar os cabelos por causa daquele homem.

Os dois se encaminharam à biblioteca, onde um homem mais velho estava dispendo os mostruários forrados de veludo sobre a mesa de Chrysander. Quando entraram, a expressão do joalheiro se iluminou.

– Sente-se. – O homem a encorajou, contornando a mesa para segurar a mão de Marley, levá-la aos lábios e lhe depositar um beijo formal no dorso.

Depois de acomodá-la em uma das cadeiras, Chrysander se sentou ao lado dela, e o joalheiro se apressou a contornar a mesa outra vez.

Deparada com anéis estonteantes e uma vertiginosa fileira de diamantes, Marley ofegou e dirigiu um olhar questionador a Chrysander.

– Eu o chamei aqui para que possamos escolher seu anel – Chrysander disse em tom casual. Como se a visita de um joalheiro em sua casa fosse algo corriqueiro.

– Não estou entendendo – começou ela insegura.

Chrysander lhe ergueu a mão esquerda, pressionando os lábios sobre os dedos delicados.

– É importante para mim que use uma aliança. Ainda não tínhamos escolhido uma quando você teve seu... acidente. Quero consertar isso.

– Ah! – No quesito respostas, aquela não era uma das mais brilhantes, mas foi tudo que Marley conseguiu dizer.

Chrysander a estimulou a desviar a atenção para as joias e assim ela o fez, embora um pouco nervosa. Aqueles anéis eram tão grandes. E caros! Não queria nem se inteirar do preço daquelas peças. Após experimentar vários, Marley encontrou um que a encantou, mas logo imaginou se Chrysander não ficaria ofendido com sua escolha.

O olhar insistia em voltar ao gracioso anel, mesmo enquanto continuava a experimentar os que o joalheiro tentava lhe impingir.

– Aquele – disse Chrysander, apontando para o anel na extremidade direita.

Para a surpresa de Marley, o joalheiro pegou aquele que ela estivera admirando e o entregou a Chrysander, que o deslizou por seu dedo. A joia se encaixou com perfeição. Era menor que os outros e simples, mas combinava com ela. Um solitário de safira que faiscava a qualquer movimento e, de repente, Marley não queria mais tirá-lo.

– Você gostou desse – afirmou Chrysander.

– Amei – sussurrou Marley, relanceando o olhar a ele. – Mas, se preferir outro, não tem problema.

– Ficaremos com este – disse Chrysander ao joalheiro.

Se o homem ficou desapontado, não demonstrou enquanto dirigia um largo sorriso ao casal. Com treinada eficiência, guardou as demais joias e as colocou em uma caixa que trancou em seguida. Minutos mais tarde, Chrysander o acompanhou ao helicóptero que o aguardava, mas não sem antes deixar uma ordem austera para que Marley não saísse do lugar.

Uma risada abafada escapou dos lábios de Marley quando ele se retirou. Chrysander parecia tão exasperado. Provavelmente estava acostumado com pessoas obedecendo a todas as suas ordens e permanecendo onde ele determinava. Um pensamento repentino deixou-a horrorizada. Teria sido

uma daquelas pessoas? Certamente não. Podia ter perdido a memória, mas não havia sido submetida a um transplante de personalidade.

Com aquele pensamento em mente, deixou a biblioteca e foi em busca de algo para comer. Agora que sentia o estômago reclamar, se arrependia de não ter comido no café da manhã.

Antes que pudesse abrir o refrigerador, ouviu Chrysander entrar na cozinha.

– Por que será que adivinhei que você não estaria onde a deixei? – disse ele.

Marley girou com um doce sorriso a lhe curvar os lábios.

– Por que não pediu com educação?

Chrysander deixou escapar uma risada baixa, um som sexy que lhe reverberou pela espinha.

– Pedi que o helicóptero voltasse dentro de uma hora. Se estiver disposta, pensei em visitarmos as ruínas pelas quais se interessou e aproveitar para conhecer outros lugares.

– Ah, eu adoraria! – Esquecendo a comida e tudo mais, Marley cruzou a cozinha apressada e se atirou nos braços musculosos, abraçando-o com força.

Chrysander soltou outra risada baixa.

– Então, estou perdoado por ser muito sério?

Marley recuou e fez uma careta.

– Você é bom em me atirar as palavras de volta na cara. Mas, sim, está perdoado. Deixe-me apenas mudar de roupa.

– Traga um suéter. Esfriará no fim do dia.

Marley virou-se, apressada, mas ele a puxou de volta. Ela colidiu com o peito musculoso e ergueu o olhar para descobrir os lábios sensuais a centímetros dos seus.

– Certamente mereço uma recompensa? – murmurou ele.

Marley umedeceu os lábios, fazendo-o gemer.

– Suponho que uma pequena recompensa não faria mal algum – retrucou com voz rouca.

A boca exigente se fechou sobre a dela e Marley se derreteu no círculo seguro daqueles braços fortes. Quando Chrysander aprofundou o beijo, ela estremeceu e um gemido fraco lhe escapou da garganta.

Quando ele interrompeu o beijo, labaredas incendiavam os olhos âmbar.

– É melhor eu ajudar você a subir a escada para que troque de roupa. Do contrário, acabaremos não indo a lugar nenhum a não ser para a cama.

Um sorriso malicioso curvou os lábios de Marley antes de ela se afastar na direção da escada. Não que tivesse a ilusão de que subiria sozinha e não subiu. Antes que pisasse no primeiro degrau, Chrysander a alcançou.

Enquanto subiam a escada, ela lhe relanceou um olhar exasperado.

– Estou perfeitamente apta a subir a escada sozinha. Não sou uma incapaz.

– Posso ser um homem tolerante, mas não nesta questão – retrucou ele, arrogante. – Desculpe, mas terá de conviver com o fato de que pretendo tomar conta de você.

Marley revirou os olhos, mas um sorriso lhe ergueu os cantos dos lábios. Era evidente que ela testava a paciência de Chrysander, mas por alguma razão aquilo a divertia.

Enquanto Marley trocava de roupa, ele a aguardou e, por fim, lhe entregou um suéter. Ela o pendurou sobre um dos braços e, mais uma vez, Chrysander a guiou pela escada e na direção do heliponto, onde estavam sendo aguardados pelo piloto.

Dentro de alguns minutos, sobrevoavam o oceano e, pouco depois, aterrissaram em Corinto. Um carro os aguardava e, para a surpresa de Marley, Chrysander a acomodou no banco do carona de um luxuoso carro esporte. Em seguida, contornou o veículo e escorregou para trás do volante.

– Eu sei dirigir – disse, conciso, quando ela o encarou um olhar inquiridor.

Marley soltou uma risada.

– É que nunca o vi dirigir antes. – Ela franziu a testa quando percebeu o que dissera. – O que quero dizer é que nunca o vi dirigir desde que...

Chrysander pousou a mão sobre a dela.

– Eu entendi. Na verdade, não dirijo com muita frequência. Geralmente estou ocupado com questões de trabalho, mas tenho um carro tanto aqui quanto em Nova York.

Marley se acomodou confortavelmente no banco de couro enquanto ele se afastava do aeroporto.

Passaram a maior parte da manhã caminhando pelas ruínas. Ele lhe explicava a história, mas Marley estava mais focada no fato de aquele ser um belo dia de outono e de estarem juntos. Não havia interferência de assistentes irritantes, de médicos, enfermeiras, chamadas e faxes referentes aos negócios. Aquilo era, para resumir em uma palavra, perfeito.

– Não está prestando atenção, *pedhaki mou*. – A voz bem-humorada de Chrysander lhe penetrou a bruma do contentamento.

Marley enrubesceu e girou para encará-lo.

– Desculpe. Estou adorando, de verdade.

– Está querendo voltar para a ilha? – perguntou ele. – Não a estou exaurindo, certo? – O divertimento dera lugar à preocupação e, se ela não o dissuadisse da ideia de que não estava bem, em breve se encontraria enfiada de volta no helicóptero e aquele dia perfeito chegaria ao fim.

– Conte-me sobre sua família. Nunca os mencionou. Suponho que a informação seja redundante, mas como não me recordo de nada, talvez pudesse fazer minha vontade.

– O que gostaria de saber? – perguntou ele.

– Qualquer coisa. Tudo. Seus pais ainda estão vivos? Não comenta nada sobre eles.

Um lampejo de dor varou os olhos dourados, fazendo-a lamentar a pergunta.

– Morreram alguns anos atrás em um acidente de iate – respondeu ele.

Passando o braço pelo de Chrysander, ela o apertou em um gesto confortador.

– Desculpe. Não tive intenção de suscitar lembranças tão dolorosas.

– Já faz muito tempo – retrucou Chrysander, dando de ombros. Mas Marley percebeu que falar sobre eles o fazia sofrer.

Quando ela abriu a boca para mudar de assunto, o viu franzir a testa e enfiar a outra mão no bolso. De lá, retirou o celular e o observou por um instante, antes de abri-lo e o colar à orelha.

– Roslyn – disse ele em tom suave, após relancear o olhar a Marley. Ela enrijeceu a coluna e se soltou de Chrysander. Era típico a assistente saber o exato momento de ligar. Devia possuir um radar. Podia sentir a tensão crescendo dentro dele e quando os olhos âmbar pousaram nela era como se a traspassassem.

– Está tudo bem aqui – disse ele. – Verifique com Piers como estão indo as coisas no hotel do Rio de Janeiro e me dê um retorno. – Seguiu-se uma longa pausa. – Não. Não sei quando retornaremos a Nova York. – Mais uma vez, relanceou o olhar a Marley, fazendo-a ter a clara impressão de que Roslyn estava falando sobre ela. – Não, claro que não – acrescentou Chrysander em um tom de voz tranquilizador. – Aprecio sua atenção, Roslyn. Será a primeira a saber quando eu decidir deixar a ilha.

Marley desviou o olhar, desgostosa, incapaz de continuar escutando o que ele dizia. Instantes depois, Chrysander desligou o telefone e o colocou de volta no bolso. Como era esperado, quando ela girou na direção dele, percebeu a mudança brusca em seu comportamento. Ele a encarava quase desconfiado, embora Marley não pudesse entender por quê. Porém, sabia que aquilo não era fruto de sua imaginação. Uma clara mudança se operara no humor de Chrysander.

– Desculpe pela interrupção – disse ele em um tom quase formal. – Sobre o que estávamos falando?

– Conte-me sobre seus hotéis – pediu Marley em um impulso, desejando afastá-lo das preocupações.

A expressão do belo rosto másculo pareceu congelar e a cautela o dominou.

– O que quer saber?

Marley encontrou um lugar para se sentar de frente para as enormes colunas e o puxou para que se acomodasse a seu lado.

– Não sei. Qualquer coisa. Em que lugares possui hotéis? O Imperial Park em Nova York é um deles, certo? – Chrysander anuiu. – Onde mais possui

hotéis? É uma rede internacional? Ouvi você mencionar Rio de Janeiro. Tem um hotel lá?

Chrysander não conseguia esconder a tensão, e ela imaginou por quê. Não gostaria de discutir seus negócios? Na verdade, ansiava por qualquer detalhe sobre a vida dele. Chrysander nunca se mostrara muito acessível quanto à sua vida profissional. Um fato que ela achava estranho.

– Temos hotéis na maioria das cidades do mundo. Nossas maiores unidades se concentram em Nova York, Tóquio, Londres e Madri. Temos vários outros, um pouco menores, espalhados pela Europa. Atualmente estamos trabalhando em um projeto para construir um no Rio de Janeiro.

– Mas não em Paris? Gostaria que tivesse um em Paris para que pudéssemos visitá-lo. – Marley o provocou com um sorriso, que logo secou quando os olhos dourados se tornaram frios e severos. Um arrepio lhe percorreu a espinha e um nó se formou em sua garganta. Chrysander parecia enraivecido. Não, parecia furioso.

– Não. Não temos nenhum em Paris.

O tom conciso a fez recuar, deslizando vários centímetros ao longo do banco.

– Desculpe... – Nem mesmo sabia por que estava se desculpando. Chrysander perdera o humor em questão de segundos e não tinha ideia do motivo. Ela parecia ter uma inclinação para tocar nos assuntos errados. Primeiro fora os pais de Chrysander e agora os negócios. Haveria algum assunto seguro que pudessem discutir?

Marley se ergueu cerrando os punhos.

– Talvez tenha razão. É melhor voltarmos agora. – Ela se virou com rapidez, na intenção de retornar ao carro, mas o movimento brusco fez o mundo girar ao seu redor.

A lembrança de que não comeria no café da manhã lhe veio à mente, antes de os joelhos cederem e o mundo se apagar.

QUANDO VOLTOU a si, a primeira coisa que escutou foi uma voz furiosa, cuspidando fogo em grego. À medida que os olhos abriam e percebiam o

ambiente a seu redor, ela se deu conta de que se encontrava em uma cama de exames no que parecia ser uma clínica.

Chrysander estava de costas para ela, interrogando o médico que se encontrava parado diante dele.

– Chrysander. – Ela chamou com um fio de voz.

Virando-se, ele se precipitou na direção dela.

– Você está bem? – As mãos fortes lhe apalpavam o corpo, mesmo enquanto os olhos dourados se encontravam fixos nos dela. – Está sentindo dor?

Marley tentou sorrir, mas se sentia trêmula. O médico interpôs à frente de Chrysander e entregou um copo para ela.

– Beba isto, srta. Jameson. Sua glicemia está muito baixa, mas acho que um suco a fará se sentir melhor.

Chrysander pegou o copo do suco, escorregou um dos braços sob o pescoço de Marley e a ergueu. Em seguida, encostou o copo em seus lábios e ela tomou goles suaves do líquido doce.

– Quando comeu pela última vez, srta. Jameson? – perguntou o médico com um olhar questionador que a fez corar de vergonha e baixar a cabeça.

– Não tomei café da manhã – admitiu.

Chrysander deixou escapar um xingamento.

– Tampouco jantou bem ontem à noite. *Theos!* Não deveria tê-la trazido para cá hoje. Sabia que não havia se alimentando adequadamente e não fiz nada para remediar essa situação.

Marley exibiu um sorriso frágil.

– Não é culpa sua. Foi uma tolice da minha parte. Fiquei tão animada com a visita às ruínas que me esqueci de comer.

– É meu dever cuidar de você e de nosso filho – afirmou ele, obstinado.

O médico limpou a garganta e sorriu para o casal.

– Sim, bem, nenhum mal foi causado. Bastará uma refeição decente para que ela se sinta uma nova mulher. Porém, sugiro que permaneça em repouso pelo restante do dia. Não há motivo para arriscar um novo mal-estar.

– Eu me encarregarei disso – disse Chrysander tenso. – Marley suspirou. Ele estava se culpando por seu desmaio. Podia senti-lo fervilhar com o

sentimento de culpa e não haveria como dissuadi-lo de seu propósito. Era melhor se resignar e passar o restante do dia de repouso. – Posso levá-la para casa agora?

O médico anuiu.

– Apenas se certifique de que ela se alimente imediatamente e descanse.

– Pode ter certeza disso – retrucou Chrysander em tom de voz austero.

Marley fez menção de se levantar da cama, mas Chrysander a impediu segurando-a com uma das mãos. Em seguida, ergueu-a nos braços e a carregou pelos corredores.

Quando saíram do hospital, um carro preto estacou imediatamente diante deles e um homem saltou para abrir a porta. Chrysander se inclinou e entrou no veículo ainda a carregando nos braços.

– Já perdeu a vontade de dirigir – resmungou ela enquanto o carro arrancava para tomar o caminho do aeroporto.

– Não posso dirigir e segurá-la ao mesmo tempo – explicou Chrysander paciente.

– Não sabia que agora terei de ser carregada no colo.

– Eu *cuidarei* de você.

As palavras expressavam uma determinação ferrenha. A voz grave soou austera, fazendo-a ciente de que Chrysander levava aquela promessa muito a sério. Percebendo que seria inútil argumentar com ele, Marley relaxou contra o peito musculoso e lhe envolveu o corpo forte com os braços.

Acariciando-lhe os cabelos, ele murmurou palavras em grego. Marley estava quase adormecida quando o carro parou com um leve solavanco. Pouco depois, a porta se abriu e um raio de sol a fez espremer os olhos quando os ergueu. Chrysander improvisou uma viseira com uma das mãos para lhe proteger a visão e voltou a lhe virar o rosto contra o próprio peito com um gesto suave. Ainda a carregando nos braços, saltou do carro e se encaminhou, apressado, ao helicóptero.

– Volte a dormir se puder, *pedhaki mou* – murmurou ao subir no helicóptero.

No entanto, quando o ruído das hélices começou, a névoa da sonolência se dispersou. Marley se contentou em se aninhar contra a curva do pescoço

largo enquanto decolavam na direção da ilha.

Era óbvio que Chrysander havia telefonado e disparado uma sucessão de ordens, porque quando entrou em casa, com ela nos braços, Patrice já tinha uma refeição a aguardando e o dr. Karounis se encontrava a postos para monitorar o estado de Marley. Após a comoção inicial, Patrice e o médico o asseguraram de que ela estava bem e pediram licença para se retirar, deixando-os sozinhos.

Marley começou pela tigela de sopa e suspirou, satisfeita, quando o alimento lhe forrou o estômago vazio.

– Não deixará de fazer mais nenhuma refeição – disse Chrysander em tom de reprovação enquanto a observava do lado oposto da mesa.

– Não era essa minha intenção – respondeu ela. – Apenas me distraí.

– Eu me certificarei de que isso não se repita.

Marley ergueu uma das sobrancelhas e exibiu um sorriso travesso.

– Então, voltou a ser sério?

Chrysander a encarou com olhar furioso.

Aquilo a fez se lembrar do que acontecera entre os dois, antes de ela desmaiar. A expressão de Marley se tornou séria e o encarou, pensativa.

– O que há de errado? – perguntou ela.

Marley brincou com a colher antes de pousá-la na tigela.

– Por que ficou tão aborrecido quando estávamos nas ruínas?

A expressão de Chrysander permaneceu neutra, mas ela percebeu que a pergunta não o agradou.

– Não foi nada. Estava apenas pensando em assuntos de trabalho – retrucou descartando o assunto.

Marley lhe dirigiu um olhar incrédulo, mas não insistiu. Quando concluiu a refeição, mais uma vez ele a ergueu nos braços e a carregou até o quarto. Em seguida, pousou-a sobre o colchão e metodicamente começou a lhe remover as roupas. Quando lhe tirou a calça comprida, Marley se encontrava deitada na cama apenas de calcinha e sutiã. A inspiração profunda de Chrysander soou audível enquanto ele se virava de costas.

– Chrysander – sussurrou ela. Com a musculatura do corpo tensa pelo grande esforço que parecia fazer para se controlar, ele se virou. – Fique

comigo. Vamos tirar um cochilo juntos? Estou me sentindo muito cansada.

Se ele não parecesse tão torturado, Marley teria soltado uma risada. Lutou para manter a expressão neutra enquanto Chrysander ruminava aquele pedido. Por fim, começou a desabotoar a camisa. Em silêncio, se despiu até ficar apenas com a cueca boxer e escorregou para a cama, acomodando-se ao lado dela. E então, soltou um xingamento baixo.

Marley lhe dirigiu um olhar questionador enquanto os olhos dourados lhe varriam o corpo.

– Não quer vestir algo para dormir? Não pode ficar apenas com suas roupas íntimas. Não parece confortável.

As maçãs do rosto de Marley se tornaram rubras, mas ela anuiu.

– Um camisão será suficiente.

Chrysander se levantou e retornou com uma de suas camisas. Ajudou-a a sentar e lhe retirou o sutiã. As mãos ligeiramente trêmulas enquanto lhe vestia a camisa pela cabeça e a deixava escorregar pelo abdome abaulado.

Com um movimento suave, a inclinou de volta na direção do colchão e se ajoelhou diante dela.

– Está melhor assim?

– Muito melhor – concordou ela com voz rouca.

Chrysander se deitou ao lado dela e a puxou para os seus braços. Marley contorceu o corpo, tentando encontrar o ponto ideal. Quando encaixou as nádegas contra o quadril de Chrysander lhe sentiu a ereção e congelou. Em seguida, fez menção de se afastar, mas ele a prendeu no lugar.

– Não se mexa.

Os braços fortes a envolveram, prendendo-a. Com o rosto em chamas, Marley tentou relaxar. No momento em que ele a tocara, o sono se dissipara. Agora tinha de tentar dormir com aquele corpo forte colocado em cada centímetro do seu.

O calor que dele emanava se derramava sobre ela. Chrysander lhe acariciou os cabelos e murmurou palavras gregas em seu ouvido. Embora não entendesse o sentido, Marley reconheceu a intenção de relaxá-la. Um suspiro de satisfação lhe escapou dos lábios quando a mão longa escorregou por seu braço, quadril e descansou sobre a coxa. Uma sensação de perfeição

a atingiu e a deixou perplexa ao perceber que a emoção que não sabia definir e com a qual estivera batalhando se chamava amor. Marley abriu os olhos quando ouviu a respiração de Chrysender cadenciada pelo sono.

Amava aquele homem. Aquilo não deveria surpreendê-la, mas agora que percebera aquele sentimento, lembrou-se que não o havia reconhecido de imediato, após a perda de memória. Não deveria saber de alguma forma que amava aquele homem?

Chrysender era complicado, quanto a isso não havia o que discutir. Complexo, firme e reservado. Bem, se um dia conseguira lhe quebrar as barreiras, certamente seria capaz de repetir a façanha.

Marley relaxou para dormir, a determinação imprimindo um ritmo cadenciado em sua mente.

Capítulo 8

LÁBIOS QUENTES deixavam uma trilha ardente de beijos sobre seus ombros e braços. Marley se mexeu e abriu os olhos para ver a cabeça escura de Chrysander se movendo sensualmente por seu corpo.

– Essa é uma maneira maravilhosa de acordar – murmurou ela.

As palavras o fizeram erguer a cabeça e ela se deparou com o ouro líquido dos olhos de Chrysander.

– Como está se sentindo, *pedhaki mou*?

Marley rolou para se deitar de costas e ergueu uma das mãos para escorregá-la pela massa espessa de cabelos pretos.

– Muito melhor. Enchi o estômago e tirei um cochilo. O que mais uma mulher grávida poderia desejar?

– Nosso filho não dormiu muito – disse Chrysander escorregando uma das mãos pelo abdome abaulado.

Marley sorriu.

– Não, ele tem estado muito ativo ultimamente. O obstetra disse que os bebês se mexem mais no segundo trimestre.

Chrysander observava o abdome avantajado, não contendo a fascinação no olhar.

– Não se mexem no último trimestre?

– Sim, mas não tanto. Não há muito espaço. No último mês, quase não se mexem devido ao confinamento em que se encontram.

– Acho que então será mais fácil para você descansar. – Marley bocejou, cobrindo a boca com uma das mãos, quando a mandíbula quase estalou com o esforço. – Ainda está cansada – acrescentou ele em tom de reprovação.

– Estou grávida. Suponho que estarei cansada pelos próximos dezoito anos. Mas estou me sentindo bem melhor. Sério. Vamos nos levantar.

Chrysander montou sobre ela, apoiando um joelho de cada lado de seu corpo e baixou o olhar para encará-la com um brilho predador.

– Está muito ansiosa para se levantar. Por quê? – Marley corou e fingiu socá-lo no peito. Ele se inclinou e lhe capturou a boca em um beijo, mordendo de leve o lábio inferior carnudo até ela o sentir intumescido e pulsante. – Tinha pensado em mantê-la na cama até amanhã de manhã – murmurou.

Liquefeita. Tornava-se completamente liquefeita nas mãos daquele homem. Bastava Chrysander tocá-la para que ela virasse um mingau. Marley envolveu o pescoço largo com os braços e correspondeu o beijo com afeição. Podia sentir a ereção lhe comprimir os quadris. Era bom constatar que o desejo de Chrysander se igualava ao dela.

Com óbvia relutância, ele recuou e saiu da cama. Marley o observou com olhar confuso. Por que ele estaria recuando? Mas Chrysander esticou a mão e lhe afastou os cachos macios do rosto.

– Teve um dia difícil, *agape mou*. Não quero cansá-la ainda mais.

Chrysander pareceu tão surpreso quanto ela quando o tratamento carinhoso lhe escapou dos lábios. Os olhos de Marley se arregalaram e ele pareceu tenso, antes de virar de costas e se encaminhar ao closet.

Marley o observou se vestir e, em seguida, sair do quarto. Ele a havia chamado de “meu amor” e, embora aquilo a tivesse enchido de excitação, era óbvio que ele não desejara dizer aquelas palavras.

Entretanto as dissera. Marley se agarrou àquela verdade enquanto se levantava da cama. O fato de não saber o que Chrysander sentia por ela e por que se esforçava tanto para se manter distante a deixara intrigada desde

o princípio. Seria por causa de sua amnésia? Temeraria não poder levar seus sentimentos por ele em consideração já que não passava de um estranho para ela?

Estava muito focada nas dificuldades resultantes de sua perda de memória, mas era óbvio que Chrysander também tinha problemas em relação àquela situação.

Se ao menos pudesse se lembrar. Se pudesse fazê-lo entender que seu amor por ele independia do fato de poder se lembrar de amá-lo no passado...

Tudo que podia fazer era demonstrar seus sentimentos e esperar recuperar logo a memória.

CHRYSANDER ESTAVA em seu escritório, olhando além da janela que dava vista para a praia. Marley se encontrava próxima à água. Os pés descalços e o vestido de gestante que usava ondulando ao vento. Ele a mantinha sob cuidadosa vigilância e instruíra seus seguranças a fazerem o mesmo. Não queria correr nenhum risco após o desmaio de Marley no dia anterior.

Minutos atrás, desligara o telefone depois de falar com o investigador do caso de Marley. Ainda não havia sido efetuada nenhuma prisão. Não dispunham de nenhuma pista. O homem que a sequestrara ainda estava solto e, portanto, ainda significava uma ameaça a Marley e ao filho deles. Aquilo era inaceitável. O detetive prometera manter contato e informá-lo assim que houvesse alguma novidade no caso, mas Chrysander ainda estava insatisfeito. Queria resultados. Fazer com que o homem que ousara tocá-la pagasse por isso.

Focou a atenção mais uma vez em Marley, que ainda observava o mar. De vez em quando, ela erguia uma das mãos para afastar os cachos do rosto, apenas para voltarem soprados pelo vento. Erguendo o queixo, Marley soltou uma risada, e ele sentiu o impacto atingi-lo no lugar em que se encontrava.

Estava linda e descontraída. Descuidada no momento. Chrysander vasculhou em sua memória procurando pelos momentos em que estiveram juntos. Felizes. Na época, não dera importância ao fato, mas o

relacionamento que agora admitia ter tido com ela fora aberto e complacente.

O que a teria levado a lhe trair a confiança? Quase preferia que Marley o tivesse traído com outro homem. Mas não, ela atacara sua família, seus irmãos. E isso não poderia perdoar... ou poderia?

A indecisão lhe atormentava o cérebro. Uma grande parte de Chrysander ainda se encontrava conflituosa e revoltada. Mas outra, uma pequena fatia de seu ser, se encontrava pronta para seguir em frente. Esquecer o que Marley fizera e abraçar um recomeço ao lado dela. Talvez ela nunca recuperasse a memória e, para ser sincero, aquilo tornaria tudo mais fácil.

Chrysander continuou a observá-la e moveu o olhar até onde um de seus seguranças se encontrava, a alguma distância. Marley continuava a desafiá-lo, e ele se fingia aborrecido, mas tudo que fazia era se certificar de que seus homens a seguissem para todas as partes. A determinação de Marley em lhe contrariar as vontades o divertia porque não sentia nenhuma irritação sincera nela. Apenas gostava de provocá-lo. Chrysander sabia que estava sendo superprotetor, mas o fato de os sequestradores de Marley estarem soltos e ainda oferecerem perigo a ela e ao filho deles, fazia com que o medo lhe corresse como uma lava negra pelas veias. Ela lhe pertencia. Falhara com ela uma vez. Não importava que Marley o tivesse traído. Ele a havia atirado, grávida de um filho seu e desprotegida, nas mãos dos sequestradores porque deixara as emoções lhe embotarem o bom senso.

Chrysander girou, irritado, quando ouviu o toque do telefone. Desviando o olhar de Marley, encostou o fone ao ouvido.

- Sr. Anetakis. - A voz de Roslyn soou clara do outro lado da linha.
- Conversou com Piers sobre a situação dos negócios no Rio de Janeiro?
- Sim, senhor. Ele pediu para que lhe dissesse que, se o senhor atendesse seu telefone, o teria colocado a par das negociações.

Chrysander soltou uma risada abafada.

- Depois me entenderei com meu irmão.
- Se for possível, o senhor terá de participar de uma conferência telefônica no fim da tarde de amanhã, sete horas daqui. Eu lhe enviarei um

e-mail com os detalhes. Theron e Piers estarão disponíveis, mas o sr. Diego gostaria de falar diretamente com o senhor.

– Participarei – respondeu ele.

– E como vão as coisas com o senhor? – perguntou Roslyn hesitante. Chrysander franziu a testa e relanceou o olhar de volta à praia, onde Marley permanecia, observando as ondas se chocarem com a areia. – Ela já recuperou a memória? – continuou.

– Não – respondeu Chrysander conciso. Seguiu-se um momento de silêncio em que ele pôde ouvir a respiração suave de Roslyn, como se estivesse relutando em dizer o que lhe passava na mente. – Se isso é tudo – disse ele, em uma tentativa de pôr um fim ao telefonema.

– Considerou a possibilidade de ela estar fingindo a amnésia? – disparou Roslyn.

– O quê?

– Pense bem – retrucou a assistente, impaciente. – Que melhor maneira de contornar sua raiva do que fingindo ter se esquecido de tudo? Nem ao menos pode ter certeza de que esse filho é seu. Marley esteve em cativeiro durante meses. Quem pode dizer o que aconteceu durante esse tempo?

Um arrepio gelado percorreu a espinha de Chrysander.

– Basta – disse ele conciso.

– Mas...

– Já disse o suficiente...

– Como queira. Eu lhe telefonarei se houver qualquer novidade.

Chrysander desligou o telefone e voltou o olhar mais uma vez à praia. Porém, não conseguiu ver Marley. Poderia Roslyn estar certa? Estaria Marley fingindo aquela amnésia? O pensamento lhe passara pela mente quando ainda estavam em Nova York e ela acabara de ter alta do hospital. Os instintos lhe diziam que não, mas se enganara em todos os sentidos sobre aquela mulher. Se seis meses atrás alguém lhe tivesse dito que Marley seria capaz de traí-lo como fizera, teria debochado de tal acusação.

A raiva e a dúvida se alternavam em sua mente. Chrysander passou a mão no rosto e fechou os olhos em um gesto cansado. Não importava o que

pensasse no momento. Marley estava grávida de um filho seu, e isso se sobrepunha a tudo mais. Era capaz de relevar muita coisa em nome do filho.

Um som à porta o fez erguer o olhar. Marley se encontrava dentro do escritório, com o semblante iluminado por um sorriso. Os olhos brilhavam de... felicidade.

Chrysander se descobriu relaxando, o redemoinho de minutos atrás se dissipando.

– Cansou-se do passeio pela praia?

Os lábios de Marley se retorceram, tristonhos, enquanto ela se aproximava.

– Deveria saber que estava ciente do meu paradeiro.

Chrysander gesticulou na direção da janela.

– Tenho uma vista privilegiada daqui. Parece ter se divertido. Está se sentindo bem hoje? Não se cansou demais?

Marley parou diante da mesa, e Chrysander quase gesticulou para que ela a contornasse e se sentasse em seu colo, mas se refeou, necessitando se manter um pouco distante enquanto se sentia tão volátil e inseguro. Não queria vê-la como uma farsante, nada além de uma atriz experiente devotada a escapar da vingança.

– Estou bem. Você se preocupa muito. Não preciso ser mimada. Parece pensar que sou a primeira mulher a ficar grávida.

– É a primeira a gerar um filho meu – argumentou ele.

Marley soltou uma risada.

– Está bem. Então farei algumas concessões a seu excesso de zelo por ser esse o seu primeiro filho. Quando tivermos o próximo, espero que aja de maneira sensata.

Chrysander sentiu cada músculo do corpo retesar e lutou contra a escuridão que se estampou diante de seus olhos. Outro filho. Aquilo sugeria permanência. Um relacionamento duradouro. Sim, planejava pedir... não, insistir... para que Marley se casasse com ele, mas não refletira no que aquilo implicaria. Um lugar permanente para Marley em sua vida. Mais filhos.

Os irmãos teriam razão? Deveria tê-la instalado em um apartamento, contratado profissionais competentes para cuidar dela até o nascimento do bebê e depois expulsá-la de sua vida?

– Chrysander? Há algo errado?

Ao erguer o olhar, ele se deparou com a expressão preocupada de Marley. E, mais uma vez, como em muitos momentos em que ela o encarava, lá estava o traço de insegurança. Ou quase medo. Chrysander xingou em silêncio. Não tivera a intenção de assustá-la ou aborrecê-la.

Estendeu os braços na direção dela.

– Não, *pedhaki mou*, não há nada errado.

Marley hesitou por breves instantes, antes de finalmente contornar a mesa e sentar em seus joelhos. Ele a observou morder o lábio inferior.

– Não quer ter mais filhos?

Chrysander inclinou a cabeça para o lado, tentando adotar uma expressão casual.

– Acho que ainda não pensei nessa possibilidade. Nosso primeiro filho ainda nem nasceu.

Marley concordou.

– Eu sei. Acho que presumi que, como tem irmãos, quisesse ter mais de um filho. Havíamos discutido isso antes? Eu queria ter mais do que um filho? Pensando no futuro agora, sinto que quero vários outros. Talvez quatro. Mas não sei se esse foi sempre o meu desejo.

Incapaz de resistir à testa franzida de preocupação de Marley, ele lhe pressionou os lábios às rugas que a vincavam.

– Não vamos nos preocupar com isso agora. Temos muito tempo para pensar em outros filhos. Primeiro, tem de se casar comigo – disse ele em tom provocador. – Vamos esperar até o nascimento de nosso filho para depois pensar em aumentar a família.

Um sorriso lindo e cativante iluminou o rosto de Marley o fazendo perder o fôlego no mesmo instante.

– Parece tão adorável quando você menciona isso – disse ela ofegante.

– O quê?

– Família. Não tenho família, ou assim você me disse. Saber que você e eu formaremos uma significa muito para mim. Às vezes, me sinto tão solitária, como se estivesse só há uma eternidade.

Marley estremeceu de leve contra o peito largo enquanto as palavras assombrosas lhe escapavam dos lábios.

– Não está sozinha – disse ele em tom de voz suave. – Tem a mim e nós temos nosso filho.

Aquela era uma promessa. Uma que se sentiu apenas levemente desconfortável em fazer. Parte dele se admirava com a facilidade com que se comprometia com uma mulher que lhe causara tanto mal, mas a outra era tão incapaz de se afastar dela quanto seria de cortar fora o próprio braço.

– Deveria descansar – disse ele em tom de voz firme, mais por necessitar colocar alguma distância entre ambos do que propriamente por preocupação sobre o estado de saúde de Marley. O médico lhe garantira que ela estava muito bem e que o desmaio não passara da consequência da falta de alimentação. – Chamarei a srta. Cahill para ajudá-la a subir a escada.

Os lábios carnudos de Marley se curvaram em uma expressão desanimada. Ela se esforçou para se levantar do colo de Chrysander, mas ele segurou seu braço.

– Estou muito descansada. A caminhada pela praia foi revigorante.

– Ainda assim, seria sensato repousar um pouco – contrapôs. – Tenho algum trabalho a concluir. Quando terminar, me juntarei a você e poderemos jantar.

Marley não conseguiu ocultar o desapontamento, antes de desviar o olhar. Ela anuiu, mas não disse nada enquanto deixava o escritório.

Fechou a porta com suavidade e ergueu o olhar quando Patrice se aproximou. Marley tentou dirigir um olhar simpático à mulher, afinal gostava da enfermeira e ela estava apenas fazendo seu trabalho.

– Está pronta para subir? – Patrice perguntou com um sorriso.

Marley suspirou.

– Sinceramente? Gostaria de atirar em Chrysander o travesseiro onde ele quer que eu repouse.

Patrice tentou suprimir uma risada, mas não conseguiu.

– Em vez disso, posso lhe servir uma xícara de chá no terraço?

A expressão de Marley se iluminou no mesmo instante.

– É uma ideia maravilhosa.

Caminhando lado a lado, as duas transpuseram as portas de vidro na direção do terraço. Uma brisa fresca, impregnada do cheiro do oceano, afagou o rosto de Marley quando saíram.

– Espero que não se incomode que o dr. Karounis venha nos fazer companhia. – Marley percebeu que enquanto a enfermeira falava, as maçãs do rosto iam adotando uma leve coloração avermelhada. – Nós dois tomamos chá aqui todas as tardes.

– Claro que não – retrucou Marley enquanto se acomodava em uma das cadeiras dispostas em torno da mesa que dava vista para os jardins.

Quando Patrice retornou para dentro da casa para preparar o chá, Marley ficou sozinha. Inclinando-se para a frente, observou os gramados. Mesmo com a companhia agradável de Patrice e do dr. Karounis, a solidão a envolvia como uma capa. Sem mencionar a frustração.

Todas as vezes que Chrysander relaxava ao seu lado e desfrutavam de algum tipo de intimidade, imediatamente ele se retraía como se percebesse o que estava acontecendo e se apressasse em corrigir aquilo.

Marley estava convencida de que a presença de Patrice e do dr. Karounis naquela casa era mais uma barreira do que uma preocupação de Chrysander com sua saúde. Não que ele não se importasse. Não era mesquinha o suficiente para pensar que os temores do noivo com sua saúde e a da criança não fossem genuínos. Mas, ao mesmo tempo, não podia deixar de pensar em como era conveniente para Chrysander atirá-la aos cuidados de Patrice toda vez que as coisas se tornavam muito íntimas entre os dois.

Parecia que enquanto ela de fato começava a relaxar, Chrysander apenas se tornava tenso. Nada em seu suposto relacionamento com aquele homem fazia sentido. Se ao menos pudesse se recordar!

Se ao menos conhecesse alguém a quem pudesse perguntar. Teria se fechado tanto para o resto do mundo durante seu relacionamento com Chrysander?

– Certamente as coisas não são tão ruins assim – disse Patrice ao pousar a bandeja sobre a mesa diante de Marley. – Está parecendo carregar o peso do mundo em seus ombros.

Marley conseguiu conjurar um sorriso hesitante.

– Ah, não. Não é nada sério. Estava apenas pensando.

O dr. Karounis, que surgiu atrás de Patrice, cumprimentou Marley com um gesto de cabeça. A enfermeira exibiu um sorriso largo e se apressou a gesticular para que ele se sentasse, enquanto servia o chá.

Apesar do turbilhão emocional, Marley não pôde deixar de sorrir diante do casal mais velho. Era óbvio que estavam flertando um com o outro e a agradava ver alguém feliz e animado. Daria qualquer coisa para desfrutar de um momento de paz.

Com um suspiro, Marley ergueu a xícara e a levou aos lábios, observando mais uma vez o belo jardim. Talvez estivesse alimentando muitas expectativas em um curto período de tempo. Talvez estivesse pressionando muito, o que resultava no afastamento de Chrysander. Tanta coisa seria solucionada se ao menos pudesse se lembrar! Porém, não podia esperar que um milagre acontecesse da noite para o dia. Devia haver alguma forma de penetrar as defesas de Chrysander. Tinha apenas de descobrir como.

Capítulo 9

AOS POUCOS, os dias do casal começaram a se acomodar em uma rotina, assim como as noites. Desde que se certificara de que estava tudo bem com a saúde dela e do bebê, Chrysander fazia amor com ela todas as noites, possuindo-a com uma paixão que a deixava sem fôlego. Mas nas manhãs ele nunca se encontrava na cama quando Marley acordava.

Tornara-se um hábito ela sair à procura de Chrysander, aborrecida pelo fato de ele ter se levantado tão cedo. Na maioria das vezes, o encontrava na biblioteca falando ao telefone, trabalhando no computador ou analisando contratos e faxes. Quando entrava, ele erguia o olhar e, por um breve instante, Marley percebia o fogo faiscar nos olhos âmbar, antes de ele conseguir controlar a expressão. Após murmurar um formal “bom-dia”, voltava a se concentrar no trabalho, dispensando-a sumariamente dessa forma.

Portanto, Marley passava a maior parte das manhãs sozinha ou na companhia de Patrice e do dr. Karounis, que parecia muito contente com o tempo que passavam juntos. Na hora do almoço, Chrysander aparecia, como se não tivesse passado horas encerrado na biblioteca. Para seu crédito, ele lhe dedicava as tardes.

Marley conseguira convencê-lo a fazer caminhadas na praia, embora ele reclamasse da possibilidade de ela tomar friagem e se cansar. Marley ansiava

por aqueles momentos porque só assim o tinha exclusivamente para si. E ao menos naquele tempo, ele parecia perder a atitude reservada e cautelosa da qual raramente abria mão.

Foi durante um desses passeios que Chrysander a puxou para que se sentasse no tronco onde ela sempre se acomodava para observar o oceano. Após fixar o olhar no mar por um instante, ele se virou para encará-la com expressão séria.

– Deveríamos nos casar logo. – Marley girou o anel de noivado no dedo com a ponta do polegar e imaginou por que aquela não era uma conversa animada. – Queria lhe dar um tempo para que recuperasse as forças. O médico acha que sua saúde está ótima agora.

Marley relaxou um pouco sob o escrutínio intenso dos olhos dourados.

– Para quando está planejando?

– Logo que conseguir providenciar os papéis. Não quero esperar mais. Não quero que nosso filho nasça bastardo.

Marley franziu a testa e virou o rosto na direção dele. Aquela estava longe de ser uma declaração romântica de amor e devoção. Mas também não queria que o filho nascesse fora do casamento. De repente, sentiu-se egoísta por desejar um motivo mais sentimental para apressarem o casamento.

– Quer se casar comigo, *pedhaki mou*? Cuidarei de você e de nosso filho. Juro que não lhe faltará nada.

Marley lutou para não franzir a testa mais uma vez. Quanto mais Chrysander falava, menos ela se empolgava com o casamento. Ele fazia aquilo parecer uma barganha. Não queria que aquela união fosse fria e racional.

Chrysander lhe ergueu o queixo com um dedo e a olhou nos olhos.

– Em que está pensando tão concentrada? – Marley não queria lhe dizer a verdade. Portanto, em vez disso, anuiu lentamente. Uma das sobrancelhas de Chrysander se ergueu em uma expressão questionadora. – Isso é um sim?

– Sim – sussurrou ela. – Eu me casarei com você tão logo possa providenciar os papéis.

Um brilho de satisfação iluminou os olhos âmbar enquanto ele se inclinava para roçar os lábios aos dela.

– Não se arrependerá disso, *pedhaki mou*.

Uma estranha escolha de palavras. Por que razão ela se arrependeria de se casar com o homem que amava, o pai de seu filho? Marley imaginou se ele sempre fora tão enigmático e se havia aprendido a amá-lo apesar disso. Era óbvio que sim.

Enquanto se encaminhavam de volta a casa, Marley escorregou a mão pela dele, necessitando de conforto. Após um breve segundo de hesitação, os dedos longos se fecharam contra os dela e os apertaram. Aquecida por aquele pequeno gesto, Marley expulsou as dúvidas que a atormentavam.

NAQUELA NOITE, Marley estava pronta para dormir quando ele surgiu por trás e lhe envolveu a cintura com os braços. As mãos grandes descansaram na curva avantajada do abdome enquanto os lábios sensuais descreviam uma trilha de fogo do topo do ombro até a região logo abaixo da orelha de Marley, lhe fazendo a pele arrepiar e o corpo estremecer contra o dele.

– Prefiro você nua, *pedhaki mou* – disse ele, erguendo uma das mãos para puxar a fita que amarrava a camisola que ela acabara de vestir. As palavras lhe invadindo a mente e despertando uma distante similaridade. Por um instante, Marley o viu parado diante dela encarando-a com olhar ardente e dizendo exatamente as mesmas palavras. Esforçou-se para evocar mais lembranças, mas a imagem se esvaiu tão rápido quanto aflorou.

A frustração a fez fechar os olhos, mesmo enquanto se entregava ao prazer do toque daquele homem.

Chrysander escorregou uma das alças da camisola pelo ombro delicado, seguindo o movimento com o toque dos lábios até descê-la pelo braço de Marley. Em seguida, deu o mesmo tratamento ao outro lado. Enganchando os polegares nas alças finas continuou a baixá-las até que o tecido acetinado deslizesse pelo corpo de Marley e formasse uma poça no chão.

A incerteza e a vulnerabilidade a assolaram enquanto permanecia nua, exceto pela calcinha de renda. Marley se sobressaltou quando as mãos longas se espalmaram sobre seu abdome volumoso mais uma vez e, em seguida, empreenderam uma jornada lenta, subindo por suas curvas, pelas laterais do corpo sensível e pousando sobre os seios firmes.

Os lábios sensuais lhe encontraram o pescoço outra vez, fazendo-a estremecer incontrolavelmente quando submetida às carícias dos polegares nos mamilos rígidos e às mordidas leves no pescoço.

– Eu a desejo – sussurrou ele com voz gutural. – Você é tão linda, *agape mou!* Venha para a cama comigo.

Era muito fácil esquecer as dúvidas e inseguranças no casulo seguro daqueles braços fortes. Quando faziam amor, se conectavam verdadeiramente. Não havia barreiras, tensão ou relutância. Marley vivia em função daqueles momentos, quando ele a possuía e lhe mostraria com muito mais do que palavras qual era o significado dela em sua vida.

Marley virou-se permitindo que as mãos longas escorregassem por sua pele. Quando estava de frente para ele, se ergueu nas pontas dos pés e envolveu o pescoço largo com os braços.

– Beije-me – sussurrou ela.

Com um gemido rouco, Chrysander a puxou contra o corpo e lhe capturou os lábios, mal conseguindo se conter. Seus movimentos estavam impacientes naquela noite, como se fosse incapaz de se saciar dela, como se não pudesse esperar para possuí-la.

Marley permitiu que ele a guiasse, apressado, para a cama, sentindo o corpo viril pressionado ao dela. Chrysander a deitou sobre o colchão, sem nunca desprender os lábios dos dois. Em seguida, ergueu a cabeça, revelando as labaredas que inflamavam os olhos âmbar. Como movimentos bruscos, se livrou das próprias roupas, antes de pairar sobre ela outra vez.

– Faça amor comigo – pediu Marley, esticando a mão para lhe tocar o rosto.

Sem esperar por mais nada, ele se inclinou para lhe violar com beijos molhados e sôfregos a pele da mandíbula, pescoço e mais abaixo dos seios intumescidos. Com a língua descreveu carícias leves e eróticas nos mamilos rígidos, fazendo descargas elétricas se espalharem por todo o corpo de Marley, até se concentrarem no centro pulsante de sua feminilidade.

A jornada sensual prosseguiu com a exploração do abdome abaulado, que ele emoldurou com ambas as mãos em um gesto tão reverente que trouxe

lágrimas aos olhos de Marley. Em seguida, Chrysander pressionou os lábios contra a pele retesada com um beijo suave.

A emoção formou um nó na garganta de Marley, dificultando-lhe a respiração. Se ao menos pudessem ficar assim. Ali, onde não havia palavras nem defesas, se sentia amada e venerada. Não existiam muralhas, barreiras ou segredos.

A boca experiente se moveu, fazendo-a ofegar quando Chrysander lhe afastou as pernas para lhe beijar o centro da feminilidade que pulsava com a excitação.

– Chrysander! – gritou ela enquanto a língua quente e ágil lhe estimulava o ponto mais sensível.

– Você é tão doce, *agape mou* – disse ele ao se mover para cima, roçando o corpo de Marley.

Com um movimento preciso, Chrysander se posicionou contra o calor úmido e convidativo de Marley escorregando para dentro daquele corpo excitante e acolhedor. Ela fechou os olhos e esticou os braços na direção dele com um suspiro de prazer. Os dedos se enterrando nos cabelos curtos da nuca de Chrysander e descendo pelo pescoço que acariciava enquanto ele se movia para a frente e para trás com extrema suavidade.

E então, os lábios exigentes se apossaram dos dela outra vez, absorvendo-lhe o grito abrupto quanto ele se enterrou dentro dela ainda mais.

– Mostre-me seu prazer – sussurrou ele contra os lábios intumescidos de Marley. – Apenas para mim.

Diante dos primeiros espasmos do clímax, ela arqueou os quadris, sentindo o corpo enrijecer, antes de explodir em milhões de partículas que se espalhavam em todas as direções. O grito suave que Marley deixou escapar cortou o silêncio da noite enquanto ele a puxava contra o corpo. A mão longa lhe acariciando a lateral do corpo, o quadril e a curva da barriga abaulada.

– Não consigo me saciar de você – admitiu ele com uma voz que soou estranhamente vulnerável.

Marley descerrou as pálpebras para se deparar com os olhos dourados fixos nela. A expressão do belo rosto másculo feroz e assombrada. E então,

ele começou a se mover com mais força e exigência. Sem dizer mais uma palavra, Chrysander a levou a indescritíveis alturas. Ela flutuou livre, o corpo envolto em um casulo de prazer.

E assim começou a noite. Marley mal completava a jornada descendente de um pico para que ele a levasse a outro ainda mais alto. Chrysander a possuía de modo incansável, comandando seu corpo com uma facilidade que a deixava sem fôlego. Durante toda a noite, ele se mostrou insaciável e pouco antes da madrugada, os dois se rederam à exaustão e adormeceram.

Mesmo envolta na euforia do pós-sexo, o sono de Marley era agitado. Havia uma familiaridade na forma exigente como Chrysander fazia amor. Era como se, pela primeira vez, tivesse lhe mostrado parte da vida que levavam no passado.

No sonho, Marley lutava para abrir uma porta firmemente fechada, sabendo que do outro lado se encontrava sua história de vida. Ela a puxou com força e, em seguida, bateu desesperada, soluçando para que a porta se abrisse e lhe revelasse o que estava do outro lado.

Marley unhou a superfície e, por fim, conseguiu entreabri-la alguns milímetros. Uma luz forte incidiu através da abertura e, em seguida, tão repentinamente quanto brilhara, se apagou diante do medo e do desespero. Sabia, sem a menor sombra de dúvida, que não queria ver o que se encontrava do outro lado.

Em choque, perdeu a força e a porta bateu com um estrondo, deixando-a recostada, ajoelhada e trêmula, contra a madeira fria.

Não! Precisava saber. Tinha de saber. Quem era ela e o que lhe acontecera?

– Marley. Marley! – A voz ansiosa de Chrysander lhe penetrou o sonho. – Tem de acordar, *pedhaki mou*. É apenas um sonho. Você está segura. Está aqui comigo.

Marley abriu os olhos para se deparar com Chrysander assomando sobre ela, os olhos arregalados de preocupação. Ele havia acendido a luz do abajur ao lado da cama, e Marley ficou grata por isso. Sentia-se sufocada pela escuridão que povoava seu pesadelo.

O rosto estava molhado, um sinal de que havia chorado no sonho. O coração ainda estava disparado por causa do pânico e ela não conseguia se livrar da tenebrosa sensação do mau presságio que a assolara. Tentou falar, dizer a Chrysander que estava bem, mas em vez disso deixou escapar um grito. Ele a envolveu com força nos braços e a segurou enquanto o corpo de Marley sacudia com os soluços.

– Isso vai fazer mal à sua saúde. Tem de parar. – Durante um longo tempo, ela se agarrou aos braços musculosos para impedi-lo de se afastar. Quando, por fim, conseguiu recuperar o autocontrole, Chrysander a recostou com cuidado aos travesseiros. – O que a assustou tanto, *agape mou*?

As imagens do sonho voltaram com força total, mas Marley se forçou a entendê-las. Felizmente, o pânico inicial se dissipara, possibilitando-lhe respirar com tranquilidade.

– Eu estava diante de uma porta – explicou, com voz trêmula. – Sabia que do outro lado estavam minhas lembranças, mas não conseguia abri-la por mais que tentasse. Por fim, consegui entreabri-la e então...

– E então, o quê? – perguntou Chrysander com voz suave.

– Medo – sussurrou ela. – Muito medo. Eu estava com medo, larguei a porta e ela se fechou com força.

Chrysander se deitou ao lado dela, puxando-a para seus braços.

– Foi apenas um sonho, *pedhaki mou*. Apenas um sonho. Não pode fazer mal algum a você. Está temendo o desconhecido. Isso é natural.

Lentamente, Marley começou a relaxar contra o corpo quente e forte. Ele lhe afagava as costas, a palma da mão escorregando para cima e para baixo sobre toda a extensão da espinha de Marley.

– Está melhor agora? Quer que eu chame o dr. Karounis?

Marley negou com a cabeça contra o peito largo.

– Não. Eu estou bem. Sério. Estou me sentindo tão tola agora!

– Não é tola. E tente voltar a dormir. Receio tê-la deixado acordada por muito tempo essa noite.

A voz de Chrysander tinha um timbre rouco e grave e lhe fez o corpo enrijecer outra vez diante das lembranças do que a deixara acordada.

Com um bocejo, ela se enterrou com o máximo de força possível contra o corpo de Chrysander e se entregou ao que dessa vez foi um sono sem sonhos.

CHRYSANDER SE levantou com o raiar do dia. Não dormira desde que Marley acordara devido ao pesadelo. Após tranquilizá-la, ela cederá a um sono reparador, mas ele permanecera acordado, com o olhar fixo no teto, refletindo sobre o absurdo da situação em que se encontravam.

Com cuidado para não acordá-la, tomou um banho e se vestiu. Após se certificar de que ela não fora incomodada, desceu a escada em silêncio e passou direto pelo escritório, embora fosse seu costume começar lá o dia de trabalho.

Naquela manhã, algo o impeliu para a praia, na direção do local que Marley costumava visitar. O ar soprava frio, vindo do oceano, mas aquilo não o incomodava enquanto permanecia parado, observando as ondas quebrarem na areia e retornarem ao mar.

O passado de Marley, o passado de ambos, ameaçou visitá-la durante o sono. As lembranças travavam batalhas nos momentos em que ela estava mais vulnerável e o que ele faria se fossem recuperadas?

O terrível conflito que o corroía por dentro o estava desgastando. Podia sentir raiva e de vez em quando sentia, mas também era muito fácil esquecer. Ali na ilha, protegido do resto do mundo, era muito fácil fingir que existiam apenas Marley, ele e o filho que ainda não nascera. Nenhuma traição do passado, nenhuma mentira ou falsidade.

Chrysander enfiou as mãos nos bolsos da calça e baixou a cabeça, resignado. Nunca antes, tanto na vida profissional quanto na pessoal, se sentira tão perdido, tão indeciso. Seria capaz de perdoá-la por ter tentado destruí-lo e aos seus irmãos? Aquela era a pergunta que valia um milhão de dólares, porque se não fosse capaz, não seria possível um futuro para os dois. Quando Marley recuperasse a memória, as coisas mudariam radicalmente. E a ele restaria se agarrar ao sabor amargo da traição ou seguir em frente e lhe conceder seu perdão.

Theos mou! Não tinha a resposta para aquele impasse. Não sabia se seria capaz de tanta generosidade. Não havia dúvida de que a desejava. Sentia-se atraído por Marley, mesmo ciente de seus pecados. Ela estava gerando um filho seu, mas poderia afirmar com toda a honestidade que, se não estivesse grávida, a dispensaria facilmente?

Um par de braços pequenos lhe envolveu a cintura e um corpo quente se recostou ao dele. Chrysander baixou o olhar para ver as mãos de Marley unidas em seu abdome e as cobriu com a dele em um gesto automático.

O abraço era apertado e ele podia sentir a face macia pressionada contra sua espinha. Era uma sensação... de perfeição.

Lentamente, Chrysander lhe retirou as mãos para que pudesse girar no círculo dos braços delgados. Ela ergueu um olhar afetuoso e receptivo, antes de se atirar nos braços fortes e aconchegar o rosto ao peito largo.

– Bom dia – disse ele, incapaz de impedir a onda de desejo que invadiu cada célula de seu corpo.

– Passei em seu escritório e não o encontrei. Fiquei preocupada – disse ela recuando.

Chrysander inclinou a cabeça para o lado.

– Preocupada?

– Está sempre em seu escritório a esta hora – retrucou Marley em um tom de voz leve. – Quando não consegui encontrá-lo em mais nenhum lugar da casa, pensei... pensei que talvez tivesse partido.

As mãos longas pousaram nos ombros de Marley e os apertaram em um gesto tranquilizador.

– Não partiria sem avisá-la, *pedhaki mou*. – Estivera tão distante, tão arraigado em seus esforços em evitá-la que a fizera esperar uma atitude como aquela da parte dele? Se esse fosse o caso, não poderia culpá-la. Incluindo a srta. Cahill e o dr. Karounis, havia colocado um verdadeiro arsenal de pessoas entre eles.

– Gostaria de fazer uma caminhada comigo? – perguntou ela. – Sempre passeio de manhã pela praia enquanto você está trabalhando. Isto é, se não estiver muito ocupado?

Chrysander lhe segurou a mão e a levou aos lábios.

– Nunca estou muito ocupado para você e para o nosso filho. Mas não deveria descansar?

Um suspiro exasperado escapou dos lábios de Marley enquanto ela soltava a mão e levava os dois punhos cerrados aos quadris.

– Pareço estar precisando de descanso? – A raiva e o desapontamento lhe faziam brilhar os olhos. – Ouça, se não quiser me fazer companhia, é só dizer, mas pare de repetir o mantra “você precisa descansar” – dizendo isso, ela se virou e saiu pisando duro pela areia, deixando-o parado lá, como se tivesse recebido um soco no peito.

Chrysander passou uma das mãos pelos cabelos e a observou se afastar, apressada, para só então a seguir. Os pés espalhando areia para todos os lados na tentativa de fechar a distância entre os dois.

– Marley! Espere. – Ele chamou, segurando-lhe o cotovelo. Quando a girou, foi atingindo em cheio pelas lágrimas que rolavam pelo rosto delicado. Marley virou a cabeça para o lado, limpando as lágrimas às cegas com a outra mão.

– Por favor, vá embora – disse ela com voz engasgada. – Vá fazer o que quer que faça com o seu tempo. Aguardarei minha *hora marcada* com você à tarde.

As palavras soaram amargas, repletas de mágoa e deixaram claro que ele não conseguira enganá-la com toda aquela distância que colocara entre os dois.

Chrysander esticou o braço e lhe tocou o queixo, erguendo-o até que ela o encarasse. Com a ponta do polegar, limpou uma lágrima que corria pelo rosto delicado.

– Não temos hora marcada.

– Não? – Marley se soltou e recuou até colocar uma respeitável distância entre eles. – Tenho tentado ser paciente e compreensiva, embora não consiga entender nada do que está acontecendo. Nem a você nem mesmo a mim. Não consigo decifrá-lo, Chrysander, e estou cansada de tentar. Esforcei-me para ser forte e tolerante, mas não posso continuar assim. Estou apavorada. Não sei quem sou. Acordei e me descobri grávida, com um estranho em minha cama que afirma ser meu noivo e pai do meu filho.

Qualquer um pensaria que isso seria o suficiente para me julgar amada e tratada com carinho, mas todas as suas ações só conseguiram me deixar ainda mais confusa. Você alterna entre quente e frio e nunca sei qual dos dois esperar. Não posso suportar isso.

Um frio aterrorizante se espalhou pelo peito de Chrysander, comprimindo-o até lhe dificultar a respiração.

– O que está dizendo? – Ele quis saber.

Marley lhe dirigiu um olhar cansado.

– Por que está se casando comigo? É apenas por causa da criança?

Linhas profundas vincaram a testa de Chrysander. Não o agradava ser pressionado daquela forma.

– Está cansada e transtornada. É melhor voltarmos para casa e continuarmos essa conversa em um lugar mais aqueci...

Marley o cortou com um gesto brusco de mão.

– *Não* estou cansada. Não estou transtornada e quero que pare com essa superproteção. Nem mesmo acredito que se preocupe tanto. Isso não passa de uma conveniente barreira atrás da qual se esconde quando começo a lhe fazer perguntas.

Chrysander abriu a boca para refutar aquelas palavras, mas paralisou. Não poderia negar a verdade. Ainda assim, não queria que ela se aborresse. Certamente *aquilo* não faria bem para o bebê.

– O que há no meu passado que tanto me assusta? – sussurrou ela. – A noite passada me aterrorizou. Acordei esta manhã com a sensação daquele medo e não por não poder me lembrar, mas por ter medo de me lembrar. – Marley o encarou, ansiosa, com uma súplica estampada no olhar. – Conte-me. Preciso saber. Como era nossa relação antes? Como nos conhecemos? Estávamos de fato apaixonados?

Chrysander virou-se na direção do mar e enfiou as mãos nos bolsos de trás da calça.

– Você trabalhava para mim – disse em tom áspero.

Marley se moveu até se posicionar ao lado dele, sem tocá-lo, mas perto o suficiente para que ele lhe escutasse a respiração alterada.

– Trabalhava? No hotel?

Chrysander negou com um gesto de cabeça.

– Nos escritórios da empresa. Era minha assistente.

Marley o encarou chocada.

– Mas Roslyn é sua assistente e parece muito adaptada ao cargo. Como se o ocupasse há anos.

Um sorriso breve curvou os lábios de Chrysander.

– Não foi minha assistente por muito tempo. Eu estava determinado a tê-la em minha cama. Convenci a pedir demissão e ir morar comigo. Você significava uma distração à minha concentração no trabalho.

Marley não pareceu lisonjeada com a revelação. A testa se encontrava enrugada em uma expressão preocupada e os lábios se curvavam para baixo.

– Então, tornou um hábito me colocar onde lhe era mais conveniente – murmurou ela.

Chrysander xingou em silêncio, porém, mais uma vez, não podia negar que sempre tivera a sedução em mente no que se relacionava a ela.

– E eu permiti isso? – Marley perguntou. – Simplesmente pedi demissão e fui morar com você?

Chrysander deu de ombros.

– Parecia tão feliz em estar em minha companhia quanto eu em estar ao seu lado.

As linhas que vincavam a testa de Marley se aprofundaram enquanto ela envolvia o abdome saliente com as mãos em um gesto protetor.

– Nosso bebê foi planejado?

Chrysander inspirou profundamente. Aquele era um ponto nevrálgico que tinha de contornar com cuidado.

– Não diria planejado, mas a notícia de sua gravidez certamente não foi mal recebida.

Se aquilo era possível, a resposta a deixara ainda mais entristecida. Os ombros de Marley se curvaram para a frente enquanto ela virava de costas, mas não sem que antes ele percebesse a nova leva de lágrimas que lhe banhava os olhos.

Com um suspiro, Chrysander a puxou e a envolveu nos braços.

– Por que está tão triste esta manhã, *pedhaki mou*? O que posso fazer ou dizer para fazê-la se sentir melhor?

Marley ergueu os olhos úmidos pelas lágrimas.

– Pode parar de me evitar, de usar a preocupação com minha saúde e a do bebê como desculpa para me tratar como uma inválida. Pode parar de tratar o meu passado como se fosse algo do qual não tenho direito de saber.

Os lábios sensuais se comprimiram.

– Tentarei ser menos zeloso com sua... saúde, embora me reserve o direito de me preocupar.

E então, um sorriso curvou os lábios de Marley, atingindo-o como um golpe certo que quase o fez cambalear para trás. Não havia percebido o quanto a felicidade de Marley era importante para ele. Seria louco por se preocupar tanto, quando ela não se importara nem um pouco com sua felicidade no passado?

Inclinando-se para beijá-lo, ela se viu pressionada ao corpo forte enquanto os lábios eram devorados pelos dele.

– Obrigada – disse ela quando recuou. – Só quero... – Marley se calou sem conter a ansiedade no olhar, antes de desviá-lo.

– O que quer, *pedhaki mou*?

Marley voltou a encará-lo.

– Quero que sejamos felizes – respondeu com voz rouca. – Quero ter certeza do lugar que ocupo em sua vida. Quero me lembrar, porém mais do que isso, quero sentir que tenho mais do que uma pequena porção de você e do seu tempo.

Chrysander a observou pensativo. Marley nunca fora tão direta antes da amnésia. Mostrava-se tímida e hesitante em dar voz a seus desejos e anseios. Mas teria ela se sentido assim antes? Teria se ressentido de suas longas ausências? Do modo como a encaixava em sua vida como lhe conviesse? Teria sido aquele o motivo que a levava a agir de forma tão leviana? Fora aquele ato uma forma de lhe chamar atenção?

– Também quero muito que você seja feliz, Marley. E embora não possa convencê-la do lugar que ocupa em minha vida com meras palavras, talvez possa provar isso ao longo do tempo.

O sorriso de Marley o aqueceu por inteiro. Era como ver o sol surgir no horizonte. Ela esticou as mãos para segurar as dele.

– Venha caminhar comigo – convidou.

Incapaz de lhe negar qualquer coisa naquele momento, ele a puxou para perto e os dois começaram a passear pela praia.

Capítulo 10

MARLEY SE ajoelhou no chão frio do jardim e arrancou algumas ervas daninhas que circundavam as flores e a folhagem. Durante a rotina de trabalho matinal de Chrysander, ela encontrara outras formas de ocupar seu tempo para o desânimo do jardineiro que voava até ali duas vezes por semana para cuidar dos jardins.

Desde aquele desabafo na praia, Chrysander deixara de lhe impingir Patrice e o dr. Karounis a cada preocupação com sua saúde. Em vez disso, a enfermeira e o médico se mantinham nos bastidores para serem acionados se necessário e Chrysander lhe permitira transitar pela escada sozinha.

Apesar do fato de continuar trabalhando durante as manhãs, ele aparecia para tomar café da manhã em sua companhia antes de retornar ao escritório. E então, começava o divertimento de Marley. Todas as manhãs, encontrava uma forma de enlouquecê-lo. Quando Chrysander saía à sua procura, após a jornada de trabalho, invariavelmente Marley punha à prova a promessa que ele fizera em se abster de exigir que descansasse.

Quando ele a encontrara no jardim, apoiada nas mãos e nos joelhos, Marley pensou que fosse vê-lo enfartar. No mesmo instante, Chrysander erguera nos braços, a carregara para dentro de casa e pela escada, a despira e a colocara na banheira.

Marley dera risadinhas da expressão feroz do noivo, escutara com pretensa seriedade o sermão sobre não se colocar em perigo daquela forma nunca mais e no mesmo instante tramara incorrer na mesma travessura, tão logo Chrysander se distraísse com o trabalho.

Aquilo dera início a um jogo engraçado entre eles, no qual o divertimento ficava exclusivamente por conta de Marley, porque ele não conseguia achar nenhuma graça em sua contínua desobediência.

E então, lá estava ela, esperando, extasiada, o momento em que ele a encontrasse.

Marley ouviu o suspiro exasperado atrás dela e sorriu, mesmo quando se viu erguida no ar. Sua cabeça colidiu com a solidez do peito largo e um sorriso lhe curvou os lábios diante da expressão sombria de Chrysander, que resmungava durante todo o trajeto até a casa.

– Prometi suavizar minhas tendências superprotetoras. Parei de insistir para que descansasse e até permiti que você transitasse sozinha pela escada.
– Marley revirou os olhos. – Mas você é capaz de desafiar a paciência de um santo.

Como fizera antes, e com o que ela estava contando, Chrysander a despiu e colocou-a em um banho de imersão. Ele lhe lançava olhares furiosos o que a fazia soltar risadinhas enquanto afundava na água. Marley se banhava lentamente, e os olhos âmbar seguiam cada movimento com um desejo feroz.

Deleitando-se com o fato de deter toda a atenção de Chrysander, valeu-se daquela vantagem para, lânguida, esfregar a esponja sobre cada centímetro de seu corpo.

Quando terminou, lançou um olhar inocente à Chrysander, que a secava com uma toalha. Marley conjurou um de seus melhores sorrisos, mas aquilo não ajudou em nada a suavizar o brilho feroz daqueles olhos dourados.

– Sua graciosidade não a livrará de um sermão, *pedhaki mou*.
– Bem, ao menos sou graciosa – retrucou atrevida.
– Por que insiste em me provocar? Meus cabelos estão ficando grisalhos e a culpa é toda sua.

Marley relanceou o olhar aos cabelos negros do noivo que não se encontravam maculados por um único fio branco e ergueu as sobrancelhas.

– Pobre querido. Está muito velho para lidar com uma mulher grávida?

– Eu lhe mostrarei o velho – rosnou ele enquanto a erguia da banheira.

Mal teve tempo de secá-la, antes de penetrar no quarto com passos duros e depositá-la na cama. Os olhos de Marley se arregalaram, apreciativos, quando ele começou a se despir revelando o corpo musculoso.

– Certamente tenho de agir como uma menina levada com mais frequência – murmurou ela. – Posso me acostumar facilmente com a punição.

– Sua feiticeira – disse ele ao se inclinar na direção dos braços que o aguardavam.

Chrysander sempre determinava a forma como faziam amor, e ela sabia que sempre fora daquele jeito, mas no momento foi invadida por um repentino desejo de virar a mesa. Enlouquecê-lo da mesma forma como Chrysander fazia com ela.

Marley o empurrou, fazendo-o recuar e erguer o tronco com a testa franzida. Em seguida, também se ergueu e pousou as mãos nos ombros largos, forçando-o a se deitar de costas. Quando montou sobre os quadris retos com um joelho de cada lado, observou a expressão chocada com que ele a encarava e um sorriso malicioso lhe curvou os lábios.

– Quero tocá-lo – disse com voz suave, espalmando as mãos sobre as coxas musculosas e as movendo lentamente para cima.

Os olhos âmbar faiscaram como labaredas de fogo.

– Então, fique à vontade e me toque, *agape mou*.

Incapaz de evitar uma pontada de nervosismo, Marley lhe tocou a virilidade e o sentiu se contrair em resposta. Invadida pela ousadia, fechou os dedos em torno da ereção e o acariciou suavemente.

Um gemido escapou da garganta de Chrysander e ela percebeu gotículas de suor lhe brotarem na testa. Ele era um homem lindo. Forte, viril, exalando força por todos os músculos.

Inclinando o tronco, Marley pressionou um beijo no abdome definido, traçando um caminho eletrizante com os lábios até os mamilos planos. Uma

fileira fina de pelos lhe escurecia a linha média do peito e ela escorregou os dedos naquele local, gostando da sensação da aspereza em sua pele.

Sabia o que desejava fazer, mas não tinha certeza de como conseguir. Chrysander devia ter lhe pressentido a incerteza e a hesitação, porque esticou os braços e lhe envolveu as laterais dos quadris com as duas mãos.

Em seguida, suspendeu-a e tornou a baixá-la sobre o comprimento de sua ereção, escorregando para dentro dela.

– Você está me matando, *pedhaki mou* – confessou com voz gutural. – Deus! Isso é muito bom. Você é tão doce!

Encorajada com a satisfação e a aprovação na voz de Chrysander, fez amor com ele, depositando beijos sobre o peito largo, enquanto as mãos longas guiavam os movimentos de seus quadris.

Marley sentiu o próprio corpo estremecer e percebeu que estava se aproximando do clímax, mas não sucumbiria até que ele também se rendesse ao êxtase. No instante seguinte, sentiu Chrysander enrijecer sob seu corpo e as mãos fortes se contraírem nas laterais de seus quadris. Ele arqueou, penetrando-a ainda mais fundo, e, com um grito, Marley sentiu o mundo explodir ao seu redor. Pendeu para a frente, mas ele a segurou com todo cuidado. Em seguida, Chrysander a deitou sobre o peito arfante e lhe acariciou os cabelos enquanto os dois lutavam para recuperar o fôlego.

Chrysander girou para acomodá-la ao seu lado e desencaixar os corpos dos dois, suscitando outro gemido de Marley. No mesmo instante, ela se aninhou ao corpo forte, aquecida e saciada.

– Eu me saí bem? – perguntou as palavras abafadas pelo peito largo.

Chrysander soltou uma risada que lhe sacudiu o corpo e virou o rosto para que ela pudesse vê-lo.

– Se tivesse sido melhor, teria feito de mim um velho antes do tempo.

– Mas você gostou? – questionou ela com voz suave. – Ou acha que me transformei em uma devassa agora?

Chrysander lhe beliscou a ponta do nariz e depositou um beijo no mesmo ponto.

– Gostei muito. Tanto que estou considerando deixá-la brincar no jardim outra vez amanhã.

Marley revirou os olhos e bocejou sonolenta. Ele lhe traçou o contorno da maçã do rosto com um dos dedos.

- Durma agora. Eu a acordarei na hora do jantar.
- Não preciso cochilar – resmungou ela, embora quase adormecida.

NÃO DESEJANDO parecer totalmente previsível, Marley renunciou ao jardim no dia seguinte, optando pela piscina aquecida. Desde que chegara à ilha, vinha observando as águas azuis reluzentes com olhar cobiçoso. Graças às butikues ávidas por entregarem suas mercadorias na ilha, dispunha de um traje de banho simplesmente decadente que estava ansiosa por experimentar.

Enquanto colocava o diminuto biquíni, percebeu que, na essência, estava tentando seduzir Chrysander. Não que já não tivesse conseguido isso, mas estava tentada a fazê-lo se apaixonar por ela.

Marley franziu a testa para a imagem que o espelho lhe devolvia. O certo não seria o contrário? Ele gozava de memória perfeita. Não deveria ser ele a tentar fazê-la se apaixonar? Sabia que o amava, mas não dera voz àquele sentimento. Algo a detivera, e agora Marley ponderava o que a desestimulava a dar aquele salto.

Havia uma hesitação em Chrysander que a incomodava, como se ele quisesse manter alguma distância entre os dois. Mas não era isso que ela desejava. Queria que ele a amasse com a mesma intensidade com que o amava.

Marley deixou escapar um suspiro. Se ao menos pudesse se lembrar!

Contorcendo o corpo diante do espelho, ajustou o biquíni até ficar satisfeita com o resultado. A parte superior lhe erguia os seios pequenos, emprestando-lhes uma aparência mais avolumada do que realmente tinham. A parte de baixo... Marley sorriu quando se virou para obter a visão traseira do traje de banho. Não era exatamente uma tanga, mas chamava atenção para as nádegas levemente arredondadas.

Aprumando as costas outra vez, Marley acariciou o abaulamento do abdome. Chrysander parecia gostar de sua gravidez. Tocava e beijava sua

barriga com grande frequência e parecia encantado com o crescimento contínuo. Esperava que ele achasse o biquíni... e ela... sexy.

Percebendo que estava muito exposta, esticou a mão para o robe de seda e o vestiu. Não queria que ninguém mais a visse naquele escandaloso traje. Aquela visão era apenas para os olhos de Chrysander.

Marley desceu a escada e cruzou a sala de estar sem ser vista. Caminhou até a pequena área que abrigava a parte interna da piscina e observou a água ondulante em expectativa.

Com ou sem Chrysander, estava ansiosa por nadar.

Livrando-se do robe, atirou-o sobre um das espreguiçadeiras e caminhou até a margem para imergir a ponta de um dos pés. Estava divinamente aquecida. Se encaminhou aos degraus e desceu para a água.

Ah, aquela era uma sensação maravilhosa. Nadou na direção até a divisória de vidro que dava vista para a porção externa da piscina. Ficou tentada a mergulhar sob a divisória e nadar para o ar livre, mas a brisa fria a desestimulou.

Durante algum tempo, boiou preguiçosamente sobre a superfície e, em seguida, deu alguns mergulhos se mantendo de baixo da água pelo tempo que o fôlego permitiu. Veio à tona com um arquejo e se amparou na margem lateral da piscina. Foi então que se deparou com um par de mocassins de couro.

Marley ergueu o olhar para ver Chrysander a observando, com os braços cruzados sobre o peito e uma carranca zombeteira estampada no rosto. Até mesmo ela podia perceber que os lábios sensuais se contraíam de maneira suspeita.

Pestanejando com ar inocente, ela sorriu e o cumprimentou. Chrysander se agachou e com a ponta de um dedo lhe ergueu o queixo.

– Divertindo-se, *pedhaki mou*?

– Muito – respondeu ela.

– E pensar que estava ansioso por arrebatá-la de seu jardim hoje – murmurou ele.

Marley sentiu o rosto ferver ao se lembrar do que acontecera no dia anterior depois que Chrysander fizera exatamente aquilo. Em seguida,

estendeu a mão.

– Pode me ajudar a sair?

Chrysander lhe segurou a mão ao mesmo tempo em que ela fechou os dedos da outra sobre o pulso largo, plantou os pés na lateral da piscina e o puxou com toda a força que possuía. Com um grito de surpresa, ele pendeu para a frente e caiu, espirrando água para todos os lados.

Chrysander voltou à superfície se debatendo e, por um instante ela pensou que estivesse de fato furioso. Ele a encarou com olhar irado, antes de baixar o olhar às próprias roupas e soltar uma risada que ecoou no ambiente.

Antes que ele pudesse pensar em retaliação e desejando que Chrysander visse seu biquíni, ela nadou até os degraus e saiu da piscina com movimentos deliberadamente lentos. Em seguida, olhou por sobre o ombro para ver o queixo de Chrysander quase cair aos pés enquanto observava a parte de trás de seu biquíni.

Quando alcançou o topo, ela se virou para lhe proporcionar uma visão de seu perfil e o ouviu prender a respiração. Em seguida, girou mais uma vez, se encaminhando à espreguiçadeira onde deixara o robe.

– Ah, não fará isso, sua provocadora – rosnou ele.

Marley pestanejou, confusa, com a velocidade com que ele saiu da piscina. Soltou um guincho de surpresa quando ele a ergueu nos braços e voltou para a piscina.

– Suas roupas!

– Como se agora isso tivesse alguma importância! Você as arruinou.

– Sinto muito.

Chrysander soltou uma risada.

– Não, não sente. – Ele se inclinou na lateral da piscina e a depositou com cuidado na água. Em seguida, se dirigiu a ela com olhar austero. – Não se mexa.

Marley soltou uma risadinha que logo morreu em sua garganta quando o viu começar a se despir. Primeiro se livrou da camisa, revelando o peito musculoso. Em seguida, atirou os sapatos para o lado e arrancou as meias molhadas. Quando levou a mão à braguilha da calça comprida, Marley

corou, mas se viu incapaz de desviar o olhar nem que disso dependesse sua vida.

O volume patente contra o tecido da cueca boxer enquanto Chrysander descia a escada lhe dizia que havia conseguido o intento de deixá-lo enlouquecido de desejo. Porém, agora imaginava o que fazer quanto àquilo.

Com um mergulho preciso que quase não espalhou água, ele surgiu ao lado dela. Em seguida, a puxou contra o corpo, capturando-lhe os lábios com um beijo faminto.

– Deveria ser considerado ilegal usar um biquíni como esse – disse ele lhe explorando o pescoço com beijos eróticos.

– Não gostou? – Marley perguntou, fingindo inocência. – Posso me desfazer dele.

– Ah, gostei – murmurou ele. – E vou gostar ainda mais de arrancá-lo de seu corpo.

Marley se soltou e mergulhou, nadando para o mais longe possível. Após uma curta distância, emergiu, mas não o viu de imediato. Quando baixou o olhar era tarde demais. O corpo de contornos perfeitos se encontrava muito próximo debaixo da água e ele lhe puxou as pernas, fazendo-a imergir outra vez.

Os lábios sensuais cobriram os dela enquanto Chrysander dava impulso para que os dois emergissem da água. Marley lhe envolveu o pescoço com os braços e lhe sorriu.

– Acho que terei de retirar o comentário de que você é muito sério.

– Parece que sim.

– Não me oporia à ideia de você me tirar da piscina e me levar lá para cima – declarou ela, com pretensa inocência.

Chrysander se apossou da boca macia mais uma vez com um beijo quente e de tirar o fôlego. As mãos longas deslizando pelas laterais do corpo de Marley para se espalmarem nas nádegas arredondadas. Em seguida, suspendeu-a e ela enroscou as pernas nos quadris retos.

– Segure-se em mim, *pedhaki mou* – murmurou ele. – Eu a tirarei da piscina agora mesmo.

Chrysander subiu os degraus com cuidado e saiu da piscina. Quando se aproximaram das espreguiçadeiras, ela percebeu que havia duas toalhas os aguardando. Ao que parecia, Chrysander tinha a intenção de entrar na piscina durante o tempo todo. Marley exibiu um sorriso travesso. Seu noivo não era tão sério afinal.

Depois de pousá-la em uma das espreguiçadeiras, ele esticou a mão para uma das toalhas. Em seguida, lhe secou os cabelos, o corpo, permitindo se deter nos pontos mais sensíveis do corpo de Marley, tocando-a e acariciando até que ela estivesse se contorcendo na cadeira.

– Quem está provocando agora? – perguntou ela ofegante.

Chrysander montou sobre a espreguiçadeira e baixou o corpo até encostá-lo ao dela.

– Hummmm, você está quente.

– Está com frio? – questionou ele com voz rouca. – Estou imaginando o que posso fazer para aquecê-la.

Marley o puxou para perto, lhe envolveu o corpo com os braços, enterrou os dedos nos cabelos negros molhados e o beijou. Um som de puro contentamento lhe emergiu da garganta quando ele correspondeu ao beijo com igual ardor.

A ereção lhe comprimia o ventre, quente e rígida como o aço. Uma onda de calor varou o corpo de Marley, deixando-a corada e excitada. Desejava aquele homem. Com toda a força de seu ser.

– Leve-me para o quarto – sussurrou ela contra os lábios sensuais que lhe exploravam o pescoço e a curva do seio.

O som de uma porta se fechando os surpreendeu. Chrysander deixou escapar um xingamento enquanto rolava para o lado e erguia uma toalha para cobri-la. Marley enrijeceu quando viu Roslyn por sobre o ombro largo.

Logo sua surpresa se transformou em raiva. Aquela mulher invadia a casa e a privacidade dos dois, sem nem ao menos um telefonema para avisar que estava a caminho da ilha. Não ouviram sequer o ruído do helicóptero pousar. O que não era de se admirar, já que estavam ocupados com outros assuntos.

– O que está fazendo aqui? – Chrysander questionou em um tom de voz frio como o gelo.

– Desculpe-me a interrupção, sr. Anetakis – começou Roslyn, embora a expressão não refletisse nenhum arrependimento. O olhar vagou por Marley com um triunfo que logo ocultou quando voltou a atenção a Chrysander. – Há vários assuntos que requerem sua atenção e pensei que seria melhor trazê-los pessoalmente do que relatá-los por telefone ou e-mail.

– Certamente esses meios nunca falharam no passado – retrucou Chrysander com voz tensa. – Se nos der licença, acho que é melhor me esperar no escritório.

– Sim, claro, sr. Anetakis. Mais uma vez peço-lhe desculpas pelo incômodo.

Marley estremeceu, dessa vez em virtude de um frio mais profundo. Aquela mulher tinha uma cronometragem impecável.

– Sinto muito – disse Chrysander enquanto a ajudava a se erguer da espreguiçadeira. Em seguida, lhe envolveu o corpo trêmulo com a toalha e a colocou à lateral do corpo. – Vou acompanhá-la até o quarto para que possa vestir algo mais quente. Isso não levará muito tempo e logo estarei de volta.

Marley anuiu, mas para ela o momento fora arruinado. O humor adorável e divertido que Chrysander demonstrava minutos atrás havia se dissipado. A paixão que eletrizava a atmosfera entre os dois agora se transformara em um cobertor frio atirado sobre eles pela leal assistente.

Chrysander a guiou até o quarto e a apressou a entrar debaixo do chuveiro. Quando Marley saiu do banho, ele já havia se vestido e descido.

Com um suspiro desanimado, ela envolveu o corpo com a toalha e se sentou na beirada da cama.

A IRRITAÇÃO havia substituído o bom humor de minutos atrás quando Chrysander entrou no escritório. Dirigiu um olhar austero a Roslyn, que se afastou para que ele passasse.

– Essa intrusão não me agradou – começou em tom áspero. – Não me telefonou, não avisou nem pediu permissão para vir até a ilha. – Roslyn empalideceu e arregalou os olhos. – Essa é minha residência particular, e

aqui você não tem o livre acesso do qual desfruta em meus ambientes de trabalho. Estamos entendidos?

– Sim, senhor – retrucou a assistente, tensa.

– E então, o que há de tão importante que não justificou ao menos um telefonema prévio? – perguntou ele.

– Descobri que outro projeto foi roubado – respondeu Roslyn com voz suave.

– O quê? – Chrysander começou a praguejar e demorou um instante para se dar conta de que estava falando em grego, portanto a assistente não estaria entendendo. Espalmou as duas mãos sobre o tampo da mesa, balançando a cabeça em negativa.

– Que projeto? Conte-me tudo.

A expressão de Roslyn endureceu.

– Um antigo que o senhor havia jogado fora. Era o planejamento original para o hotel do Rio de Janeiro. Mas ainda assim ela deve tê-lo vendido para Marcelli, com os outros, porque o hotel que ele está erguendo em Roma tem as mesmas características. Vi as provas pessoalmente dois dias atrás.

A raiva era como ácido corroendo as veias de Chrysander.

– Meus irmãos já sabem disso?

Roslyn negou com a cabeça.

– Achei melhor lhe contar primeiro.

Chrysander anuiu e fechou os olhos enquanto se virava para olhar a praia, além da janela. Sempre que pensava ter aceitado a traição de Marley, o passado voltava para assombrá-lo. Por mais que quisesse esquecer, seguir em frente, colocar aquele episódio para trás, sempre o via retornar, insidioso e implacável.

Esforçou-se para se lembrar de como Marley poderia ter tido acesso aos planos para o hotel. Certamente não se protegia em casa. Por mais cuidadoso que fosse no escritório e em todos os outros aspectos de sua vida, sempre agira de maneira relaxada e despreocupada com ela, nunca pensara em resguardar seus interesses de Marley.

Como seria capaz construir uma vida ao lado de Marley se não podia confiar nela? Estaria sendo tolo em começar um relacionamento temporário,

sabendo que tudo iria por água abaixo no instante em que ela recuperasse a memória? Quando tivesse de encarar seus pecados e arcar com as consequências da traição que lhe fizera?

Em meio a tudo aquilo, Chrysender só conseguia se lembrar de uma coisa: a expressão de Marley no dia em que a confrontara em seu apartamento. O choque e o horror absolutos estampados em seu rosto. Poderia alguém fingir tal reação com tanta perfeição?

Pela primeira vez, Chrysender fez uma análise profunda da mulher que ela fora durante todo tempo em que estiveram juntos, antes do sequestro, e da mulher que se mostrara desde então. Não havia nenhuma grande diferença. A única inconsistência era a traição.

– Chrysender – Roslyn o chamou com voz suave. Os olhos âmbar se estreitaram ao ouvir a assistente se referir a ele pelo seu primeiro nome. Nunca tolerara aquele tipo de tratamento de seus funcionários, embora não soubesse dizer por que se sentia incomodado escutá-lo de alguém que trabalhava tão intimamente ligada a ele há bastante tempo. – Não permitirá que ela faça nada de errado, certo?

Chrysender girou para encará-la.

– Não. Isso não se repetirá – respondeu com a voz tensa. A raiva lhe percorrendo a espinha como uma serpente. Mas aquela raiva não se concentrava somente em Marley. Por alguma razão, irritou-o o fato de Roslyn se achar no direito de preveni-lo contra a noiva.

A assistente parecia desconfortável.

– Espero apenas que ela não estrague mais uma vez seus acordos para esse novo hotel. Não outra vez. É um negócio muito importante.

– Acho que isso não é de sua conta. Marley é problema meu.

Roslyn se encolheu diante do tom do patrão.

– Peço-lhe desculpas, mas essa empresa e esse emprego são muito importantes para mim. Trabalhei duro para o senhor e me empenhei muito no projeto do hotel de Paris.

Chrysender permitiu que um pouco da raiva se esvaísse em um profundo suspiro. Roslyn trabalhara duro e era compreensível que tivesse certa animosidade em relação a Marley, mesmo que ele não estivesse disposto a

tolerar isso. Mesmo que não sentisse que aquela animosidade era justificada. Tal pensamento o atingiu como uma bala de revólver, porque aquilo significava que, de algum modo, não acreditava que Marley fosse capaz de cometer um crime.

– Aprecio muito sua preocupação, porém esse não é um problema seu. Se isso era tudo que tinha a dizer, então pedirei que o helicóptero a leve até o continente.

Roslyn pareceu querer protestar, mas em seguida concordou.

Trinta minutos mais tarde, Chrysander a acompanhou até o heliponto e, tão logo o helicóptero decolou, ele retornou para dentro da casa.

A raiva e as dúvidas evaporaram quando entrou no quarto e encontrou Marley sentada na cama, envolta apenas por uma toalha, com expressão tristonha e distante.

Chrysander se ajoelhou diante dela e lhe tocou o rosto.

– O que é, *agape mou*? Você está bem?

O sorriso de Marley não se refletiu no olhar. Naqueles lindos olhos azuis que faiscavam minutos atrás enquanto ela ria. Queria ver aquele brilho outra vez. Desejava ter de volta aquele momento roubado na piscina. Antes da chegada de Roslyn e das notícias que poderiam mudar tudo entre os dois. Mais uma vez.

– Estou em uma situação muito desagradável – confessou ela.

A incompreensão o fez franzir a testa. A tristeza e a resignação no tom de voz de Marley não o agradavam.

– O que quer dizer com isso? – perguntou com voz suave enquanto lhe traçava o contorno da lateral do rosto com um dedo.

Marley o encarou.

– Não me agrada o modo como ela tem livre acesso às nossas vidas. Esta é a nossa casa. Deveríamos ter a liberdade de fazer amor, nos divertir juntos sem temer sermos surpreendidos em uma situação comprometedor por uma estranha. Mas se der voz a isso, disser que não gosto dela e não a quero aqui, temo parecer mesquinha. Não há nenhuma forma de eu sair vencedora e todas de sair perdedora nesta situação. – Ela baixou o olhar por alguns instantes e voltou a erguê-lo. A emoção lhe fazendo os olhos faiscar. – Não

gosto da forma como você se retrai todas as vezes que ela aparece. Essa mulher entra aqui com um pretexto profissional e, quando vai embora, você se torna distante. As últimas semanas têm sido maravilhosas, e agora ela aparece e já posso senti-lo se distanciando de mim. Não sei se posso suportar isso.

Lágrimas banharam os olhos azuis, o que o deixou sem palavras. Tudo o que Marley dizia era verdade. Não pensara em como ela se sentia. Achava que conseguia esconder as emoções conflitantes que experimentava sempre que se lembrava do fato de que ela o roubara, traíra e lhe mentira.

Chrysander tomou-lhe uma das mãos, levou-a à boca e a pressionou sobre os lábios.

– Desculpe, *agape mou*. Sinto muito se a presença dela a tem incomodado e eu não percebi. Isso não se repetirá. Já informei Roslyn de que, sob nenhuma condição, deve aparecer aqui sem dar ao menos um telefonema.

– Eu poderia suportar a presença dela. Não vou mentir e dizer que simpatizo com essa mulher, mas poderia tolerá-la. O que não posso suportar é o modo como você se retrai todas as vezes que sua assistente aparece. Sem nenhuma lembrança para me fortalecer a autoconfiança, não tenho nada que me diga: Marley, você está sendo ridícula. Claro que há algo se passando entre você e Roslyn.

A surpresa quase fez o queixo de Chrysander despencar.

– Acha que estou tendo um caso com ela? – perguntou não conseguindo evitar o arrepio de repugnância que lhe percorreu a espinha.

Marley negou com a cabeça enfática.

– Oh, transformei isso em um caos. Estou apenas tentando dizer que, para mim, tudo isso é novo. Nosso relacionamento é novo. Não consigo me lembrar do tempo que vivemos juntos, portanto, para todos os efeitos, estamos construindo um novo relacionamento. Recomeçando. Não posso evitar a insegurança quando vejo que ela está tentando minar nosso convívio.

Chrysander a envolveu nos braços, sem ideia do que responder. Não podia negar que provavelmente Roslyn queria afastá-lo dela. A assistente sabia que Marley havia roubado a empresa, à qual era devotada e para a qual

passara longas horas preparando o acordo que havia desaparecido com os projetos para o hotel de Paris. E agora, ele ficara sabendo que mais um dos projetos da Anetakis seria apresentado sob a assinatura de Marcelli. Não importava que fosse um que ele havia descartado. Marley não poderia saber disso na ocasião.

Que situação absurda! Mas o que mais o surpreendia era a raiva que as palavras de Roslyn lhe suscitaram. Sua primeira reação fora defender Marley e repreender a assistente por acusá-la. Mas como poderia fazer isso se Roslyn estava coberta de razão?

Tudo o que sabia era que não queria magoar Marley. Por mais estúpido que aquilo parecesse, dado o estrago que ela causara, queria afastar a tristeza daqueles olhos azuis. Embora não pudesse fazer nada para apagar o passado, podia se certificar de que Roslyn não fosse uma fonte de discórdia entre os dois. Iria satisfazer a vontade de Marley naquele aspecto, porque refletia a dele. Não queria que nada se interpusesse entre os dois naquela ilha. Roslyn não voltaria àquela casa.

Capítulo 11

CHRYSANDER DESLIGOU o telefone com uma carranca e se inclinou para trás na cadeira de couro.

Tinha de retornar a Nova York. Piers lhe telefonara com aquela notícia minutos atrás, e Chrysander a recebeu com um incômodo que lhe era incomum. Pior, tivera de informar Piers e Theron que outro projeto deles havia sido roubado.

Os dois se mostraram furiosos com Marley, o que era compreensível. Como reagiriam quando soubessem que ele estava resolvido a se casar com ela o mais rápido possível?

Chrysander se encontrava dividido entre o desejo que Marley o acompanhasse e a vontade de mantê-la protegida naquela ilha. Distante de qualquer chance de ela recuperar a memória. Alheia às críticas e à animosidade dos irmãos.

O prenúncio de uma dor de cabeça o atormentava enquanto considerava o egoísmo daquele pensamento. Porém, sabia que quando Marley recuperasse a memória, fato que os médicos o asseguraram de que aconteceria, tudo mudaria entre os dois.

Ainda deveria estar furioso com Marley e se esforçando para manter a distância entre os dois, mas ela lhe minara a resistência durante aquele tempo que passaram na ilha. Por mais que aquilo o envergonhasse, não

importava mais se Marley mentira e roubara a empresa. Queria que tudo permanecesse como estava, e, se ela recobrasse a memória, seriam forçados a encarar os fatos do passado.

E provavelmente a perderia.

Aquilo o incomodava mais do que deveria. Marley estava esperando um filho seu, disse a si mesmo, e aquela devia ser razão suficiente para não desejar que as coisas azedassem entre os dois.

O tempo que passara ali com Marley o remetera aos momentos que desfrutavam, juntos, antes da noite em que descobrira sua traição. Naquela época tinha como certa a presença de Marley em sua vida e por isso não parava para avaliar a importância dela, mas agora sabia o quanto gostaria de encontrá-la em casa quando retornasse de um dia de trabalho.

Marley era divertida e descontraída. Terna e amorosa. Todas as características que desejara para a mãe de seus filhos.

Entretanto ela o traíra. E tudo sempre voltava a esse ponto, não importava o quanto quisesse esquecer.

– Chrysander?

O chamado suave o fez erguer o olhar para se deparar com Marley parada à porta, com a mão sobre o batente, enquanto espiava lá dentro. No mesmo instante, ele varreu os pensamentos sombrios da mente, esperando aparentar menos macambúzio do que se sentia. O clima entre eles ficara tenso e pesado desde a visita de Roslyn à ilha. Algo que ele lamentava, mas que nada podia fazer para remediar quando ainda tinha dúvidas e inseguranças em relação a Marley.

– O que é, *pedhaki mou*?

– Você está bem? – Ela deixou a mão pender e entrou no escritório com passos hesitantes.

Chrysander concluiu que não soubera disfarçar e expressão desgostosa.

– Venha cá. – Estendeu a mão e a puxou para sentá-la no colo. – Tenho de retornar a Nova York.

Uma sombra escureceu o semblante de Marley.

– Quando?

– Pela manhã. Meu irmão telefonou com a notícia de que uma pessoa influente que estamos cortejando para o projeto de um novo hotel estará em uma recepção oferecida em nosso hotel de Nova York. Piers e Theron pensaram em resolver o assunto, mas o homem quer se reunir com os três. É algo que não posso faltar.

Marley parecia desapontada e, apesar da insatisfação de vê-la de volta a Nova York que ainda persistia em sua mente, descobriu-se dizendo:

– Poderia me acompanhar.

O olhar de Marley se iluminou.

– Não seria um estorvo?

Chrysander franziu a testa.

– Você nunca é um estorvo, *agape mou*. Acho que será bom. Poderíamos anunciar nossos planos de casamento. Meus irmãos vão querer conhecê-la – disse ele, mais animado. – Poderíamos até mesmo nos casar em Nova York com minha família presente e depois retornar para cá. – Na mente de Chrysander quanto mais cedo se casassem, melhor. – Providenciarei para que o dr. Karounis retorne a Atenas. Acho que não precisamos mais dele.

O sorriso de Marley se alargou.

– E Patrice? Não que eu não goste dela, mas me parece que Patrice e o dr. Karounis parecem estar se dando muito bem. Talvez ela queira fazer uma viagem até Atenas.

– Estenderei o convite a ela. – Chrysander concordou com um sorriso.

– Então, sim, adoraria ir. – Marley envolveu o pescoço largo com os braços e se apossou dos lábios sensuais com um beijo ousado. Porém, antes que Chrysander pudesse aprofundar o beijo, ela se ergueu. – Tenho de fazer a mala!

Chrysander soltou uma risada baixa e lhe segurou a mão.

– Tem muito tempo para isso.

Ainda assim, saiu apressada, e Chrysander se deteve a observá-la, muito tempo depois de ela desaparecer pela porta. Devia estar se sentindo aliviado pelo fato de que, em breve, estariam casados, e Marley estaria unida a ele, mas não conseguia se livrar da sensação incômoda que o assombrava.

O JATO de Chrysander tocou o solo de Nova York no fim da tarde e uma limusine os aguardava esperando quando saíram do avião. Um homem alto, de aparência estonteante, se encontrava parado ao lado do carro e, à medida que se aproximaram, Marley percebeu a semelhança entre ele e Chrysander.

– Theron. – Chrysander chamou. – Não esperava encontrá-lo aqui. Que surpresa!

Theron exibiu um meio sorriso.

– Não posso recepcionar meu irmão?

Chrysander envolveu a cintura de Marley com um dos braços e a impulsionou para a frente.

– Theron, esta é Marley. Marley, este é meu irmão mais novo, Theron.

– Prazer em conhecê-lo – disse ela com um sorriso nos lábios.

O olhar do homem pousou impassível sobre ela, mas ele não lhe retribuiu o sorriso. Lentamente a expressão de Marley se fechou ao perceber o olhar nada amistoso de Theron e, em um gesto instintivo, se encolheu contra Chrysander.

Em seguida, o irmão baixou o olhar ao anel de noivado que ela ostentava no dedo e franziu a testa. Voltou a encarar Chrysander com a mandíbula contraída.

– Seja cortês – disse Chrysander em um tom de voz muito baixo, embora ela conseguisse captar a aspereza que permeava aquelas palavras.

– Prazer em conhecê-la – Theron retrucou em um tom tenso, embora sua linguagem corporal dissesse o contrário. Em seguida, girou nos calcanhares e caminhou na direção de outro carro que se encontrava estacionado a uma curta distância.

Marley ergueu o olhar para Chrysander atordoada.

– O que significou aquilo?

– Não foi nada, *pedhaki mou*. Desculpe se meu irmão foi rude. Não voltará a acontecer.

– Mas *por que* ele foi rude? – O comportamento de Theron a deixara perplexa. E então, outro pensamento lhe ocorreu. – Nós já nos conhecíamos? Provavelmente, sim, ele é seu irmão. Fiz alguma coisa que o ofendeu no passado? Ele sempre antipatizou comigo?

Chrysander se apressou em acomodá-la no carro e se sentar ao lado dela.

– Vocês não se conheciam. Não tem de se preocupar se fez algo errado. Esse é o jeito de Theron. – Chrysander soava ansioso e ela estreitou o olhar diante do que considerou uma mentira.

Quando o celular de Chrysander tocou, ele se precipitou em atender. Marley comprimiu os lábios e refletiu em silêncio. Algo estava errado. Por que Theron demonstraria aversão instantânea a ela? E por falar nele, por que nunca o vira antes? Não seria normal ter conhecido a família do homem com quem iria se casar, o pai de seu filho?

Marley se inclinou para trás no banco e deixou escapar um suspiro frustrado. Enquanto estivesse em Nova York pretendia buscar respostas e talvez tentar deslocar o bloco de cimento que parecia lhe tapar a mente. Deveria haver uma forma de libertar sua memória. E se houvesse, ela a encontraria. De preferência, antes de se casar.

Contudo, ainda havia surpresas desagradáveis a aguardando quando chegaram à cobertura. Marley quase rosou de frustração quando as portas do elevador se abriram e avistou Roslyn. Estaria fadada a encontrar aquela mulher em sua casa a todo o momento?

A assistente de Chrysander exibiu um sorriso caloroso de boas-vindas, e Marley não pôde deixar de notar que se destinava apenas ao patrão. Ela permaneceu ao lado de Chrysander enquanto Roslyn relatava a programação das reuniões, os telefonemas que precisava retornar e os contratos que necessitavam de sua atenção. Não recuaria entregando a vitória àquela mulher, implícita ou não.

Roslyn falava em tom de voz baixo e sensual, tocando o braço do patrão com frequência. Soltou uma risada rouca diante de algo que ele lhe disse, durante todo o tempo ignorando a presença de Marley. Tinha de admitir que aquela mulher era ousada. Se não estivesse grávida, teria considerado seriamente a possibilidade de arrastá-la para fora da cobertura pela orelha.

Uma cena divertida em nível de fantasia, mas Chrysander ficaria horrorizado.

Marley suspirou mesmo enquanto a imagem da bela e penteada mulher sendo banida do apartamento a divertia consideravelmente.

Por fim, Roslyn se preparou para partir, e os ombros de Marley relaxaram, aliviados. Porém, quando as portas do elevador se abriram para ela entrar, outro homem, também bastante parecido com Chrysander, também entrou.

Marley teve vontade de perguntar quantas pessoas tinham passe livre ao recesso do lar dos dois, mas mordeu o lábio.

– Ao que parece, nosso apartamento está parecendo uma porta giratória hoje – disse Chrysander, fazendo-a imaginar se ele havia lido sua mente.

Embora a desaprovação de Theron tivesse sido algo mais sutil, não havia dúvidas sobre a opinião do outro irmão sobre ela. Ele escancarou uma carranca quando lhe foi apresentado como sendo Piers.

– Preciso falar com você se não se importa, Chrysander – disse o belo homem com a mandíbula contraída.

– Não os incomodarei – retrucou Marley, virando e se dirigindo ao quarto, farta da recepção fria que recebera.

Mesmo enquanto fechava a porta, podia ouvir as vozes alteradas e o tom irritado de Chrysander. Hesitou por um instante, imaginando se devia escutar a conversa. Queria ouvir de fato o que estavam dizendo? Com um suspiro, Marley girou para observar o quarto que Chrysander lhe designara depois que tivera alta do hospital. Sem saber o que fazer, retirou os calçados e se sentou na cama. A viagem não havia sido estafante, mas a ideia de se encolher debaixo das cobertas a atraía. A cabeça começava a latejar pela tensão e se conseguisse cochilar por algum tempo, talvez se sentisse melhor. E talvez, quando acordasse, não houvesse mais ninguém no apartamento.

Quando Marley despertou, se encontrava em outra cama. Pestanejou para dispersar a névoa provocada pelo sono e percebeu que estava no quarto de Chrysander. Espreguiçou-se e ficou feliz por não sentir mais a pressão na cabeça.

Sentou-se e viu Chrysander parado na outra extremidade do quarto, observando-a. Por alguma razão, Marley se sentiu insegura naquele momento.

– Devia estar mais cansada do que pensei – disse ela em tom de voz leve.
– Não acordei quando você me transferiu para cá.

– Você dormirá no nosso quarto, na nossa cama.

Marley pestanejou várias vezes.

– Está bem. Apenas não pensei. Foi naquele quarto que fiquei antes.

Chrysander fechou a distância que os separava e se sentou na cama ao lado dela.

– Seu lugar é aqui. Comigo.

Marley inclinou a cabeça para o lado. Tinha a nítida impressão de que ele não se referia apenas ao fato de ela ter se deitado em outro quarto. Era quase como se ele a estivesse convencendo, e aos outros, de que seu lugar era ao lado dele.

– Seus irmãos não me aprovam – disse ela em tom de voz baixo.

A expressão de Chrysander se tornou pétrea.

– Meus irmãos não têm de opinar em nosso relacionamento. Anunciarei nosso casamento na recepção daqui a duas noites, e nos casaremos dentro de uma semana.

E estava dito, pensou ela. A lei instituída por Chrysander Anetakis.

Inclinando-se, ele a beijou.

– Por que não se veste? Vamos sair para um belo jantar.

– Lagosta? – perguntou esperançosa, e só então se deu conta do que dissera. – Os olhos azuis se arregalaram pelo excitação. – Lagosta! Eu me lembro de que lagosta é meu prato preferido.

Exibindo um sorriso tenso, ele a beijou outra vez.

– Exatamente, *pedhaki mou*. Costumava pedir para que entregassem a comida aqui e sentávamos nus na cama para comê-la.

Marley corou até a raiz dos cabelos, mas tinha de admitir que a imagem era tentadora. Chrysander a ajudou a se levantar e ela se encaminhou ao toalete para tomar um banho e trocar de roupa. Trinta minutos depois, ele a guiou ao elevador e para fora do prédio, na direção do carro que os aguardava.

Chrysander a levou a um restaurante elegante, e os dois se sentaram em um canto aconchegante, destacado do salão de jantar principal. A iluminação era frouxa e a fazia se lembrar do Natal. Uma doce nostalgia a envolveu enquanto se recordava do quanto amava aquele feriado.

Dentro de mais um mês, as decorações começariam a ser montadas e muitas lojas e restaurantes estariam brilhando com as luzes e azevinhos. Um sorriso sonhador lhe curvou os lábios enquanto imaginava passar o Natal ao lado de Chrysander.

– Parece perdida em pensamentos, *agape mou*. Com esse doce sorriso estampado no rosto, espero que seja eu a ocupar seus pensamentos.

Marley ergueu a cabeça para descobrir aqueles olhos dourados a estudando. A pele cor de bronze acentuada pelas luzes das velas.

– Estava imaginando como será passar o Natal ao seu lado. Estava me lembrando do quanto eu gostava dessa época.

– Suas lembranças parecem estar voltando – disse ele, embora não houvesse nenhuma alegria em seu tom de voz.

Os lábios de Marley se curvaram em um sorriso tristonho.

– Não tão rápido. Apenas um lampejo aqui, outro ali. Parece mais intuição do que propriamente lembrança.

– Sua memória voltará. Tem de ser paciente.

Marley anuiu, mas podia sentir a frustração a dominando. Determinada a não estragar o resto da noite, forçou-se a relaxar e aproveitar a comida excelente e o fato de estar com Chrysander. Sem interferências dos membros da família ou da assistente.

– Gostaria de fazer compras amanhã? – perguntou ele.

Marley pestanejou, surpresa, diante da mudança brusca de assunto.

– Tenho uma reunião amanhã bem cedo, mas depois poderíamos almoçar juntos e comprar os itens de que necessitará para a recepção. Pode procurar um vestido de noiva também.

Marley não conseguia conjurar a imagem de Chrysander fazendo compras e tinha certeza de que não encontraria nenhum momento como aquele mesmo que gozasse de plena memória. Ele simplesmente não era o tipo de homem de fazer compras.

– Tem certeza de que quer me levar com você?

Chrysander ergueu uma das sobrancelhas.

– Como estou planejando anunciar nosso casamento, seria estranho que você não estivesse lá. A menos que não queira ir.

– Não se trata disso. Adoraria ir. Apenas não tinha certeza de que... – Marley deixou a frase morrer determinada a não se aprofundar no assunto.

– Então, está decidido. Vamos fazer compras amanhã, depois de alimentá-la adequadamente.

Marley exibiu um sorriso.

– Do jeito que fala, me faz parecer um bichinho de estimação.

Um sorriso lento e sexy curvou os lábios sensuais.

– Gosto da ideia de você ser meu bichinho de estimação. Meu exclusivo e mimado bichinho de estimação – disse ele com voz rouca.

Um calor varou o corpo de Marley como a descarga de uma corrente elétrica. Ela engoliu em seco e tomou um gole da água em uma tentativa de abrandar aquele formigamento quente.

E então, Chrysander soltou uma risada e o som trouxe à vida cada terminação nervosa do corpo de Marley.

– Vejo que também gostou da ideia.

Corando, ela baixou a cabeça.

– Gosto da ideia de ser qualquer coisa sua – afirmou com sinceridade.

Chrysander esticou o braço sobre a mesa e lhe segurou os dedos.

– Você é minha, *agape mou*. Pode ter certeza.

– Então, leve-me para casa e faça amor comigo – sussurrou ela.

Capítulo 12

NA MANHÃ seguinte, Chrysander se levantou cedo. Deu um beijo suave na testa de Marley e lhe disse que ao meio-dia viria buscá-la. Ela bocejou, sonolenta, murmurou uma despedida e se virou para o lado para voltar a dormir. A risada baixa de Chrysander lhe verberou nos ouvidos enquanto escorregava para o esquecimento do sono.

Quando despertou outra vez, apertou os olhos contra a luz do sol e consultou o relógio no criado mudo. Ainda dispunha de algumas horas até o compromisso com Chrysander e não tinha nenhuma intenção de passá-las sentada naquele apartamento.

Com tantos seguranças de Chrysander disponíveis, deveria haver algum que lhe oferecesse um meio de transporte. Poderia requisitar um deles e sair sozinha, embora não tivesse ideia para onde ir.

E então, outro pensamento lhe ocorreu. A julgar pela obstinação de Chrysander com segurança, duvidava que tivesse ido a qualquer lugar sem seus guarda-costas durante todo aquele tempo em que estavam juntos. Se esse fosse o caso, certamente um deles teria ideia dos lugares que ela costumava visitar e das coisas que gostava de fazer.

Animada com aquela ideia, apressou-se a entrar debaixo do chuveiro. Trinta minutos depois, desceu pelo elevador até o saguão para sair. Avistou

um homem parrudo, parado à porta e o reconheceu como sendo o homem que Chrysander chamava de Stavros.

No mesmo instante, o segurança se colocou em alerta ao vê-la se aproximar.

– Srta. Jameson – disse com acentuado sotaque grego. – Em que posso ajudá-la?

Marley percebeu a forma como o homem se interpôs na porta, de modo que ela não pudesse sair e quase soltou uma risada.

– Tenho certeza de que Chrysander lhe contou que eu... perdi a memória. – O homem anuiu e sua expressão se suavizou. – O que estava imaginando era se poderia me informar se eu dispunha de segurança antes do acidente.

– Eu cuidava pessoalmente de sua proteção – disse Stavros.

– Ah, que bom! Então, talvez possa me ajudar. Gostaria de sair, mas não sei ao certo para onde. Quero dizer, não sei a quais lugares eu gostava de ir e já que, sem dúvida, me seguia para todos os lugares, talvez possa me levar a alguns deles hoje.

O homem hesitou por alguns instantes, como se considerasse o pedido. Em seguida, retirou o telefone celular do bolso, apertou um botão e o encostou ao ouvido. Falou algumas palavras rápidas em grego, concordou algumas vezes e lhe estendeu o telefone.

– O sr. Anetakis gostaria de falar com a senhorita.

– Ah, pelo amor de Deus! – Marley resfolegou enquanto aceitava o aparelho. – Não perdeu tempo em me trair, certo? – perguntou ela encarando com olhar acusatório o segurança, que não parecia nem um pouco arrependido.

A risada de Chrysander lhe soou ao ouvido.

– Que tipo de problema está causando, *agape mou*?

Marley deixou escapar um suspiro que soou meio ridículo de tão sonhador. Depois que utilizara aquele tratamento carinhoso pela primeira vez, Chrysander o repetia com crescente frequência. E toda vez aquelas palavras afetuosas e vibrantes tinham a capacidade de fazê-la se derreter.

– Quero sair um pouco. Estarei de volta a tempo de nosso almoço. Prometo.

– Aproveite sua manhã, mas tome cuidado e não se canse muito. Se achar que vai se atrasar, peça a Stavros que me telefone, e eu a encontrarei onde estiver, para que não tenha de voltar ao apartamento.

Marley sorriu e murmurou uma concordância. Em seguida, desligou e devolveu o telefone a Stavros.

– Precisamos ter uma conversa sobre falar mais do que se deve.

O homem nem sequer pestanejou.

– Posso assegurá-la, srta. Jameson, que já tivemos essa conversa no passado.

Marley sorriu e viu o segurança levar a mão ao pequeno dispositivo que trazia na orelha e disparar várias ordens em grego.

Em alguns instantes, um carro estacionou em frente à calçada e outro segurança saltou para lhe abrir a porta. Stavros a guiou para fora do prédio e a acomodou confortavelmente no carro, antes de ocupar o banco da frente, com o outro segurança.

O vidro que separava os bancos traseiro e dianteiro baixou e Stavros girou para lhe lançar o olhar por sobre o ombro.

– Para onde gostaria de ir, srta. Jameson?

– Não sei – retrucou ela com uma risada. – Poderia fazer um *tour* pelos lugares que eu costumava ir.

O segurança anuiu, e o carro se juntou ao tráfego intenso das ruas de Nova York. A primeira parada foi em uma cafeteria a poucos quarteirões de distância do apartamento. Era óbvio que Stavros não esperava que ela descesse do veículo, porque, quando ela comunicou sua intenção, ele comprimiu os lábios em uma linha desaprovadora. Porém, acompanhado do outro homem, a escoltou para dentro do pequeno estabelecimento.

O ambiente era aconchegante e fervilhava com conversas e risadas. Parecia convidativo e Marley podia facilmente se imaginar em um lugar como aquele. Ainda assim, não lhe suscitou nenhuma recordação. Com um suspiro profundo, ela girou e disse a Stavros que estava pronta para partir.

O próximo lugar foi um pequeno mercado e Marley dirigiu um olhar surpreso ao segurança.

– A senhorita gostava de cozinhar para o sr. Anetakis, especialmente depois que ele retornava de uma longa viagem internacional. Nós vínhamos aqui para comprar os ingredientes necessários. E a senhorita me fazia carregar todas as sacolas – acrescentou com um breve sorriso.

– Eu era tão desagradável? – provocou ela.

– Era um prazer acompanhá-la em suas saídas – afirmou Stavros.

– Ora, parece que você gostava de mim. – Marley sorriu para o homem atarracado, tentando captar qualquer vestígio de reconhecimento, algum lampejo daquele tipo de brincadeira no passado. – Para onde vamos agora?

Visitaram a biblioteca e uma pequena loja de artes e, embora tais lugares refletissem seu estilo, Marley nada conseguiu se recordar. Quando o carro estacou em frente a um parque, um momento de pânico a fez sentir um aperto no peito.

– A senhorita está bem? – Stavros perguntou. Marley ergueu o olhar para encontrá-lo parado ao lado da porta aberta, esperando que ela saísse do carro. – Talvez seja melhor retornarmos agora. Está quase na hora de seu almoço com o sr. Anetakis.

– Não. – Marley se apressou em dizer, saindo do carro. Não. Queria ficar ali. Precisava estar ali. Algo naquele lugar lhe causara uma agitação na mente, mesmo que desagradável.

Marley caminhou pelo parque, ajustando a capa ao corpo. Na verdade, não estava frio. O sol da tarde brilhava quente, mas ainda assim, calafrios lhe percorriam o corpo e se propagavam até sua alma.

Stavros e o outro segurança a flanqueavam alguns passos atrás e lhe veio à mente o breve pensamento de que ela parecia mais importante do que realmente era. O olhar de Marley se fixou em um banco de pedra diante de uma estátua e ela se dirigiu para lá, sem saber o que a atraía para aquele ponto.

Sentou-se e espalmou as mãos sobre a superfície fria de pedra. Olhou para a frente e sentiu um lampejo de tristeza. Aquilo não fazia sentido, mas sabia que havia se sentado ali antes, temendo alguma coisa. Insegura.

Ergueu as mãos para cobrir o rosto e se inclinou para a frente, encolhendo-se no banco.

No mesmo instante, sentiu a mão forte lhe tocar o ombro e a voz preocupada de Stavros ecoar em seus ouvidos.

– A senhorita está se sentindo bem? É necessário telefonar para o sr. Anetakis? Talvez seja melhor levá-la para um hospital.

Marley negou com a cabeça e ergueu o olhar.

– Não. Estou bem. É que tenho certeza de que estive aqui antes. Posso sentir isso.

Stavros anuiu, embora o olhar ainda refletisse preocupação.

– Sempre dizia que este era seu ponto de reflexão.

– Parece que eu tinha muito em que pensar – murmurou ela.

O segurança consultou o relógio de pulso.

– Deixe-me telefonar para o sr. Anetakis e lhe dizer para nos encontrar no restaurante. Assim, não perderemos tempo retornando ao apartamento quando poderia estar se alimentando.

Marley não objetou quando ele a ajudou a se erguer do banco. Em vez de caminhar atrás dela, segurou-lhe o cotovelo no trajeto até o carro.

– Por favor, não preocupe Chrysander – pediu ela enquanto o segurança a acomodava no carro. – Senão, ele me obrigará a voltar para o apartamento me deitar na cama.

– Lugar onde provavelmente deveria estar.

Marley fez uma careta.

– Você não é nada divertido. Tenho de fazer compras e escolher meu vestido de noiva. Não posso fazer isso na cama.

Stavros parecia estar se esforçando para disfarçar um sorriso enquanto fechava a porta. Instantes depois, o vidro que separava os bancos desceu e o segurança a encarou.

– Se o sr. Anetakis perguntar, direi simplesmente que tivemos uma manhã tranquila na cidade.

– Eu sabia que havia uma razão para eu gostar de você – disse ela animada, recuperando o bom humor.

Quando chegaram ao restaurante, Chrysander os encontrou ao lado do carro. Dispensou Stavros prontamente, dizendo-lhe que o motorista o levaria às compras com Marley.

Durante o almoço, Chrysander a questionou sobre o passeio matutino e ela relatou todos os lugares que visitaram. Porém, quando perguntou como sua foi a manhã no trabalho, ele se mostrou vago e reservado. Não desejando estragar o dia, Marley mudou de assunto, referindo-se às compras que fariam.

– Essa recepção a que compareceremos é muito sofisticada? – perguntou ela, saboreando outra garfada da excelente massa.

Chrysander ergueu uma das sobrancelhas.

– Depende de sua definição de sofisticação.

– Ah, então posso usar meu jeans e blusa de gestante – brincou ela com doçura na voz.

Chrysander soltou uma risada.

– Embora não tenha nada contra você usar calça jeans, não gostaria que os outros a vissem em algo que exhibe os contornos de seu gracioso traseiro.

– Então, devo ir bem vestida? – perguntou com um suspiro.

– Não se preocupe com isso, *pedhaki mou*. Escolherei o vestido perfeito para você.

– Não usarei sapatos de salto alto – disse ela resoluta. – Não há a menor chance de eu ficar vagando pela festa empoleirada sobre dois palitos de dente.

– Claro que não – concordou Chrysander em um tom que sugeria ter sido uma insanidade tal ideia. – Estou certo de que não é aconselhável mulheres grávidas se sujeitarem a tamanha tortura. E se caísse?

– Talvez fosse melhor eu ir descalça – sugeriu com expressão travessa.

Chrysander soltou uma risada.

– E talvez seja melhor mantê-la trancada a chave em casa.

Marley engoliu a última garfada da massa e, relutante, afastou o prato para o lado.

– Estava maravilhosa e acabei comendo demais.

– Precisa ganhar peso. Está muito magra. É bom que se alimente adequadamente.

– E se eu comer mais do que isso, não entrarei em nenhum traje que esteja planejando me comprar. – Marley baixou o olhar ao ventre abaulado.

– Existem roupas muito sofisticadas para gestantes?

Chrysander a observou com olhar paciente.

– Acredite-me. Encontraremos algo adequado.

– Por que entende tanto sobre comprar vestidos? – resmungou ela enquanto Chrysander a guiava na direção do carro que os aguardava.

– Certamente não espera que eu responda a essa pergunta? – retrucou, mal conseguindo suprimir o divertimento na voz.

Marley lhe dirigiu um olhar contrariado e se acomodou no assento do carro.

De fato, Chrysander tinha extrema habilidade em escolher o vestido perfeito. Encontrou o que queria no segundo modelo que ela experimentou. Um traje de seda branco de um modelo simples. As alças eram finas, o corpete conservador e o tecido se ajustava ao ventre avantajado, atraindo a atenção para a gravidez.

– Este me faz parecer... bem, muito grávida – disse ela, virando-se para permitir a avaliação de Chrysander.

– Está absolutamente deslumbrante – murmurou ele. – Acho que todas as grávidas deveriam gostar de ter essa aparência.

O olhar apreciativo a fez se decidir por aquele vestido. Não precisava experimentar mais nenhum. O traje foi cuidadosamente dobrado e colocado de lado, com os sapatos de salto baixo que ela escolhera.

– Diga-me, *agape mou*, você quer um vestido de noiva tradicional?

Marley comprimiu os lábios e fez um movimento negativo com a cabeça.

– Não. Prefiro algo mais simples.

A vendedora dispôs vários modelos deslumbrantes diante deles e Marley observou Chrysander atentamente para lhe captar a reação.

O que a encantou foi um vestido comprido até os pés, cor de pêssego, que caía em ondas suaves a partir da cintura. O modelo lhe acentuava a gravidez e a fazia parecer bela e feminina.

A aprovação ficou evidente pela expressão de Chrysander. Para surpresa de Marley, em vez de voltarem para o carro, ele a levou a uma joalheria para escolherem um estonteante par de brincos de diamante que fazia conjunto com um colar para serem usados com o vestido de noiva. Marley se

encontrava sem palavras, mas ficou completamente atônita quando, em seguida, ele escolheu outro conjunto de colar e brincos de safira o qual sugeriu que usasse com o vestido de seda branco, na recepção.

– Combinarão com seus olhos, *agape mou* – murmurou próximo ao seu ouvido. – E mais tarde, adorarei vê-la usando essas joias e nada mais.

Marley sentiu o rosto ferver e olhou ao redor para se certificar de que ninguém estivesse vendo o escarlate de seu rosto.

– Está me mimando – disse ela quando deixaram a joalheria.

– Tenho direito de mimar minha mulher – retrucou Chrysander dando de ombros.

– Acho que gosto disso – concedeu ela com um sorriso.

– Isso é bom, porque seria uma pena não gostar de algo que pretendo fazer sempre.

Em um gesto impulsivo, Marley se colou ao corpo forte e lhe capturou os lábios com um beijo apaixonado. Um suspiro trêmulo escapou da garganta de Chrysander e as mãos fortes se fecharam em torno dos braços delicados. Quando interrompeu o beijo, ela escorregou a lateral do rosto até encaixá-lo no vão do pescoço largo enquanto o envolvia em um abraço apertado.

– Obrigada pelo dia de hoje. Foi muito divertido.

Chrysander enterrou uma das mãos nos cachos macios e lhe acariciou a cabeça.

– O prazer foi meu.

Marley ergueu a cabeça e começou a recuar, mas ele a manteve segura contra o peito.

– Sou uma boa cozinheira? – perguntou ela, erguendo a cabeça para encará-lo.

A surpresa se estampou no belo rosto de Chrysander.

– Não entendi.

– Cozinheira. Stavros me disse que eu gostava de cozinhar para você e que ia com frequência ao mercado comprar ingredientes. Fiquei imaginando se eu era boa na cozinha.

Uma expressão peculiar iluminou o semblante de Chrysander.

– Ele tem razão. Você fazia isso. Não havia pensando nisso, mas, sim, você costumava cozinhar para mim na primeira noite em que eu voltava para casa.

– Você se ausentava com muita frequência?

Chrysander ficou parado por um instante e, em seguida, anuiu com um gesto lento de cabeça.

– Sim. Estava sempre viajando para o exterior a negócios. Às vezes, ficávamos semanas sem nos ver.

– Não consigo imaginar isso – retrucou ela com voz suave. – Senti sua falta nas poucas horas em que estive ausente esta manhã.

Chrysander a beijou outra vez.

– E eu senti a sua, *pedhaki mou*.

Marley se aninhou contra o corpo quente e forte, durante o restante do trajeto. Sentia-se um pouco cansada, mas não havia a menor possibilidade de revelar isso a ele. O dia fora quase perfeito e ainda tinham o restante dele para desfrutar juntos.

Capítulo 13

MARLEY AJEITAVA e puxava o vestido enquanto admirava sua aparência no espelho. As safiras faiscavam em suas orelhas e no colar que fazia conjunto e lhe ornava o pescoço.

– Está linda, *agape mou*.

Quando ela girou, se deparou com Chrysander. Marley não pôde evitar um arquejo diante da aparência daquele homem. O terno preto de corte perfeito se ajustava com perfeição ao corpo forte, valorizando-lhe a estrutura muscular. A camisa branca contrastava com a pele bronzeada e compunha um conjunto arrebatador com os cabelos negros e os olhos dourados. Para ser sincera, Marley tinha de admitir que estava babando.

– Você também – conseguiu dizer por fim.

Chrysander soltou uma risada abafada e se aproximou.

– Lindo? Certamente pode achar adjetivo melhor.

– Estonteante? Devastadoramente belo? Tão deslumbrante que estou tentada a me atirar sobre você e arrancar suas roupas?

– Essa linha de pensamento me agrada.

– Não estava brincando – murmurou ela.

– Está pronta? O carro está nos aguardando.

Marley deixou escapar um profundo suspiro e girou o anel de noivado no dedo com a ponta do polegar.

– Na medida do possível.

Chrysander a tomou nos braços.

– Não será tão ruim assim. Ficarei ao seu lado a noite toda.

Marley se colocou nas pontas dos pés para beijá-lo.

– Sou uma covarde. E não me importo em admitir.

Chrysander se deteve lhe explorando os lábios, movendo-se com uma sensualidade que a deixou fraca e ofegante. Quando se afastaram, Marley percebeu que ele se encontrava igualmente afetado.

– Acho que devemos partir agora – disse ele com voz rouca. – Do contrário, não iremos a nenhum lugar.

Quando chegaram ao hotel, Marley viu várias limusines enfileiradas no caminho circular do lado de fora da entrada principal. Engoliu em seco, nervosa, ao observar as pessoas brilhantes e glamourosas que desciam dos carros e entravam no hotel. De repente, se sentiu mal vestida e despreparada.

Quando chegaram à entrada principal, a porta do veículo se abriu e Chrysander saiu para ajudá-la a descer. Marley encaixou o braço firmemente ao dele e os dois entraram no hotel.

Sentiu um frio congelante no estômago enquanto os dois adentravam o imenso salão. Uma banda de jazz executava os acordes suaves em um pequeno palco ao fundo. Garçons circulavam com bandejas repletas de taças de vinho e champanhe, enquanto outros ofereciam uma refinada seleção de *hors d'ouvres*.

Chrysander murmurou algo para um dos garçons enquanto retirava uma taça de vinho da bandeja e, momentos depois, o homem retornou com um copo de água mineral para Marley.

Enquanto olhava ao redor, com o copo em uma das mãos, ela gemeu mentalmente ao avistar Theron, Piers e Roslyn. Embora soubesse que eles estariam presentes, esperara sinceramente poder evitá-los o máximo possível. Mas aquilo não seria possível, pensou ao ver Theron cruzar o salão na direção de Chrysander.

Sua primeira reação foi se desculpar e se encaminhar ao toalete feminino, mas Chrysander lhe segurou o braço com força como se previsse o que ela

pretendia fazer.

– Chrysander – disse Theron como forma de cumprimento. Varrendo Marley com o olhar, ele lhe ofereceu o mais breve dos acenos de cabeça. Ao menos, não era uma total reprovação ou o homem teria lhe oferecido uma carranca.

Marley ouviu enquanto os dois trocavam amabilidades e, em seguida, Theron gesticulou na direção de Piers e um distinto senhor que se encontrava ao lado dele. Permaneceu parada quando Chrysander se encaminhou na direção do outro irmão, mas ele a puxou para que o acompanhasse, aumentando-lhe o temor.

Piers franziu a testa quando eles se aproximaram. O homem mais velho exibiu um sorriso largo e cumprimentou Chrysander de maneira polida. Uma mulher que Marley presumiu ser a esposa do homem, também ofereceu uma entusiasmada saudação.

Chrysander a puxou para frente.

– Sr. e sra. Vasquez, gostaria de lhes apresentar Marley Jameson. Marley, este é o sr. Vasquez e sua esposa. Vieram do Brasil em viagem de negócios.

Marley sorriu e trocou gentilezas com o casal mais velho, relaxando em seguida, contra o corpo de Chrysander. Piers estava sendo educado, e Theron se juntou ao grupo, deixando de lado a completa indiferença com que a tratara momentos antes. Talvez fosse capaz de suportar aquela noite, afinal.

Chrysander lhe segurou a mão e a apertou, girando para os demais do grupo, em seguida, com uma estranha tensão no semblante.

– Marley aceitou ser minha esposa. Planejamos nos casar durante nossa estadia em Nova York. Ficariamos honrados se pudessem comparecer.

Um arquejo alto soou às costas de Chrysander, e Marley virou-se para se deparar com Roslyn parada a alguns centímetros de distância, com uma expressão chocada no rosto. A assistente recobrou o controle rapidamente, mas não o suficiente para impedir Marley de imaginar por que ela parecia tão perplexa com a notícia. Quando tornou a virar-se, apenas os Vasquez pareciam felizes com a notícia.

As expressões de Piers e Theron refletiam o mesmo choque de Roslyn. Em seguida, a surpresa inicial deu lugar à patente desaprovação. Chrysander lhes dirigiu olhares de repreensão, mas Marley se viu completamente perdida. Estremeceu ao lado dele, e a mão forte apertou a dela como se ele entendesse seu desejo sair correndo dali.

Como poderia o anúncio daquele casamento ser uma novidade? Estavam noivos antes do acidente e, ainda assim, todos agiam como se aquilo fosse um acontecimento inesperado. E desagradável.

Após as educadas congratulações dos Vasquez e de outras pessoas ao redor que escutaram o anúncio, a conversa mudou para assuntos triviais. Marley permaneceu em silêncio, alheia ao falatório ao seu redor. Chrysander afrouxou a força com que lhe segurava a mão, mas lhe envolveu a cintura com um dos braços a ancorando firme contra o próprio corpo. Não havia como escapar, não importava o quanto ela desejasse.

A conversa mudou para a possibilidade da construção de um hotel no Rio de Janeiro e, embora Marley permanecesse em silêncio, apenas observando os outros, o braço forte nunca lhe abandonou a linha da cintura.

À medida que a noite se prolongava, mais pessoas se aproximavam para oferecer suas congratulações pelo iminente casamento e logo o salão fervilhava com a notícia. O sorriso permanente que Marley estampava no rosto estava começando a enfraquecer. Como se lhe sentisse o desânimo, Chrysander a guiou para a pista de dança enquanto o lento jazz flutuava melodiosamente pelo ambiente.

Marley suspirou, derretendo-se no círculo seguro daqueles braços fortes.

– Obrigada. Precisava de uma pausa.

Chrysander sorriu e inclinou a cabeça para lhe morder de leve um dos cantos dos lábios.

– É a mais bela mulher neste salão. Todos os homens a observam com olhares apetitosos, o que basta para eu querer nocauteá-los.

– Hummmm, por mais que goste dessa atitude viril, prefiro que me leve para casa e exercite essa arrogância masculina de outra forma.

– Está me tentando.

Marley lhe dirigiu um sorriso sedutor.

– Estou falando sério.

Chrysander suspirou.

– Por mais que essa ideia me agrade, acho que terei de permanecer aqui durante toda a recepção. Se for muito cansativo para você, posso pedir que Stavros a leve de volta ao apartamento.

Como se ela fosse deixá-lo ali com Roslyn, a “Miss Super Assistente”!

Apesar do fato de os irmãos de Chrysander e de Roslyn estarem decididos tratá-la como uma pária, havia muitos outros que lhe eram gentis e a incluíam em suas conversas. Marley se descobriu gostando da atmosfera festiva, apesar do início de noite desfavorável.

Estava ficando tarde quando Chrysander se inclinou para lhe falar ao ouvido.

– Tenho de conversar com meus irmãos. Ficará bem sozinha por alguns instantes?

– Claro, seu bobo – retrucou ela com um sorriso. – Vou ao toalete feminino. Pode ficar à vontade.

Chrysander lhe depositou um beijo nos lábios e se encaminhou na direção dos irmãos. Marley se demorou no toalete. O lugar lhe proporcionou um excelente descanso do falatório interminável e dos olhares animosos que lhe eram lançados pelos membros do clã Anetakis.

– Não pode se esconder aqui para sempre – disse a si mesma. Aprumando os ombros, saiu do toalete e retornou ao salão. Quando passou por uma sala de reuniões pequena, ouviu a voz de Chrysander pela porta entreaberta. Hesitou e estacou, decidindo se devia prosseguir ou esperar por ele ali.

As palavras que ouviu a seguir tomaram a decisão por ela.

– Droga, não há necessidade de se casar com ela. Coloque-a em um apartamento qualquer até que a criança nasça. Não se case com essa mulher e permita que ela tenha acesso a tudo que possui.

Marley entreabriu a boca em choque diante do discurso irado de Piers.

– Ela está esperando um filho meu – retrucou Chrysander em tom frio. – Se optei por me casar com ela, não é problema de nenhum dos dois.

Marley se aproximou da porta, não se importando se a vissem. Que direito tinha Piers de falar com Chrysander daquela forma?

– Não pode se casar com ela! – Soou o grasnido alto de Roslyn. – Esqueceu-se de como ela o roubou? De que ela tentou arruinar sua empresa? Se precisa de alguma justificativa, basta olhar para os hotéis que estão sendo construídos em Paris e Roma. Seus hotéis, Chrysander. Agora estão sendo erguidos sob o nome de seu concorrente.

Uma neblina varou a mente de Marley. Fervente. Como uma colmeia de abelhas ferozes, fragmentos de informação zumbiam em seu cérebro. E, de repente, era como se uma represa se abrisse. A porta trancada que se esforçara tanto para abrir, se escancarou e o passado a transpôs como uma enchente de velocidade assustadora.

Marley oscilou e se agarrou ao batente da porta com força. A náusea lhe revirando o estômago enquanto cada momento espocava em sua mente como um filme avançando rapidamente.

A acusação de roubo que Chrysander lhe atirara no rosto. A expulsão de seu apartamento, de sua vida. O sequestro, os meses que ela passou em um temor esperançoso, aguardando que Chrysander atendesse à exigência do resgate. Exigências que ele ignorara.

Oh, Deus! Iria vomitar.

Chrysander a deixara. A descartara como um lixo. Meio milhão de dólares, uma quantia ínfima para um homem com aquelas posses, fora a soma que ele se negara a pagar para que ela fosse libertada.

Tudo não passara de uma mentira. Ele lhe mentira sem parar desde que acordara naquele leito de hospital. Ele não a amava ou a desejava, mas sim a *desprezava*.

Não valera sequer meio milhão de dólares para ele.

Uma dor intensa comprimia o peito de Marley enquanto ela se sentia despedaçar. Tudo que acreditara ser verdade de repente eclipsou. Sentia o coração rachar e se dismantelar aos seus pés.

Chrysander nem ao menos tentara salvá-la.

O grito angustiado que lhe escapou da garganta ecoou na sala. Marley levou a mão aos lábios, mas era tarde demais. Todos giraram na direção dela. Theron se encolheu e um estranho desconforto se estampou no rosto de Piers. Os olhos de Marley encontraram os de Chrysander e a verdade se

estampou nas íris douradas quando se deu conta de que ela havia recuperado a memória.

Quando ele começou a cruzar a sala na direção dela, Marley recuou, cambaleando para trás. Oh, Deus! Não podia enfrentar aquilo. Lágrimas lhe embaçavam a visão. A imagem do rosto pálido de Chrysander apenas a estimulou a dar o próximo passo. Ela saiu em disparada pelo corredor na direção do saguão. Chrysander gritou seu nome, mas ela não parou. Soluços emergiam do peito de Marley e explodiam sem que os controlasse. Ela tropeçou, mas recobrou o equilíbrio e se projetou para a frente. Atrás dela, Chrysander praguejava e a chamava.

Marley corria na direção da saída sem um destino definido na mente. Estava quase lá quando colidiu contra uma montanha. Stavros se interpôs diante dela e a segurou. Marley explodiu em fúria, chutando e socando. Seu único pensamento era escapar dali para o mais longe que pudesse.

Conseguiu se soltar e cambaleou para a frente, caindo ao chão. No mesmo instante, Stavros se ajoelhou ao lado dela, lhe perguntando se estava bem e Marley soube que não havia como escapar.

Uma dor intensa lhe varou o corpo como se inundada por um córrego interminável de agonia. Ela fechou os olhos no momento em que as mãos fortes de Chrysander escorregavam sob seu corpo. Em tom de voz ansioso, ele lhe perguntava se havia se machucado, mas Marley se viu incapaz de responder. Dobrou o corpo, enroscando-se no chão sem se importar com o fato de estar no meio do saguão do hotel.

Chrysander a ergueu e ela o ouviu chamar seu nome. Xingamentos irritados lhe escapavam dos lábios, antes de ele bradar ordens para que alguém chamasse um médico. Em seguida, se afastou do saguão barulhento e, instantes depois, entrou em um quarto vazio do hotel.

Tão logo Chrysander a pousou na cama, ela voltou a se enroscar, afastando-se dele. Encolheu-se quando Chrysander lhe pousou uma das mãos sobre o corpo, com um toque suave.

– Tem de parar de chorar, *agape mou*, ou acabará passando mal.

Marley já estava passando mal, pensou entorpecida. Seu coração havia adoecido. Ela fechou os olhos, mas ainda assim, grossas lágrimas lhe

rolaram pelo rosto e Chrysander as limpava com os dedos.

Sua única vontade era escapar. Ir para algum lugar em que não sentisse tanta dor. Através de uma névoa, ouviu Chrysander conversar com um médico. Instantes depois, sentiu uma picada no braço, mas não reagiu. Não se importava. E então, começou a flutuar, agradecida pela suavização da dor. A mente se tornou indistinta enquanto o véu do esquecimento pousava sobre ela. Esquecimento. Ansiava por esquecer.

Mergulhar no vazio e despencar para um lugar onde não havia dor nem traição.

CHRYSANDER CAMINHAVA de um lado para outro ao pé da cama de Marley enquanto o médico do hotel lhe aplicava um sedativo. Ela se encontrava sob forte estresse, e o médico agiu rapidamente para prevenir maiores danos.

Quando terminou de administrar a medicação, se afastou da cama e o encarou com expressão severa.

O medo era como uma garra esmagando o peito de Chrysander.

– Ela está bem? A criança está bem?

O médico gesticulou para que se afastassem da cama, onde Marley permanecia imóvel agora.

– Os danos que ela sofreu não são físicos. Se fossem, eu poderia ser de alguma utilidade. Mas o estresse de Marley é mental. Se é verdade o que disse e ela recuperou memória, foi isso que lhe causou uma dor imensurável.

Chrysander se remexeu impaciente.

– O que pode ser feito? Ela não pode ficar como está. Deve haver algo que possamos fazer.

A visão do rosto pálido de Marley, com os olhos arregalados pela devastação tinha o efeito de uma facada em suas entranhas.

– Deve levá-la de volta para casa, para um lugar que lhe seja mais familiar. Ela precisa de um médico, não para seu bem-estar físico, mas que possa ajudá-la no aspecto psiquiátrico.

– Está se referindo a um terapeuta? – Chrysander perguntou com semblante sombrio.

– Este é um momento muito delicado – preveniu o médico. – Marley está muito frágil. A recordação de eventos extremamente traumáticos pode lhe causar um colapso. – Com expressão compassiva, o homem apertou o ombro de Chrysander. – Isso vai ser difícil, mas talvez seja melhor. É bom que ela tenha recuperado a memória, mesmo que isso lhe cause um grande estresse.

Chrysander não tinha tanta certeza disso. O fato de Marley ter recuperado a memória, implicava em saber que ele a expulsara de seu apartamento, colocando-a praticamente nas mãos dos sequestradores. Também se lembraria das palavras ofensivas que lhe atirara ao rosto. E recordaria o papel que ela desempenhara em toda aquela confusão.

Chrysander passou uma das mãos pelos cabelos. Parte dele desejava que Marley nunca tivesse recobrado a memória. Havia construído um novo relacionamento, sem as mentiras e traições do passado. Algo o intrigava ao mesmo tempo em que aqueles pensamentos lhe preenchiam a mente.

Não teria Marley motivos para se sentir culpada ao recuperar a memória? Tudo que vira refletido naqueles olhos azuis fora mágoa. Uma profunda e terrível mágoa. Não havia culpa, nenhuma vergonha pelo fato de tê-lo roubado. Apenas um sofrimento tão extremado que ele ainda podia sentir a faca que parecia ter sido enterrada em seu peito ao ouvi-la gritar e fugir dele.

Uma sensação incômoda o invadiu. Não conseguia afastar o pensamento de que havia coisas que não o agradariam enterradas na memória de Marley.

Capítulo 14

MARLEY TINHA apenas uma vaga ideia do que se passava ao seu redor. Após aquele primeiro mergulho no esquecimento, percebeu estar sendo carregada para dentro de um carro. Ouviu a voz preocupada de Chrysander murmurando-lhe palavras ao ouvido, mas se fechou em seu íntimo para tudo que vinha daquele homem.

Quando despertou outra vez, se encontrava deitada em uma cama. Olhando ao redor, reconheceu onde estava e, com isso, foi invadida por uma nova onda de agonia, quente como uma lava, que lhe percorreu todo o corpo e lhe tirou o ar.

Chrysander não seria capaz. Certamente não poderia ser tão cruel a ponto de trazê-la para o lugar em que viveram e do qual a expulsara.

Esperou pelas lágrimas, mas curiosamente tudo que sentia era um estranho distanciamento, um vácuo sem fundo, com a necessidade de sair daquele lugar.

Quando se sentou, o olhar se fixou em uma cadeira, próxima à janela, onde Chrysander estava adormecido. Encontrava-se tombado sobre o braço da cadeira, com a roupa amarfanhada e a barba de um dia lhe escurecendo a mandíbula.

Marley esperou pelo acesso de raiva, de fúria, porém mais uma vez, tudo que sentiu foi um entorpecimento sufocante e a necessidade de escapar.

Levantou-se da cama, sem perceber as próprias roupas amassadas. Ocorreu-lhe que deveria trocá-las, mas não poderia arriscar acordar Chrysander. Não. Precisava sair dali. Não poderia encará-lo sabendo que ele lhe fizera tão terríveis acusações e depois a deixara à mercê dos sequestradores.

O polegar roçou a argola fina do anel de noivado e ela o retirou com um movimento brusco. O metal era frio contra a palma de sua mão. Com um movimento suave, ela o pousou sobre o criado mudo, girou e saiu.

Com os pés descalços, se encaminhou ao elevador. Sentia o estômago revirar enquanto revivia a noite em que entrara naquele elevador, com o mundo desmoronando ao seu redor e as acusações de Chrysander reverberando em seus ouvidos. Como ele fora capaz? Aquele era o único pensamento que espiralava em sua mente até fazê-la ter vontade de gritar para dispersá-lo.

Quando alcançou o saguão, estacou, percebendo que não só o pessoal da segurança de Chrysander estaria guardando a entrada da frente como o porteiro também não a deixaria sair naquelas condições.

Marley girou e se encaminhou, apressada, à entrada dos fundos. Para seu desapontamento, um dos homens que ela reconheceu como pertencente ao destacamento de Chrysander se encontrava a postos. Rapidamente, desviou para a entrada de serviço e cruzou o corredor que levava à lavanderia e à sala de manutenção. Minutos depois, Marley abriu uma porta e saiu para a luz pálida que prenunciava o amanhecer.

CHRYSANDER ACORDOU com a sensação de um monstro grudado em seu pescoço e mudou de posição na cadeira pequena para aliviar o desconforto. Quisera passar a noite com Marley em seus braços, mas mesmo entorpecida, ela resistira a cada toque seu, se mostrando incomodada até que não lhe restasse outra alternativa, a não ser deixá-la sozinha na cama.

Acatara o conselho do médico que estava no hotel e telefonara para uma terapeuta assim que retornara para o apartamento com Marley. Marcara uma sessão para aquela manhã. Esperava apenas que ela estivesse em condições para iniciar a terapia.

Quando o olhar de Chrysander se fixou na cama e a viu vazia, se levantou da cadeira de um salto. Começou a se precipitar para fora do quarto, mas o brilho de algo sobre o criado mudo lhe atraiu a atenção. Quando constatou que se tratava do anel de noivado, a garra do medo lhe apertou o peito. Sem esperar mais nada, disparou pelo apartamento, procurando de cômodo em cômodo, com pânico crescente. Marley não se encontrava em lugar algum.

Enquanto entrava no elevador, retirou o celular do bolso e começou a discar. Quando chegou ao saguão, correu em disparada, quase colidindo com Stavros.

Chrysander segurou o homem pelo colarinho e o puxou para perto.

– Onde ela está?

O segurança pestanejou várias vezes surpreso.

– Nós não a vimos, senhor. Nenhum de nós. Ela estava com o senhor.

Chrysander o empurrou para o lado com um xingamento violento.

– Ela fugiu. Chame todos os seus homens. Quero que a encontrem imediatamente – dizendo isso, se encaminhou à entrada para questionar o porteiro, mas o homem parecia tão perplexo quanto os seguranças.

Quando girou, Chrysander se deparou com vários membros da equipe de sua escolta reunidos no saguão, sendo questionados por um Stavros furioso.

Theos! Para onde ela poderia ter ido? Marley não estava em condições de vagar por Nova York e as pessoas que a sequestraram ainda estavam soltas.

A preocupação lhe comprimia o peito como um trator. Girou, decidido a sair para procurá-la pessoalmente, quando viu Theron entrar.

– Chrysander – disse ele em saudação. – Estava subindo para visitá-lo. Como está Marley?

– Ela fugiu – respondeu Chrysander com semblante austero.

Theron ergueu uma das sobrancelhas.

– Fugiu? Mas como?

– Não sei – retrucou Chrysander frustrado. – Desapareceu. Tenho de encontrá-la.

Theron colocou a mão no ombro de Chrysander e o segurou firme.

– Nós a encontraremos.

– Há algo estranho nesta situação – disse Chrysander com voz fraca. – Algo que não faz sentido. Não consegui ver nenhum sentimento de culpa estampado no rosto de Marley quando ela recuperou a memória. Apenas uma completa devastação, como se tivesse sido ela a ser traída. Ficou tão perturbada que teve de ser sedada e, mesmo em seu torpor, se mostrava extremamente irritada. Marley não está em seu normal. Tenho medo do destino que ela tenha tomado. Seu estado mental está alterado.

– Eu o ajudarei – Theron afirmou em tom de voz tranquilizador. – Não se preocupe. Nós a encontraremos.

MARLEY ESTREMECEU quando se sentou no banco de pedra frio e abraçou o corpo trêmulo. Baixou o olhar aos próprios pés, mas não conseguia se repreender por ter saído no frio sem sapatos ou casaco. Seu único pensamento era se afastar o mais rápido possível. Não poderia encarar Chrysander naquele momento.

Agora sabia por que fora atraída para aquele lugar. Seu ponto de reflexão. Horas antes daquela noite fatídica, havia se sentado ali, temendo a reação de Chrysander à sua gravidez. E tinha razão em temer. Ele não acreditava nela. Não a amava. Abandonara-a à própria sorte com os sequestradores.

Marley se recusava a permitir que as lembranças lhe voltassem à mente. Eram muito dolorosas. Ao menos agora percebia por que escolhera esquecer. Todas aquelas semanas convivendo com o medo enquanto seus sequestradores esperavam que lhes atendessem as exigências haviam empaldecido comparadas à traição de Chrysander recusando-se a atendê-las. Como alguém podia ser tão frio? Não seria capaz de pagar uma quantia ínfima em dinheiro para soltar qualquer pessoa? Até mesmo um completo estranho? Nunca imaginara que ele fosse tão desalmado.

Entretanto aquele homem a mantivera à margem de sua vida, sem um mínimo de consideração. Fora apenas amante dele. Alguém com quem ele saciava sua luxúria e nada mais. Tola fora ela em se apaixonar por Chrysander. Não uma, mas duas vezes.

Um gemido fraco lhe escapou dos lábios e Marley fechou os olhos quando a dor a assolou mais uma vez. Nunca se sentira tão ferida, tão

completamente perdida.

As mãos se fecharam em torno do abdome abaulado e lágrimas que ela julgara congeladas começaram a lhe rolar pelo rosto.

Como Chrysender fora capaz de uma farsa tão desprezível? Deveria saber que em algum momento ela recuperaria a memória e, ainda assim, passara semanas a cortejando, fazendo com que se apaixonasse por ele outra vez. Fingindo lhe ter afeição. E paixão. A pergunta era: por quê?

Teria sido aquilo uma teia milimetricamente urdida para puni-la? Para fazê-la sofrer ainda mais? Nunca imaginara que Chrysender pudesse ser tão cruel, mas aquilo provava apenas o pouco que conhecia do homem a quem se entregara.

Marley permaneceu lá, balançando-se para a frente e para trás. Os braços envolvendo o abdome em um gesto protetor. O vento se tornou mais intenso, fazendo um arrepio lhe percorrer a espinha, mas ela ignorou o desconforto.

– Marley?

O nome foi dito com certa cautela e soou distante. Quando ela ergueu o olhar, um homem se encontrava parado a alguns metros de distância, com olhar preocupado. Marley o reconheceu. Theron. Não era de se admirar que ele tivesse sido tão resistente à ideia de Chrysender se casar com ela. Julgava-a uma ladra, assim como o irmão. Aquilo era mais do que podia suportar.

Marley abraçou o próprio corpo com mais força ainda e baixou o olhar, determinada a esconder as lágrimas.

Theron se agachou diante dela e pousou uma das mãos em seu punho.

– Preciso levá-la de volta, *pedhaki mou*. Não é seguro para você ficar aqui fora – disse ele com voz suave.

Marley se encolheu diante do tratamento carinhoso. Aquele era o apelido que Chrysender usava para se referir a ela e não queria mais escutá-lo. Ela negou com um gesto de cabeça e ergueu a mão como se estivesse se protegendo.

Theron baixou o olhar aos pés descalços de Marley e xingou baixo.

– Está frio e não deveria ter saído descalça. Deixe-me levá-la de volta para casa.

Marley se encolheu com um movimento brusco.

– Não – disse, balançando a cabeça vigorosamente. – Não quero voltar para lá – acrescentou, deslizando pelo banco de pedra. A superfície áspera atritando com o tecido da roupa.

Theron esticou a mão para impedir que ela escapasse.

– Pense no bebê. Deixe-me levá-la de volta. Você está fria.

– Não voltarei para aquele apartamento – disse ela desesperada, levantando-se, pronta para sair em disparada.

Theron a encarou com olhar tristonho.

– Não posso permitir que fuja. Você está obviamente perturbada e não está agasalhada.

Os olhos azuis se encheram de lágrimas.

– Por que se importa? Eu o roubei, lembra-se? Sou apenas a vagabunda que armou uma cilada para o seu irmão e tentou destruir sua empresa – disse ela amargurada.

O olhar de Theron suavizou.

– Se eu prometer não a levar de volta ao apartamento, virá comigo? Não posso deixá-la aqui desse jeito.

Marley oscilou e ele a segurou quando seus joelhos cederam. Theron a ergueu nos braços e se afastou dali.

Marley sentiu o corpo todo tenso.

– Por favor, deixe-me em paz – suplicou.

– Não posso fazer isso, irmãzinha.

– Sou apenas a prostituta do seu irmão – disse ela, permitindo que uma nova onda de angústia a invadisse.

Theron a segurou ainda mais firme.

– *Theos!* Nunca mais repita isso.

Marley girou o rosto, recostando-o ao ombro largo, enquanto grossas lágrimas lhe banhavam os olhos. Ela os fechou e se permitiu flutuar mais uma vez para a inconsciência. Era tão fácil fugir da realidade quando havia

tanto do que queria escapar. Amaldiçoou o momento em que recobrou a memória. Aquilo a havia destruído.

Capítulo 15

CHRYSANDER ADENTROU o Imperial Park Hotel dispensando os funcionários que se apressavam em cumprimentá-lo. As portas do elevador estavam sendo mantidas abertas para que ele entrasse e fosse levado ao último andar. Instantes depois, Chrysander penetrava na suíte luxuosa geralmente reservada aos hóspedes VIP. O irmão o encontrou na sala de estar e ele o encarou com expressão furiosa.

– Por que não a levou de volta ao apartamento? – Chrysander quis saber.

– Ela se tornou histérica à simples menção de voltar para lá – justificou Theron. – Estava disposta a correr o mais rápido e para o mais longe possível. Tive de prometer que não a levaria de volta para a cobertura. – Chrysander soltou um xingamento baixo e fechou os olhos. Em seguida, ergueu a mão e beliscou o nariz em um gesto extenuado. – Ela está à beira de um colapso – prosseguiu Theron. – Traga aquela terapeuta até aqui para conversar com Marley. Talvez ela possa ajudá-la.

Chrysander encarou o irmão com o olhar penetrante.

– Parece preocupado com ela.

– Marley está gerando meu sobrinho. – Os lábios de Theron se contraíram em uma linha fina. – É como você disse. Não há nenhum sentimento de culpa na expressão ou nas ações de Marley. Ela age como se tivesse sofrido a

mais profunda das mágoas. Foi triste vê-la naquele jeito. De repente, queria fazer tudo que fosse possível para protegê-la daquela dor.

– Onde ela está agora? – perguntou Chrysander.

– Dormindo – respondeu o irmão. – Ela adormeceu no caminho para cá e nem se mexeu quando a carreguei pelo elevador e a coloquei na cama.

Chrysander se encaminhou ao quarto, determinado a se certificar de que ela estava segura. Cruzou o aposento imerso em penumbra e estacou ao lado da cama. Mesmo durante o sono, a testa de Marley se encontrava franzida em uma expressão de desespero.

Esticando o braço, ele lhe tocou o rosto e lhe afastou um cacho de cabelos macios para trás da orelha. Marley não se mexeu. O rosto pálido estava recostado contra o travesseiro, emoldurado pelos cachos escuros. Olheiras profundas se destacavam acima das maçãs descoradas do rosto e a vermelhidão das pálpebras deixava claro que ela estivera chorando.

Chrysander sentiu uma pontada de dor aguda no peito diante daqueles sinais de estresse. Enquanto retornava à sala de estar, retirou o celular do bolso para chamar a terapeuta.

Quando terminou, fechou o aparelho e se dirigiu a Theron.

– Onde a encontrou?

Theron lhe entregou um drinque.

– Ela estava em um jardim a alguns quarteirões de seu apartamento. – O irmão exibiu uma expressão pesarosa quando o encarou. – Estava descalça, sem um casaco ou suéter. Parecia perdida, sem se dar conta do que acontecia ao seu redor.

Chrysander praguejou mais uma vez.

– Tem estado assim desde que recuperou a memória. *Theos mou*, não sei o que fazer. – Nunca se sentira tão perdido.

– Ainda crê que Marley seja culpada? – Theron perguntou em tom de voz baixo.

– Não sei – admitiu Chrysander. – Às vezes, penso que isso não importa.

– Dirigiu o olhar ao irmão esperando encontrar censura. Em vez disso, Theron lhe devolveu um olhar compreensivo.

– Quando a vi sentada naquele banco, também achei que não importava – retrucou com voz suave.

A terapeuta chegou alguns minutos depois. Chrysender a colocou a par de tudo que aconteceu desde que haviam chegado a Nova York. Apesar do constrangimento que sentia em expor detalhes tão íntimos para a mulher, queria deixá-la ciente de tudo que fosse necessário para que pudesse ajudar Marley. Ele contou toda a história à terapeuta. Desde o confronto que tivera com Marley, vários meses antes, até o presente.

Para crédito da profissional, ela não esboçou nenhuma reação. Recebeu calmamente as informações e pediu para ver Marley.

– Ela está descansando, mas pode entrar e esperar que ela acorde. Não quero que ela fique ainda mais aborrecida e tente fugir.

A terapeuta anuiu e seguiu Chrysender na direção do quarto. Quando os dois entraram, Marley se mexeu. Chrysender deu um passo para a frente em um gesto automático, mas a terapeuta ergueu a mão para fazê-lo parar.

– Deixe-me conversar com ela – disse em tom de voz suave.

Apesar do desejo de estar perto de Marley, ele anuiu com um gesto breve diante do pedido da terapeuta e girou para se retirar. Porém, não foi muito longe. Saiu do quarto e se encostou à porta, deixando-a entreaberta para que pudesse ouvir o que estava sendo dito.

Seguiu-se um longo período de silêncio, antes de ele ouvir o murmurar de vozes. A princípio, era a terapeuta quem mais falava enquanto a tranquilizava. Após algum tempo, escutou a voz trêmula de Marley e apurou os ouvidos para captar o que ela dizia.

– Fui ao médico no dia em que Chrysender chegaria do exterior. Quando descobri que estava grávida, foi um grande choque. Fiquei preocupada com a reação que ele teria. Queria questioná-lo sobre nosso relacionamento... o que ele sentia por mim.

– Continue. – A terapeuta encorajou.

As perguntas que Marley lhe fizera naquela noite agora faziam sentido, e as próximas palavras o fizeram se encolher.

– Ele me disse que não existia nenhum relacionamento entre nós. Que eu era sua amante. Uma mulher a quem pagava para fazer sexo – Marley

acrescentou com voz fraca. Chrysander teve vontade de protestar. Marchar para dentro daquele quarto e dizer que nunca a considerara alguém a quem ele pagava para fazer sexo. – E então, ele me acusou de... – A voz de Marley morreu, e Chrysander escutou um soluço baixo ecoar no quarto.

– Está tudo bem – tranquilizou a terapeuta.

– Chrysander disse que eu o havia roubado. Que havia me apropriado dos projetos de um de seus hotéis e os entregado a seu concorrente. E me expulsou do apartamento.

– E você os roubou?

– Você é a primeira pessoa que me perguntou isso – disse Marley abatida. Mais uma vez Chrysander se encolheu como se tivessem lhe desferido um golpe mortal. Marley tinha razão. Ele não perguntara. Tudo que fez foi julgá-la e condená-la. – Fiquei perplexa. Ainda não consigo entender. Nunca vi os papéis que ele atirou sobre mim. Não sei por que ele pensou que eu os peguei ou como foi capaz sequer de pensar em um absurdo como esse. – As lágrimas que Chrysander ouvia na voz fraca e magoada tiveram o feito de pequenas adagas se cravando em seu peito. A tensão lhe crescia no íntimo até pensar ser capaz de explodir. Uma sensação horripilante lhe percorreu a espinha. O que fizera? – E então...

Mais uma vez Marley se calou vencida pelos soluços. Seguiu-se outro silêncio prolongado, no qual a terapeuta sussurrou palavras tranquilizadoras.

– Conte-me o que aconteceu a seguir.

– Saí do apartamento, mas sabia que teria de voltar no dia seguinte, depois que Chrysander se acalmasse para chamá-lo à razão e lhe dizer que estava grávida. Achava que se tivesse a chance de conversar com ele, faria com que reconhecesse o erro que estava cometendo.

– E o que aconteceu? – perguntou a terapeuta com voz suave.

Chrysander pressionou o corpo tenso à porta, fervilhando em expectativa.

– Um homem colocou um saco sobre a minha cabeça e me forçou a entrar em um carro. Fui levada para algum lugar da cidade e informada de que permaneceria refém até que pagassem o resgate. Fiquei aterrorizada. Estava

grávida e tive medo que fizessem algum mal a mim ou ao meu bebê. – As mãos de Chrysender se cerraram em punhos enquanto lutava contra a raiva que se erguia dentro dele. – Eles fizeram duas propostas de resgate – sussurrou Marley. – Chrysender recusou as duas. Deixou-me lá. Oh, Deus! Ele me deixou nas mãos daqueles homens. Eu não valia nem mesmo meio milhão de dólares para ele. – Soluços emergiram da garganta de Marley e se transformaram em pranto.

Chrysender se viu paralisado pela incredulidade. Mãe de Deus! Nunca havia recebido nenhum pedido de resgate. Nunca! Sentiu uma golfada de fêlhe subir à garganta. Girando, recostou a testa à parede e ergueu o punho cerrado para pousá-lo a alguns centímetros de distância da cabeça. Sentiu a umidade no rosto, mas não fez nenhum movimento para limpar as lágrimas.

Instantes depois, a terapeuta saiu do quarto e ergueu o olhar para encará-lo. Chrysender esperava ver condenação, mas encontrou apenas compaixão no semblante da mulher.

– Eu a sedei. Ela estava quase histérica. Marley precisa descansar acima de qualquer outra coisa. A realidade que se apresenta diante dela é muito dolorosa, portanto ela recua. Esse mesmo instinto de autopreservação é que induziu a amnésia. Agora, que não possui mais esse recurso protetor, está lutando para lidar com tudo isso da forma que encontra. Seja gentil e compreensivo com ela. Não a pressione muito. – A mulher lhe deu palmadas leves no braço enquanto se afastava. – Telefone-me se precisar de mim. Virei imediatamente.

– Obrigado – respondeu Chrysender com voz rouca.

Quando a terapeuta partiu, ele se deixou afundar no sofá da sala de estar.

– Deus do céu! – exclamou desolado.

– Eu ouvi – disse Theron com expressão pesarosa.

– Ela nunca roubou nada. – Chrysender fechou os olhos e passou uma das mãos pelos cabelos. – *Theos!* Nunca recebi nenhum pedido de resgate. Marley pensa... pensa que a deixei à mercê daqueles animais, que a detestava a ponto de me recusar a pagar meio milhão de dólares para que a libertassem.

Theron colocou a mão sobre o ombro de Chrysander em um gesto confortador.

– Temos muito o que investigar.

Chrysander anuiu. Os pensamentos se aprofundando enquanto deixava de lado a angústia produzida pelas revelações de Marley e se forçava a repassar os eventos daquela noite na cabeça.

Quando a percepção o atingiu, se mostrou tão assustadoramente clara que o fez se amaldiçoar por não ter juntado as peças do quebra-cabeça antes. Estava tão furioso, tão ferido com o que considerara ser uma traição de Marley!

– Roslyn – disse conciso.

Theron ergueu uma das sobrancelhas.

– Sua assistente?

– Ela esteve na cobertura pouco antes de eu encontrar os papéis na bolsa de Marley. Roslyn deve tê-los plantado lá.

Outro pensamento lhe ocorreu. Um que o deixou nauseado. Qualquer pedido de resgate seria feito para seu escritório. Suas residências eram mantidas em sigilo total. Marley afirmara que ele ignorara os pedidos de resgate, mas agora percebia que tais pedidos deveriam ter sido entregues e interceptados. Por Roslyn.

Chrysander se ergueu e girou para encarar o irmão.

– Fique aqui com Marley. Certifique-se de que ela não saia daqui e que seja bem cuidada. Enviarei um médico para examiná-la.

Theron também se levantou.

– Para onde está indo, meu irmão?

– Descobrir se o que suspeito é verdade – retrucou ele em um tom de voz baixo e letal.

– Espere! – Chrysander estacou e voltou a encarar Theron. – Deveria chamar a polícia. Se a confrontar e ela confessar, de nada adiantará. Apenas você saberá.

Chrysander cerrou os punhos pela frustração, mas sabia que o irmão estava certo. Não queria que Roslyn escapasse impune depois do que fizera.

Ele poderia lhe tornar a vida um inferno, mas ainda assim ela estaria livre. Queria justiça.

CHRYSANDER CAMINHAVA de um lado para o outro no confinamento do seu escritório em Nova York enquanto esperava Roslyn chegar. Não queria estar ali. Desejava estar ao lado de Marley. Theron ficara com ela, e ele fervilhava impaciente. O estado de Marley não se alterara. Mesmo quando acordara, se mostrara distante, desfocada, não parecendo estar ali. Era como se ela tivesse se retirado para um lugar onde ele não pudesse mais feri-la.

Chrysander fechou os olhos e tentou se focar na tarefa que tinha pela frente. Quando ouviu Roslyn entrar, enrijeceu a coluna. Era tudo que podia fazer para não gritar com ela ou lhe quebrar o pescoço fino. Recorreu a todo seu estoque de forças para injetar um sorriso nos lábios e agir como se nada estivesse errado, como se não odiasse até mesmo o chão que aquela mulher pisava.

– Queria falar comigo? – Roslyn perguntou ofegante.

– Sim – murmurou Chrysander, deixando o olhar lhe percorrer o corpo de modo sugestivo, mesmo enquanto tinha calafrios de repugnância.

Os olhos da assistente se iluminaram e ela logo adotou uma postura sensual.

– Só agora percebi até onde foi para atrair minha atenção – disse ele com uma risada abafada. – As mulheres costumam dizer que os homens são obtusos, mas acho que me excedi nessa categoria.

A confusão se estampou no rosto de Roslyn, mas ela se esforçou para manter um semblante inocente. Não poderia saber a que ele estava se referindo, mas em breve tudo ficaria muito claro. Chrysander observou a linguagem corporal da assistente. Os olhos eram as janelas da cretina desalmada que era.

– Por que simplesmente não disse que me queria? – perguntou ele com voz sensual. – Isso teria nos poupado muitos problemas. Em vez disso, fiquei preso a um relacionamento que não queria, embora aprecie seus esforços para me livrar dele. – Roslyn relaxou e um sorriso frio lhe curvou os lábios.

Era estranho, mas Chrysander nunca se dera conta de como aquela mulher era repulsiva. – Como planejou isso tudo? – perguntou com voz sedosa.

Chrysander escutou, horrorizado, enquanto a assistente relatava tudo que fizera para fazer parecer que Marley roubara os projetos. O sequestro havia sido um bônus, mas, quando o pedido de resgate chegou ao escritório, vira a oportunidade de se livrar de Marley de uma vez por todas.

Estava tão ansiosa em provar sua devoção a Chrysander que não percebeu que admitira ter vendido os projetos para o concorrente.

– Então, você roubou os projetos e os entregou a Marcelli. – A voz de Chrysander tinha a temperatura de um iceberg e ela se encolheu diante daquele tom. O rosto empalideceu quando percebeu o que acabara de confessar. – E então incriminou Marley, pensando que não apenas lucraria vendendo meus projetos para o concorrente, como se livraria de Marley para que pudesse ocupar seu lugar. – A boca de Roslyn se abriu e fechou e Chrysander percebeu que a assistente se dera conta de que ele a induzira a confessar e que estava furioso. – Depois, quando os pedidos de resgate chegaram ao meu escritório, você os destruiu esperando o quê, Roslyn, que eles a matassem? Que a removessem permanentemente do cenário?

A raiva o fazia tremer. Roslyn não passava de uma névoa vermelha diante de seu olhar irado. Tudo que Chrysander conseguia ver era Marley, sozinha e assustada. Esperando um filho seu e vulnerável. Pensando não só que ele a odiava, mas que também a abandonara. Tinha vontade de chorar.

Roslyn pareceu se recompor e o encarava com olhar sarcástico.

– Você nunca conseguirá provar isso.

– Não preciso – retrucou em tom de voz suave, pressionando o pequeno botão do interfone em sua mesa. – Pode entrar, detetive.

Roslyn oscilou quando três policiais entraram na sala, com expressões austeras.

– Não pode fazer isso! – grasniou ela. – Eu o amo, Chrysander. Seria capaz de qualquer coisa por você.

Com um movimento negativo de cabeça, Chrysander lhe virou as costas enquanto ela era escoltada para fora do escritório, com as mãos algemadas.

Não queria ouvir o que aquela mulher dizia. Tudo que desejava era voltar para junto de Marley.

– Desculpe-me, *agape mou* – sussurrou ele.

MARLEY ESTAVA levemente ciente de estar sendo carregada nos braços outra vez. Não por Chrysender. Estava intimamente familiarizada com seu toque para saber que não se tratava dele. Por um instante, entrou em pânico, mas depois ouviu palavras confortadoras em grego e em inglês.

– Relaxe, irmãzinha. Você está segura.

– Para onde estamos indo? – perguntou ela com voz fraca.

– Para um lugar seguro – respondeu ele com voz suave. – Chrysender não permitirá que nada de mal lhe aconteça.

Marley teve vontade de protestar, dizer que Chrysender não seria capaz de fazer nada por ela, mas não conseguia reunir forças. Em algum momento, ouviu a voz de Chrysender e amaldiçoou o fato de se sentir imediatamente segura e ter o pânico suavizado.

Sentiu o roçar de lábios contra sua testa e, em seguida, mãos firmes a acomodando na cama. Dedos lhe acariciaram os cabelos e a envolveram em um casulo de calor reconfortante.

– Você está segura, *agape mou*. Nunca mais permitirei que ninguém lhe faça nenhum mal.

– Não me chame assim – gritou ela. – Nunca mais. – Ainda assim, Marley se apegou à promessa de Chrysender, mesmo que o coração gritasse em protesto. Aquele homem mentira para ela. Não podia acreditar em nada que ele dissesse. Mas mesmo contra sua vontade, se sentiu relaxar e imergir em um sono sem sonhos.

QUANDO MARLEY tornou a acordar, sentiu o cérebro aguçado, como não acontecia desde que recobrou a memória. A névoa que lhe cobria a mente se dissipara. Aquilo era bem-vindo, embora praguejasse contra aquele estado de consciência ao mesmo tempo. A confusão havia evaporado, mas com aquela nova clareza veio a inevitável tristeza.

Sentia-se alerta como se tivesse dormido durante uma semana. E talvez tivesse. Não tinha noção do tempo que se passara. Embora seu passado não fosse mais um mistério, os eventos dos últimos dias se encontravam fragmentados.

Com um suspiro relutante, Marley afastou as cobertas e atirou as pernas para fora da cama. Quando olhou ao redor, percebeu que não tinha noção de onde estava. O quarto era espaçoso e agradável, com várias janelas que permitiam a entrada da luz natural.

Marley se ergueu e caminhou em direção ao banheiro da suíte, os olhos se arregalando diante do tamanho e da suntuosidade. Observou a banheira de hidromassagem com olhar cobiçoso. Embora não soubesse quantos dias haviam se passado, pois tudo se encontrava envolto em um borrão, tinha certeza de que não tomava banho havia algum tempo e mal podia esperar para se sentir limpa e refrescada.

Apoiando o pé no degrau que dava para a banheira, inclinou-se para a frente e girou a torneira para enchê-la de água. Quando ergueu o olhar, se deparou com Chrysander parado à soleira da porta e um arquejo lhe escapou da garganta.

Projetando-se imediatamente para a frente, ele lhe segurou o braço para equilibrá-la.

– Desculpe-me se a assustei, *pedhaki mou*. Não era essa minha intenção. Fiquei preocupado quando vim ver como estava e não a encontrei na cama.

– Queria apenas tomar um banho – retrucou em voz baixa.

– Não quero que fique aqui sozinha – disse ele. – Pedirei a srta. Cahill para vir até aqui, portanto se precisar de alguma coisa, basta chamá-la.

Marley fechou os olhos por um instante e inspirou profundamente.

– Por favor, basta de mentiras entre nós. Não há necessidade de fingir que sou importante para você...

A desolação se estampou nos olhos âmbar, e o rosto bronzeado adotou uma coloração acinzentada.

– Você é muito importante para mim, *agape mou*.

Antes que ela pudesse responder, Chrysander se retirou do toalete e, dentro de instantes, Patrice entrou. Em questão de minutos, Marley se

encontrou despida e acomodada na banheira aquecida. Não muito quente, assegurou Patrice, pois banhos muito quentes não faziam bem para mulheres grávidas.

Quando emergiu sob as bolhas fragrantes, Marley recostou-se à lateral da banheira e ergueu o olhar a Patrice.

– Onde estamos? E como cheguei aqui? Pensei que você estava em Atenas com o dr. Karounis.

– O sr. Anetakis pediu para que eu voltasse para tomar conta de você – revelou a enfermeira em tom tranquilizador. – Parecia desesperado. A ideia de retornar àquele apartamento a aborrecia tanto que ele resolveu trazê-la para cá.

– E que lugar é este? – Marley quis saber.

– A casa dele – informou Patrice paciente. – Estamos a mais ou menos uma hora da cidade. Aqui é mais calmo e silencioso. Ele achou que você gostaria.

Lágrimas enevoaram a visão de Marley. E ela pensara não ter mais lágrimas para derramar! Não sabia que Chrysander possuía uma casa fora da cidade. Assim como a ilha, aquele era mais um lugar em que nunca estivera durante todo o tempo em que se relacionara com ele. Mais uma prova de que nunca ocupara um lugar importante na vida de Chrysander.

– Ele está muito preocupado com você – disse Patrice com o semblante se suavizando pela compaixão. – Todos estamos.

Marley negou com a cabeça. Chrysander a detestava. Nunca a amara, e ela fora tola demais para não perceber isso.

– O que farei? – sussurrou ela para ninguém em particular. Fora uma idiota em ter aberto mão de seu apartamento, emprego e todos os meios de que disponha para cuidar de si mesma quando fora morar com Chrysander. Estivera cega demais pelo amor e pela certeza de que teria um futuro com ele.

– Está na hora de sair da banheira – disse Patrice em tom de voz gentil. – Precisa se secar para descer e comer.

Marley permitiu que a enfermeira a paparicasse. Patrice a secou e a vestiu com uma calça comprida confortável e uma blusa de gestante. Marley

acariciou o ventre abaulado e sussurrou um pedido de desculpas ao filho ainda não nascido. Não podia se dar ao luxo de colapsar. Seu bebê dependia dela.

Chrysander estava esperando quando ela saiu do quarto. Sem nada dizer, ele lhe segurou o cotovelo e a ajudou a descer a escada. Marley permitiu, muito entorpecida para protestar. Ela também optou pelo silêncio. As emoções se encontravam muito conturbadas para tentar ter uma conversa sensata.

Os dois se acomodaram em uma pequena mesa que dava vista para um jardim meticulosamente cuidado. A luz clara da manhã incidia através das portas de vidro e ela se sentiu aquecida pelos raios de sol.

Chrysander pousou um prato abarrotado de comida em frente a ela e se acomodou na cadeira oposta. Marley buliu no garfo e começou a afastar a comida de um lado para o outro do prato, evitando-lhe o olhar.

Quando ele suspirou, Marley ergueu o olhar para encontrá-lo a observando. A expressão do belo rosto sombria como se tivesse passado por um verdadeiro calvário. Ela quase soltou uma risada diante do absurdo daquele pensamento. Mas para seu horror, sentiu ardência nos olhos e o rosto de Chrysander começou a embaçar.

– Temos de conversar. Há muita coisa que quero lhe dizer. – A voz grave soava estranhamente estrangulada. – Mas antes tem de se alimentar para recuperar as forças. Sua saúde e a de nosso filho vêm em primeiro lugar.

Marley baixou a cabeça, recusando-se a lhe sustentar o olhar por mais tempo. Concentrou-se em comer e logo percebeu que estava de fato com fome.

Marley estava tomando o último gole de suco, quando ouviu uma porta se fechando a distância e, em seguida, os passos determinados de alguém pelo chão. Ela se virou para ver Theron entrar na sala, com expressão séria.

Antes que ele pudesse dizer qualquer coisa, Chrysander cravou o olhar no irmão e disse com a rigidez do aço na voz:

– Seja o que for, pode esperar até que Marley termine a refeição.

Theron lançou um olhar preocupado na direção dela e anuiu em concordância com o irmão. A raiva fez a garganta de Marley se contrair. O

que quer que desejassem conversar, era óbvio que não pretendiam discutir na frente dela. Mas por que o faziam? Achavam que ela era a pessoa que os havia roubado.

Marley se ergueu em um impulso e atirou o guardanapo na mesa. Sem dizer nenhuma palavra, girou e se retirou.

– Marley, não vá – protestou Chrysander.

Virando-se, ela lhe dirigiu um olhar furioso.

– Fiquem à vontade para conversar. Detesto atrapalhar. Afinal, alguém que o roubou e traiu sua confiança não é digno de escutar sua conversa.

– *Theos*, não se trata disso. Marley? Espere, droga! – Mas ela o ignorou e seguiu em frente. Chrysander a observou partir e soltou um xingamento. Sentia-se estrangulado pela impotência. Como poderia esperar que tudo se resolvesse entre os dois? Girou na direção de Theron, que também a observava se retirar e franziu a testa. – O que o trouxe aqui com essa urgência? – perguntou.

Theron enfiou a mão no bolso do paletó e de lá retirou um jornal dobrado. Em seguida, o atirou sobre a mesa em frente a Chrysander.

– Isso.

Chrysander o desdobrou e xingou em quatro idiomas. A primeira página estampava Marley sendo carregada por Theron no dia em que fugira do apartamento. Logo abaixo, estavam as fotos dele e de Roslyn com uma reportagem que detalhava cada faceta da saga dramática de seu relacionamento com Marley.

Chrysander atirou o jornal longe.

– Isso foi obra de Roslyn. Nenhum dos meus homens falou com a imprensa.

Theron anuiu em concordância.

– Como fez com que fosse presa por roubo e pela fraude de interceptar os pedidos de resgate, Roslyn deve ter pensando que não tinha nada a perder e tudo a ganhar dando ao público sua versão do suposto relacionamento entre vocês dois.

Chrysander se deixou afundar na cadeira e descansou os cotovelos sobre a mesa.

– Amaldiçoo o dia que contratei aquela mulher. Marley poderia ter morrido por causa da minha estupidez.

– Você a ama.

Aquela não era uma pergunta e Chrysander não a tratou como tal. Era simplesmente a constatação de um fato. Ele a amava, mas conseguira acabar com o amor de Marley não uma, mas duas vezes.

Chrysander anuiu e enterrou o rosto nas mãos.

– Não a culparia se ela nunca me perdoasse. Como Marley poderia se nem mesmo eu me perdoar?

– Vá falar com ela. Conserte as coisas entre vocês.

Chrysander se levantou. Sim. Estava na hora de tentar acertar as coisas com Marley. Se isso fosse possível.

Capítulo 16

MARLEY SE encontrava parada diante da janela do quarto, com o olhar perdido. Àquela altura, nada que Chrysander fizesse deveria feri-la, mas aquele homem ainda exercia tal poder sobre ela.

– Marley.

Girando, ela se deparou com Chrysander parado à soleira da porta. Parecia cansado. As feições abatidas e os olhos preocupados. Havia algo mais naquela expressão. Tristeza e... medo?

Chrysander entrou no quarto um pouco hesitante.

– Precisamos conversar.

Marley sentiu a tensão crescer e, em seguida, se preparou para o que sabia que viria. O repúdio de Chrysander. Ela desviou o rosto, mas anuiu. Sim, precisavam conversar e colocar um fim naquilo.

Os dedos longos pousaram sob seu queixo, antes de ele gentilmente lhe virar o rosto para que o encarasse.

– Não fique assim, *agape mou*. Não gosto de vê-la triste.

– Por favor – suplicou ela. – Apenas diga o que quer. Não prolongue mais isso.

Chrysander baixou a mão para lhe capturar o punho. O polegar lhe roçando a pulsação que acelerou diante daquele toque.

Marley permitiu que ele a guiasse até a cama. Chrysander a sentou e se acomodou ao seu lado. O corpo enrijecido e a postura gritando aflição. De repente, ela não queria esperar para ouvir o que Chrysander tinha a dizer. A raiva em ebulição dentro dela.

– Você mentiu para mim – começou ela. – Tudo que me disse desde aquele dia no hospital foi uma mentira atrás da outra. Você não gosta de mim. Todas as coisas que disse não passaram de mentiras. Quando me levava para a cama, me desprezava, mas ainda assim fez amor comigo e me fez acreditar que se importava comigo. Que tipo de pessoa age dessa forma? – Marley estremeceu e levou as mãos ao rosto.

– Está errada – retrucou Chrysander com voz suave, afastando-lhe as mãos e levando uma delas aos lábios para lhe beijar a palma. – Gosto muito de você. Não a desprezava quando fazíamos amor. Sim, menti sobre os detalhes. Orientaram-me para não fazer ou dizer nada que a aborrecesse até que recuperasse a memória. Eu menti, mas sobre coisas pequenas. Não sobre as importantes. Como, por exemplo, o quanto gosto de você. *S'agapo, pedhaki mou.* – Marley baixou a cabeça, sentindo as lágrimas lhe queimarem os olhos. Como queria acreditar nele. No entanto, Chrysander não fizera nada para merecer sua confiança. – Errei muito com você. – Marley ergueu a cabeça, encarando-o com expressão chocada. Aquele homem admitindo que errou? Vergonha e uma dor profunda desbotavam os olhos âmbar. – Há coisas que deve saber. Nunca recebi nenhum pedido de resgate. Eu teria movido céus e terras para libertá-la. Nenhuma quantia seria alta o suficiente. Não sabia que você havia sido sequestrada.

O queixo de Marley pendeu.

– Como poderia não saber?

Os olhos de Chrysander se tornaram conturbados.

– Roslyn destruiu os bilhetes com os pedidos de resgate. Estava certa em não gostar dela e, por ter ignorado sua intuição em relação à minha assistente, eu a coloquei em grande perigo.

A mente de Marley parecia arrastada em um redemoinho diante de tudo que ele lhe dissera. Ergueu uma das mãos trêmulas e a levou à boca. Chrysander não recebera os pedidos de resgate?

– Pensei... – Ela se calou e fez um movimento negativo com a cabeça, sufocada pela emoção.

– O que pensou, *agape mou?* – perguntou ele, com voz suave.

– Que você me odiava – sussurrou ela. – Que não queria pagar o resgate porque pensava que eu o havia roubado. Que eu não valia nem mesmo meio milhão de dólares.

Chrysander gemeu e a puxou para seus braços. As mãos longas tremiam enquanto lhe acariciavam as costas.

– Eu sou um tolo. Estava errado em acusá-la como fiz. Não há defesa para a minha atitude.

Marley recuou e ergueu o olhar para encará-lo.

– Não acredita que eu o tenha roubado?

Chrysander negou com um gesto veemente de cabeça.

– Não. Foi Roslyn. Ela plantou aqueles papéis em sua bolsa para me fazer acreditar que era você. – Chrysander fez uma pausa e passou uma das mãos pelos cabelos. – Embora pensando que você havia roubado minha empresa, isso pareceu não ter mais importância depois de seu sequestro. Tudo que me importava era tê-la de volta ao seu lugar. Ao meu lado. – Os lábios se comprimiram. – Naquela noite, quando me questionou sobre nosso relacionamento... eu fiquei assustado. – Marley ergueu uma das sobrancelhas. A ideia de assustar Chrysander era hilariante. – Pensei que estava se sentindo infeliz. Que quisesse mais do que eu lhe estava dando – admitiu ele. – E depois fiquei ainda mais irritado porque aquilo me assustou. Estava decidido a não permitir que você determinasse nosso relacionamento, portanto a afastei, afirmando que não tínhamos um, que você não passava de uma amante.

O coração de Marley disparou diante da vulnerabilidade estampada naquele belo rosto másculo. Sentiu um aperto no peito e à medida que a pulsação acelerava, mais difícil se tornava oxigenar os pulmões.

– O que está dizendo? – sussurrou ela.

– Que eu a amo, *pedhaki mou. S'agapo.* – Os olhos azuis se arregalaram quando ela percebeu o que as palavras que Chrysander dissera significavam. Marley se viu incapaz de formular uma resposta, portanto limitou-se a

encará-lo em estado de choque. – Tenho um péssimo modo de demonstrar isso – disse ele, escarnecendo de si mesmo. – Era orgulhoso, muito orgulhoso para confessar meus sentimentos. Nem mesmo os conhecia. Sabia apenas que não queria que você partisse e fiquei com raiva por pensar que estava insatisfeita com nosso relacionamento. E então, quando vi aqueles papéis em sua bolsa, tomei um choque e fiquei furioso. Não podia acreditar que você tivesse sido capaz de me roubar.

– Mas acreditou – argumentou Marley pesarosa.

Chrysander desviou o olhar. A dor lhe contraindo as feições.

– Eu estava com raiva. Nunca senti tanta raiva. Pensei que havia me usado para ajudar meu concorrente. Por isso a mandei embora. – Ele passou uma das mãos pela nuca. – E Deus me ajude! Eu a entreguei direto nas mãos daqueles sequestradores.

Marley fechou os olhos, não querendo recordar o medo e o desespero que experimentou durante o cativeiro. Embora tivesse recuperado a memória, aquela parte ainda se encontrava enevoada. Talvez a tivesse bloqueado para sempre.

– Você me *ama*? – Marley ainda estava presa àquelas palavras. O restante da conversa estava meio confuso e ela se fixava naquela declaração.

Mais uma vez Chrysander a puxou para os braços, envolvendo-a como uma delicada peça de cristal.

– Não soube demonstrar isso, mas eu a amo de verdade. Quero uma chance para provar meu amor. Quero que se case comigo. Por favor.

Confusa, Marley fez um gesto negativo com a cabeça diante da súplica humilde.

– Ainda quer que eu me case com você?

Chrysander a pressionou contra o corpo até encostar os lábios na testa delicada.

– Não precisa responder agora. Sei que disse muitas coisas que a chocaram. Mas me dê uma chance. Prometo-lhe que não se arrependerá. Farei com que volte a me amar. Nunca mais vou negligenciar seu sentimento precioso como fiz.

Marley estava convencida de que havia enlouquecido. Finalmente perdera a sanidade. Chrysander a segurava nos braços, declarando seu amor e desejando que se casasse com ele. Dessa vez, para valer. Sem fingimentos. Sem mentiras ou meias verdades entre os dois.

Gentilmente, ele a afastou e depositou um beijo suave em seus lábios.

– Pense nisso, *agape mou*. Esperarei o tempo que for preciso por sua resposta.

Chrysander se ergueu como se lhe sentisse a necessidade de ficar sozinha e se encaminhou à porta, estacando apenas para lhe voltar um último olhar, antes de desaparecer de vista.

Marley permaneceu sentada por um longo tempo, com o olhar pregado na agora vazia soleira da porta. As mãos tremiam e o peito se comprimia. Ele a amava? Roslyn plantara os papéis incriminatórios em sua bolsa e depois destruía os pedidos de resgate?

Um tremor lhe varou o corpo. A assistente de Chrysander a odiaria a tal ponto? Ou apenas desejava o patrão desesperadamente? Talvez os dois. Ou talvez Roslyn estivesse trabalhando para o concorrente de Chrysander durante todo o tempo.

Os acontecimentos dos últimos dias ainda pesavam sobre ela. Não podia simplesmente esquecer tudo porque ele lhe pedira desculpas e lhe oferecera seu amor e um casamento, certo? Nem mesmo pudera reciprocitar aquela declaração, porque Chrysander não acreditaria se lhe dissesse isso agora.

Marley suspirou e se deitou de lado, encolhendo os joelhos até que lhe tocassem o abdome. Estava tão cansada! Desgastada, tanto física quanto emocionalmente. Acariciou a barriga, sorrindo quando o filho se mexeu e chutou sob seus dedos.

– O que devo fazer? – sussurrou. Temia dedicar seu amor a Chrysander outra vez. Mas também a assustava a ideia de ficar sem ele. Por mais estrago que aquele homem havia lhe causado ao coração, experimentava uma dor profunda só de pensar em deixá-lo.

Marley fechou os olhos por um breve instante. A exaustão transbordava por todos os seus poros. Não podia tomar uma decisão tão importante em

questão de minutos. Havia muita coisa em jogo. Tinha um filho para levar em consideração. E a si mesma.

NOS DIAS que se seguiram, Chrysander lhe satisfez todas e quaisquer necessidades. Ele a mimava, a enchia de atenções e se esmerava nos cuidados com Marley. Repetia incessantemente que a amava, embora mantivesse uma distância respeitável entre ambos.

Ao que parecia, Chrysander se sacrificava ao máximo para não a pressionar em nenhum sentido. Não era capaz de usar a paixão eletrizante que existia entre os dois para persuadi-la e Marley se sentia grata por isso.

Dois dias depois de Chrysander a pedir em casamento, os dois irmãos vieram visitá-los. Marley tentou se retirar pensando em deixar que os três discutissem seus negócios à vontade, mas, para ser sincera, ainda se sentia constrangida e envergonhada na presença dos dois, embora nada tivesse feito para merecer qualquer censura.

Entretanto, era com ela que os dois irmãos desejavam falar, e Marley encarou, confusa, os semblantes sérios à sua frente.

– Agimos de maneira imperdoável com você, irmãzinha – disse Theron.

Piers anuiu em concordância.

– Compreenderemos se nunca nos perdoar. Fomos grosseiros. Não há defesa para o modo como a tratamos, principalmente quando está esperando um sobrinho nosso.

O sentimento de culpa e o arrependimento era patente nas duas expressões, mas Marley não tinha ideia do que dizer para aliviar a situação.

Theron deu um passo à frente, pousou as mãos com suavidade nos ombros de Marley e lhe deu um beijo de cada lado do rosto. Quando recuou, foi a vez de Piers fazer o mesmo.

Marley relanceou o olhar a Chrysander, percebendo a expressão séria em seu olhar. O rosto estava abatido e parecia mais fino, como se tivesse perdido peso. Parecia... infeliz. Não se tratava de culpa, embora a atmosfera estivesse repleta daquele sentimento. Dava a nítida impressão de ter perdido a única coisa que lhe importava.

Ela?

O pensamento quase a paralisou. Marley exibiu um sorriso trêmulo para Theron e Piers e, em seguida, se desculpou, quase correndo na pressa de se retirar daquela sala.

Escancarou a porta que dava para o pátio e recebeu de bom grado o ar frio que a recepcionou. Inspirou várias vezes, tentando acalmar as emoções conturbadas.

A mente passou por todos os sentimentos que a invadiram nos últimos dias. Traição. Haviam mentido para ela. Marley impediu a progressão daqueles pensamentos, porque agora imaginava se Chrysander realmente havia mentido sobre seus sentimentos.

A aparência dele refletia o modo como ela se sentia. Perdida. Ambos estavam obviamente feridos. Se Chrysander a odiasse de verdade, por que teria se dado ao trabalho de representar um papel tão elaborado quando ela perdera a memória? Por que sentira qualquer obrigação em relação a alguém que o havia roubado?

– Está esperando um filho dele – murmurou ela. E, sim, tinha ideia do quanto a mãe de um filho de Chrysander seria digna de cuidados, mas por que ele não fizera o que Theron sugerira e a colocara simplesmente em um apartamento qualquer? Por que a paparicara, fizera amor com ela, agira como se gostasse dela?

De fato a amava? Tal declaração lhe devia ter sido muito custosa. Chrysander não era um homem inclinado a dar voz aos próprios sentimentos. Durante todo o tempo em que estiveram juntos, antes do sequestro, ele nunca lhe revelara nenhum deles. Mas demonstrara de muitas formas que gostava dela.

Podia voltar a confiar em Chrysander? Tal pensamento a assustava e ao mesmo tempo lhe oferecia certa paz. A escolha seria dela. Ela determinaria o próprio futuro.

Mesmo enquanto as opções se alternavam na mente de Marley, ela sabia o que faria. Tinha plena ciência do que queria, mesmo sabendo que talvez não fosse a melhor escolha. O coração nem sempre fazia a escolha mais sábia, pensou com expressão pesarosa.

Ainda assim, descobriu-se entrando na casa e indo à procura de Chrysander. A preocupação lhe dava um nó nas entranhas, mas ela sabia que estava tomando a decisão certa, mesmo que não lhe parecesse tão certa assim no momento.

Marley o encontrou na sala onde o deixara, olhando pela janela com um drinque na mão. Os irmãos haviam partido e o silêncio tornava a atmosfera pesada. Ela estacou por um instante, reunindo coragem. Chrysander tinha a aparência de quem não dormia havia dias. A calça comprida estava amarfanhada e as mangas da camisa enroladas até os cotovelos. A sombra de uma barba lhe escurecia a mandíbula e os cabelos estavam desgrenhados.

Ainda assim, era extremamente desejável. Marley teve ímpetos de cruzar a sala em disparada e se atirar naqueles braços fortes. Queria que ele a abraçasse e lhe dissipasse os medos e as dúvidas. O nó que sentia na garganta se agigantou e Marley soube que tinha de falar naquele momento ou arriscar não ser mais capaz.

– Chrysander – chamou em tom de voz suave.

Girando, ele pousou o drinque e se precipitou na direção dela.

– Você está bem, *agape mou*? Há algo que eu possa fazer por você? Desculpe se meus irmãos a aborreceram.

Marley tentou soltar uma risada, mas o som terminou em um soluço. Respirou profundamente e tentou se recompor.

– Eu me casarei com você.

Labaredas escuras faiscaram nos olhos âmbar, tornando-os da cor de ouro velho. As mãos fortes seguraram os ombros de Marley enquanto ele a encarava.

– É verdade? – perguntou com voz rouca. Marley anuiu. Chrysander fechou os olhos e, em seguida, a puxou contra o corpo. Por um longo instante, apenas a abraçou. Em seguida, deu um passo atrás, e a olhou nos olhos. – Está falando sério? Você se casará comigo?

Marley umedeceu os lábios em um gesto nervoso.

– Quero uma cerimônia discreta. Sem festejos. O mais reservada possível. Chrysander anuiu e lhe segurou o queixo.

– Tudo que você quiser.

– E quero... – Marley desviou o olhar e prendeu o lábio inferior entre os dentes.

– O que você quer, *agape mou*? Diga-me. Não há nada que eu não faça por você. Tudo que tem a fazer é pedir.

– Não quero ficar aqui – disse ela em tom de voz calmo. – Gostaria de voltar para a ilha. – Marley cerrou os punhos com tanta força, que as juntas dos dedos se tornaram esbranquiçadas.

A expressão de Chrysander suavizou e ele cobriu a mão delicada com a dele, abrindo-lhe os dedos e os entrelaçando aos seus.

– Voaremos para lá assim que nos casarmos.

O alívio teve um efeito calmante nas veias de Marley.

– Está falando sério? Não se importa?

– Sua felicidade é tudo para mim. Pediu algo tão simples. Como não lhe satisfazer a vontade? Tornarei aquela ilha nosso lar se for esse o seu desejo.

Marley anuiu.

– Isso me agradaria.

– Então, tomarei as providências imediatamente.

CHRYSANDER NÃO perdeu tempo em finalizar os preparativos para o casamento e organizar a viagem para a ilha. Sozinho, rearranjou sua agenda de trabalho, providenciou para que tudo que Marley precisasse fosse comprado, embora já tivessem comprado o vestido de noiva. Marley não pôde deixar de se admirar com tudo que ele providenciara em tão pouco tempo.

As autoridades a interrogaram agora que ela recuperara a memória e Marley teve de passar várias e exaustivas horas fornecendo-lhes os detalhes que conseguia se lembrar. Os sequestradores não a haviam machucado e mostraram até mesmo um pouco de consideração quando sua gravidez ficou evidente. Eles a haviam observado, sabendo que era próxima a Chrysander e a atacaram quando surgiu oportunidade. Optaram por uma quantia modesta para o resgate, esperando consegui-la sem muito alarido. Quando viram que não conseguiriam seu intento, abortaram o plano do sequestro e tomaram providências para que Marley fosse encontrada. O fato de saber

que Chrysander ignorara o pedido de resgate fora a gota d'água que transbordara o copo. Fora naquele momento que Marley bloqueara seu passado, tão abalada ficara com aquela traição. A emoção devastadora a levava à amnésia. O medo de ser abandonada pelos sequestradores, o terror de ser deixada sozinha, sem ter para onde ir ou ninguém a quem recorrer.

Marley ficara transtornada durante o relato e Chrysander sofreu a agonia de ser confrontado com tudo que ela havia passado. Por sua causa, pensou ele. Durante todo o depoimento, ele se manteve ao lado dela em atitude protetora e pediu que parassem quando percebeu que Marley não poderia mais suportar.

A polícia ficou de posse dos contatos de Chrysander para que a chamassem caso fizessem prisões ou necessitassem de seu testemunho.

Dois dias depois, estavam casados. Theron e Piers compareceram, e Patrice foi a única testemunha da cerimônia.

Após os trâmites legais, Piers lhe desejou as boas-vindas à família de maneira reservada enquanto Theron foi mais efusivo.

– Você o faz muito feliz, irmãzinha – murmurou ele enquanto a puxava para um abraço.

Marley exibiu um sorriso tímido, mesmo sabendo que Theron não se deixaria enganar com isso.

Pouco depois, os dois irmãos de Chrysander partiram. Theron, para a Inglaterra, e Piers, para o Rio de Janeiro, a fim de supervisionar os planos para a construção do novo hotel. Patrice retornou a Atenas, onde se encontraria com o dr. Karounis. Embora Chrysander quisesse esperar mais um dia, antes de viajarem para a Grécia, Marley não abriu mão de partirem tão logo a cerimônia acabasse. Queria retornar à ilha, ao lugar onde fora feliz mesmo que por um curto período de tempo. Nova York guardava muitas lembranças desagradáveis e queria apenas se afastar dali.

Chrysander a acomodou no jato particular e insistiu para que ela dormisse durante toda a viagem. Era tarde quando aterrissaram e ainda mais tarde quando o helicóptero tocou o solo da ilha.

Entretanto Marley se sentia aliviada por estar em casa.

Chrysander a carregou nos braços para dentro da casa e não a soltou até que estivessem no quarto. Sentou-a sobre a cama e, em seguida, se ocupou em despi-la e colocá-la debaixo das cobertas.

Quando se deitou ao lado dela e se limitou a segurá-la nos braços com delicadeza, como se estivesse com medo de tocá-la, Marley franziu a testa na escuridão. Ergueu o corpo e esticou o braço por sobre Chrysander para acender a luz do abajur que ele apagara momentos antes.

– O que há de errado? – perguntou quando ela baixou o olhar para encará-lo.

Marley o estudou, observando as linhas que lhe vincavam os cantos dos lábios e a preocupação estampada nos olhos dourados. E então, naquele momento, percebeu que Chrysander estava com medo.

– Faça amor comigo – sussurrou Marley. Os olhos de Chrysander faiscaram como ouro líquido e um suspiro sonoro lhe escapou dos lábios. – Preciso que faça amor comigo.

– Tem de estar certa disso, *agape mou*. Não quero pressioná-la a fazer nada que não esteja preparada.

– Tenho certeza do que estou dizendo.

Com um gemido rouco, Chrysander a deitou e a fez cativa sob seu corpo. Cada beijo, cada toque expressava extrema ternura. Ele a tocava e acariciava com um cuidado reverente.

A camisola foi removida e, instantes depois, Chrysander deslizou a cueca boxer pelas pernas musculosas, em um movimento suave e preciso. O corpo forte, quente e excitado, cobriu o dela. O prazer a inundou em ondas, quando os lábios experientes se fecharam em torno de seu mamilo. Chrysander o sugou de leve, roçando a língua pela protuberância intumescida para, em seguida, aplicar o mesmo tratamento ao outro.

Uma das mãos longas se espalmou, protetora, sobre o abdome avantajado e em seguida a puxou contra o corpo enquanto a boca quente e sensual imprimia uma trilha de beijos ardentes pelo pescoço, até lhe capturar os lábios.

– *S'agapo, pedhaki mou, S'agapo* – murmurou ele com uma voz tão rouca e com tanta emoção que fez lágrimas brotarem nos olhos de Marley.

– Por favor – suplicou ela enquanto Chrysander se movia por seu corpo. – Preciso de você.

Com uma única e lenta investida, ele a penetrou. Os movimentos cuidadosos e calculados. Mas ela não queria ser tratada com tanto zelo. Desejava-o por completo. Portanto, arqueou os quadris e enroscou as pernas em torno da cintura reta.

Soluços de desejo e prazer lhe escapavam da garganta e, pela primeira vez, a dor minimizou a uma lembrança distante. Era como se existisse apenas aquele momento e o homem que amava.

Com uma velocidade alucinante, ela escalou a montanha do prazer e despencou em queda livre no êxtase. Chrysander estava lá para segurá-la, puxando-a de encontro ao corpo e murmurando palavras de amor contra seus lábios.

Marley se aninhou no casulo protetor daquele abraço quase se fundindo a ele. Precisava daquela proximidade. Precisava dele.

– Não me deixe – sussurrou ela.

– Nunca, *agape mou* – prometeu Chrysander, acariciando-lhe os cabelos, as costas, o abaulamento do abdome enquanto ela flutuava para o sono. A última coisa que ouviu foi ele dizer que a amava.

MARLEY ESCORREGOU para fora da cama e vestiu o robe para cobrir a nudez. Chrysander ainda dormia profundamente. O braço esticado como se o estendesse para segurá-la.

Haviam feito amor durante quase toda a noite. Por fim, imergiram em um sono exausto pouco antes da madrugada. Marley ainda sentia o corpo formigar com o toque, os lábios e as carícias ternas daquele homem. Observando-o, soube que não poderia esperar mais. Não poderia continuar torturando os dois. Suas incertezas haviam se dissipado. Os temores teriam o mesmo destino com o tempo.

Marley desceu a escada com um sorriso tristonho ao se lembrar da comoção que Chrysander faria pelo fato de não tê-lo esperado.

Após uma parada na cozinha, onde comeu uma rosquinha e bebeu um copo de suco, se aventurou até a sala de estar para apreciar a vista do oceano.

Foi lá que Chrysander a encontrou. Deslizou os braços em torno do corpo de Marley, espalmando-as sobre o abdome protuberante e lhe beijou a curva do pescoço.

– Levantou-se cedo, *agape mou*.

– Estava pensando – murmurou ela, girando nos braços fortes para encontrar o olhar preocupado de Chrysander.

Os dois se olharam nos olhos por um longo tempo e, por fim, ele disse com voz rouca:

– Acha que terei a chance de ser amado por você? Ou arruinei essa possibilidade para sempre?

O olhar de Marley suavizou e o coração se inundou mais uma vez com o amor que transbordava em seu peito. Amor e perdão.

– Eu já o amo – retrucou com voz suave. A surpresa varou o semblante de Chrysander, seguida de perto pela dúvida. – Sempre o amei. Desde o instante em que o vi pela primeira vez, jamais existiu outro homem para mim. E nunca existirá.

– Você me ama? – perguntou ele, maravilhado. A esperança florescendo nos olhos âmbar.

– Não podia revelar meus sentimentos antes – explicou ela. – Não em Nova York, quando tudo estava tão confuso. Não teria acreditado se eu tivesse confessado meu amor logo depois que revelou o seu. Queria voltar para cá, onde fomos felizes. Queria que nossa vida começasse aqui.

Chrysander a envolveu nos braços, puxando-a contra o corpo trêmulo. A voz embargada pela emoção quando murmurou palavras de amor em grego. Ele alternava entre a língua natal e o inglês enquanto professava seu amor e lhe dizia o quanto lamentava a dor que lhe causara.

Em seguida, ergueu-a nos braços e a carregou pela escada de volta para a cama, onde fez amor com Marley de forma doce e apaixonada outra vez. Mais tarde, encostou-a ao corpo e lhe acariciou os cabelos.

– Eu a amo tanto, *yineka mou*. Não mereço seu amor, mas sou muito grato por tê-lo. Passarei o resto da vida zelando por esse sentimento. Eu lhe juro.

Marley o abraçou.

– Eu também o amo. Muito. Seremos muito felizes juntos. Eu o farei feliz.
E Marley cumpriu a promessa.

Epílogo

POR IRONIA do destino, Marley descobriu que estava em trabalho de parto quando se encontrava no meio da escada. Sozinha. Segurou no corrimão e dobrou o corpo para a frente quando uma forte contração lhe varou o ventre. O trabalho de parto não era para começar de modo lento?

Marley teve vontade de soltar uma risada pelo fato de o destino a estar castigando por se esgueirar pela escada sem que Chrysander soubesse.

Embora ele tivesse concordado em deixá-la transitar sozinha pela escada nos estágios iniciais da gravidez, agora que Marley estava se aproximando da data provável do parto, Chrysander voltara a insistir para que ela não descesse nem subisse os degraus sem que alguém a acompanhasse.

Agora enlouqueceria sabendo que ela estava com nove meses de gravidez e, a julgar pela dor em seu ventre, prestes a dar à luz.

Marley se deteve em um dos degraus, segurando no corrimão e inspirando rapidamente e repetidas vezes. Teria gritado se não estivesse tão ocupada puxando o ar para dentro dos pulmões. Além disso, Chrysander estava ocupado com uma infinidade de ligações telefônicas devido à relocação de Theron nos escritórios de Nova York. O irmão estava assumindo as operações naquela cidade para que Chrysander pudesse permanecer na Europa. Os dois estavam em contato havia horas, discutindo

medidas de segurança, já que os sequestradores de Marley ainda estavam à solta.

Quando Marley ouviu passos atrás dela, aprumou a coluna e conjurou seu melhor semblante como se nada estivesse errado. Relanceou um olhar cheio de culpa a Chrysander, que se encontrava parado no topo da escada, com uma expressão de desaprovação a lhe alterar as feições.

Em seguida, ele começou a descer os degraus, durante todo o tempo resmungando em grego.

– O que devo fazer com você, *agape mou*? – perguntou quando a alcançou.

– Levar-me para o hospital? – perguntou com voz fraca, dobrando o corpo mais uma vez sob o efeito de uma nova contração.

– Marley! *Pedhaki mou*! Está em trabalho de parto? – Chrysander nem ao menos esperou pela resposta, não que precisasse de uma. Ergueu-a nos braços e desceu a escada em disparada, gritando para o piloto do helicóptero, que se encontrava permanentemente na ilha durante as duas últimas semanas esperando por tal evento. – Não se preocupe, minha querida. Nós a levaremos para o hospital em tempo recorde.

– Querida? – Marley soltou uma risada que terminou em um gemido de dor. – Isso dói! – O rosto de Chrysander estava pálido quando subiu no helicóptero com ela nos braços. – Não lhe dou permissão de usar tratamentos carinhosos em inglês – disse ela ofegante. – Em grego fica muito mais sexy.

– *Pedhaki mou. Yineka mou. Agape mou* – sussurrou ele no ouvido de Marley. Minha pequena, minha mulher, meu amor.

– Assim está muito melhor. – Ela sorriu e voltou a exibir uma careta de dor quando o helicóptero decolou. Chrysander estava uma pilha de nervos durante todo trajeto. O piloto pousou no heliponto do hospital e uma equipe médica a estava aguardando para admiti-la.

Dentro de apenas uma hora, com Chrysander pairando ao lado de Marley e lhe segurando a mão, Dimitri Anetakis veio ao mundo para a euforia de seus pais.

– Ele é lindo, *agape mou* – murmurou Chrysander inclinando-se na direção da mãe e do filho. Dimitri estava se alimentando, satisfeito, no seio de Marley, cena que o pai observava, fascinado.

– Ele é perfeito – concordou ela extasiada. – Ah, meu amor, tudo está tão perfeito!

Chrysander a beijou com ternura, o amor que sentia pela esposa lhe transbordando o coração.

– *S'agapo, yineka mou.*

Marley lhe tocou o rosto e sorriu.

– *S'agapo, Chrysander. Para sempre.*



COLEÇÃO PRIMEIROS SUCESSOS

Romances que consagraram autoras de sucesso da Harlequin.

TODOS OS MESES
NAS BANCAS

Lançamento!

Edição
48

BARBARA DELINSKY

*Autora da lista de best sellers do *The New York Times**

AMEAÇAS & PROMESSAS

Antes do acidente – e da cirurgia – os homens mal notavam Lauren Stevenson.

De repente, ela se torna uma mulher muito requisitada.

Especialmente por Matt Kruger.

Qual será a verdadeira intenção dele?

Identidade trocada... Ou realidade? Após passar por uma cirurgia plástica e abrir uma loja com uma amiga, tudo o que Lauren procura é um novo começo. Até que coisas estranhas começam a acontecer. Ela quase é atropelada por um carro desgovernado. Depois, é atacada por um cão raivoso. De algum modo inexplicado, diversos objetos desaparecem de sua casa. Logo em seguida, Matt Kruger surge em sua vida. Ele é bonito, cativante, e diz ser amigo do irmão dela. Mas por que Matt apareceu justo agora? Afinal, o irmão de Lauren morreria havia mais de um ano...

 **HARLEQUIN®**
www.harlequinbooks.com.br

Siga nossas redes sociais, conheça nossos lançamentos e participe de nossas promoções em tempo real!

[Twitter.com/harlequinbrasil](https://twitter.com/harlequinbrasil)

[Facebook.com/HarlequinBooksBrasil](https://facebook.com/HarlequinBooksBrasil)



COLEÇÃO PRIMEIROS SUCESSOS

Romances que consagraram autoras de sucesso da Harlequin.

TOCOS OS MESES
NAS BANCAS

Próximo Lançamento!

Edição
49

DIANA PALMER

Autora da lista de best sellers do *The New York Times*.

Desafio de uma Vida

Um solitário de coração endurecido.

Nascido em uma família de rancheiros, Harden Tremayne poderia ser considerado o homem mais rude e selvagem de todo o Texas. E também o mais solitário. Pelo menos, até conhecer Miranda Warren, uma adorável viúva vinda de Chicago que despertou nele sentimentos há muito tempo sufocados. E também o agonizante desejo por uma mulher que jamais poderia pertencer a ele. Miranda nunca sentira algo tão arrebatador quanto a paixão por aquele caubói alto e esguio. Seria o amor de Miranda suficiente para amaciar um coração seco e, ao mesmo tempo, tão sedento de carinho?

Siga nossas redes sociais, conheça nossos lançamentos e participe de nossas promoções em tempo real!

[Twitter.com/harlequinbrasil](https://twitter.com/harlequinbrasil)

[Facebook.com/HarlequinBooksBrasil](https://facebook.com/HarlequinBooksBrasil)

LANÇAMENTO

 HARLEQUIN®

TODOS OS MESES
NAS BANCAS

 flor
da pele



Siga nossas redes sociais, conheça nossos lançamentos e participe de nossas promoções em tempo real!

[Twitter.com/harlequinbrasil](https://twitter.com/harlequinbrasil)

[Facebook.com/HarlequinBooksBrasil](https://facebook.com/HarlequinBooksBrasil)

PRÓXIMO LANÇAMENTO



Reinas do Romance

*Autoras e histórias consagradas nas principais listas
de best sellers internacionais.*

Edição
90

TODOS OS MESES
NAS BANCAS

Oferta Tentadora

SUSAN MALLERY

Autora da lista de best sellers do *The New York Times*

Dote de um milhão de dólares...

Todd Aston III era precedido por sua reputação. Ele usava o poder do mesmo modo que vestia ternos caros e de corte impecável. Marina Nelson havia prometido ajudar nos preparativos para o casamento entre sua irmã e o primo de Todd. De algum modo, entre as provas do vestido e a escolha do bolo, Marina descobriu que desejava Todd, e que ele também a queria! Desprovida de forças para impedir o inevitável, quanto mais se apaixonava por Todd, mais percebia o desprezo dele por mulheres em busca de maridos. O dote oferecido pela avó de Marina, entretanto, era uma oferta por demais tentadora para ser desprezada...



HARLEQUIN®

www.harlequinbooks.com.br

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

B17t

Banks, Maya

Traição [recurso eletrônico] / Maya Banks; tradução Vera Vasconcelos. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Harlequin, 2014.

recurso digital

Tradução de: The Tycoon's Pregnant Mistress

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-398-1460-2 (recurso eletrônico)

1. Romance americana. 2. Livros eletrônicos. I. Vasconcelos, Vera. II. Título.

14-11436

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

PUBLICADO MEDIANTE ACORDO COM HARLEQUIN BOOKS S.A.

Todos os direitos reservados. Proibidos a reprodução, o armazenamento ou a transmissão, no todo ou em parte.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Título original: THE TYCOON'S PREGNANT MISTRESS

Copyright © 2009 by Maya Banks

Originalmente publicado em 2009 por Silhouette Desire

Arte-final de capa:

Isabelle Paiva

Produção do arquivo ePub: Ranna Studio

Editora HR Ltda.
Rua Argentina, 171, 4º andar
São Cristóvão, Rio de Janeiro, RJ — 20921-380

Contato:
virginia.rivera@harlequinbooks.com.br

Capa

Querida leitora

Rosto

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Epílogo

Próximos lançamentos

Créditos